



RAFAELA FERNANDA BARBOSA DE SIQUEIRA

**CARREIRA NO ESPORTE: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE
ATLETAS PARALÍMPICOS**

LAVRAS-MG
2019

RAFAELA FERNANDA BARBOSA DE SIQUEIRA

**CARREIRA NO ESPORTE: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS
PARALÍMPICOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle
Orientadora

Profa. Dra. Michelle Aline Barreto
Coorientadora

LAVRAS-MG
2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Siqueira, Rafaela Fernanda Barbosa de.

Carreira no esporte: trajetórias de vida de atletas paralímpicos /
Rafaela Fernanda Barbosa de Siqueira. - 2019.

85 p.

Orientador(a): Mônica Carvalho Alves Cappelle.

Coorientador(a): Michelle Aline Barreto.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2019.

Bibliografia.

1. Carreira. 2. Trabalho. 3. Esporte paralímpico. I. Cappelle,
Mônica Carvalho Alves. II. Barreto, Michelle Aline. III. Título.

RAFAELA FERNANDA BARBOSA DE SIQUEIRA

CARREIRA NO ESPORTE: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS PARALÍMPICOS

CAREER IN SPORTS: LIFE STORIES OF PARALYMPIC ATHLETES

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 29 de abril de 2019.
Dra. Flaviana Andrade de Pádua Carvalho UFLA
Dra. Maria José Menezes Brito UFMG

Profª. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle
Orientadora

Profª. Dra. Michelle Aline Barreto
Coorientadora

LAVRAS-MG
2019

*Aos meus amados, minha mãe e meu irmão, por abraçarem
as minhas decisões. Vocês são comigo, parte disso também.*

Dedico

AGRADECIMENTOS

A todos do PPGA UFLA, ao Núcleo de Estudos em Organizações, Gestão e Sociedade (NEORGS). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de mestrado e à Fapemig. E aos professores do mestrado por todos os compartilhamentos.

À professora Mônica Carvalho Alves Cappelle, pela orientação, paciência, aprendizagem, confiança e apoio durante o mestrado.

À professora Michelle Aline Barreto, pela coorientação, pelos conhecimentos e experiências os quais foram preciosos para a pesquisa.

As professoras participantes da banca de defesa pela disponibilidade e por todas as generosas contribuições.

Aos participantes desta pesquisa, que com gentileza cederam seu tempo e atenção, compartilhando suas experiências de vida. Aprendi muito com vocês!

Agradeço aos amigos do mestrado, por todas as trocas, em especial à Isabela Grossi e à Pamella Magalhães, principalmente pela companhia, risadas, choros, preocupações e alegrias que dividimos.

Aos professores da UNIFAL campus Varginha, especialmente ao professor Adílio Miranda, pela oportunidade que me conduziu a vida acadêmica e pela parceria que posso sempre contar.

Agradeço ao meu pai, José Francisco (*in memoriam*) pela vida, à minha mãe, Mafalda, sua força, fé e coragem que a fizeram desatar nós, me inspiram. E ao meu irmão, Diego pela cumplicidade, carinho e suporte. Sou grata por acreditarem em mim.

À Ivone Colombo, por todo o apoio e amizade, doados com tanta generosidade.

A todos os meus amigos, que, com paciência, carinho e intercessão, souberam entender as minhas ausências. Sou grata por ter cada um em minha vida. As minhas amigas de longa data, Livia e Renata por acompanharem comigo mais essa jornada. À amizade de luz e alma que mesmo distante faz-se presente: Isabela Bujato. As amigas do movimento de Emaús de Lavras, pelas palavras sempre de apoio e as orações.

Agradeço a Deus, pela oportunidade da vida, por todos os encontros que tem contribuído para minha construção e por ter me proporcionado tudo que foi necessário para chegar até aqui.

GRATIDÃO!

*Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar.*

*Verso do poema de Antônio Machado – Cantares
Tradução de Maria Teresa Almeida Pina*

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo principal de compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos brasileiros, por meio de elementos de sua trajetória de vida. Para tanto, buscou-se atingir os seguintes objetivos específicos: contextualizar o esporte paralímpico no Brasil, identificar aspectos da dimensão objetiva da carreira, conhecer aspectos da dimensão subjetiva da carreira e, por fim, compreender o impacto do esporte em suas vidas e na vida de outras pessoas. Entende-se carreira como um fenômeno composto pelas dimensões objetiva e subjetiva que se inter-relacionam, observando, no caso deste estudo, questões que envolvem pessoas com deficiência, trabalho e o esporte. A condução da pesquisa se deu mediante método qualitativo em que se optou pela entrevista narrativa como técnica de coleta de dados. Foram realizadas entrevistas com seis ex-atletas paralímpicos brasileiros, juntamente com pesquisa documental sobre o esporte paralímpico. A natureza qualitativa da pesquisa possibilitou o tratamento dos dados por análise de conteúdo temática. Ao conhecer aspectos da dimensão objetiva da carreira no esporte paralímpico, apreendeu-se que não há uma estrutura predeterminada descrita formalmente para se desenvolver como atleta paralímpico. Entretanto, há uma expectativa quanto aos resultados do desempenho dos atletas, em que o máximo possível deve ser atingido para participação em competições mundiais e boas colocações nessas competições. Em relação aos aspectos da dimensão subjetiva da carreira, o esporte como possibilidade de desenvolvimento profissional, da percepção dos atletas foi percebido a partir da inserção nos altos níveis de competição. Em outras palavras, com a progressão do indivíduo, ainda que não significasse, inicialmente, retornos financeiros. Além disso, a carreira foi percebida pelos sujeitos da pesquisa como desenvolvimento pessoal, físico, cultural e interpessoal, proporcionando a reflexão sobre si mesmos, mas que também permite que outras pessoas reflitam e reavaliem suas percepções e expectativas a respeito delas. Contudo, a carreira no esporte pode ser também fonte de insegurança, uma vez que o tempo como atleta e o retorno financeiro são marcados pela incerteza. Como recomendações para pesquisas futuras, a investigação da carreira de atletas ou ex-atletas paralímpicos com deficiência adquirida apresenta-se com potencial, pois permitiria compreender tanto suas peculiaridades como suas aproximações com a presente pesquisa. A escolha por atletas ou ex-atletas paralímpicos de esportes coletivos também pode contribuir com os estudos sobre carreiras, uma vez que permitiria conhecer também essa realidade. As reflexões desta pesquisa contribuem com os estudos da área de Organizações, Gestão e Sociedade, buscando ampliar a compreensão sobre a gestão de carreiras no contexto social e, conseqüentemente, as dinâmicas e relações mais amplas que as envolvem.

Palavras-chave: Carreira. Trabalho. Pessoas com deficiência. Esporte paralímpico.

ABSTRACT

This work was carried out with the main objective of understanding the career of former athletes Brazilian Paralympic, through elements of their life trajectory. In order to achieve this, the following specific objectives were pursued: contextualizing Paralympic sport in Brazil, identifying aspects of the objective career dimension, knowing aspects of the subjective career dimension, finally, understanding the impact of sport on their lives and life from other people. Career is understood as a phenomenon composed by the objective and subjective dimensions that are interrelated, observing, in the case of this study, issues involving people with disabilities, work and sports. The research was conducted using a qualitative method in which the narrative interview was chosen as technique of data collection. Interviews were conducted with six former athletes Brazilian Paralympic, along with documentary research on Paralympic sport. The qualitative nature of the research made possible the treatment of the data by analysis of thematic content. By knowing aspects of objective career dimension in the Paralympic sport, it was understood that there is no predetermined structure formally described to develop as a Paralympic athlete. However, there is an expectation as to the performance of athletes, wherein the maximum possible should be reached for participation in world competitions and good placements in these competitions. Regarding aspects of the subjective career dimension, the sport as a possibility for professional development, from the perception of the athletes had got that from the insertion in the high levels of competition. In other words, with the individual progression, even if it did not mean, initially, financial returns. In addition, the career was perceived by the research subjects as personal, physical, cultural and interpersonal development, providing reflection on themselves, but also allows others to reflect and re-evaluate their perceptions and expectations about them. However, career in sport can also be a source of insecurity, since time as an athlete and financial return are marked by uncertainty. As recommendations for future research, the investigation of the career of athletes or former athletes Paralympic with acquired disabilities presents with potential, as it would allow understanding both their peculiarities and their approximations with the present research. The choice of athletes or former athletes Paralympic of collective sports can also contribute to the studies on careers, since it would also allow knowing this reality. The reflections of this research contribute to studies in the area of Organizations, Management and Society, seeking to broaden the understanding of career management in the social context and, consequently, the dynamics and broader relations that involve them.

Keywords: Career. Work. People with disabilities. Paralympic sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Síntese Teórica.....	27
Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	32
Quadro 2 – Categorias analisadas.....	36

LISTA DE SIGLAS

ABDC	Associação Brasileira de Desporto para Cegos
ABDA	Associação Brasileira de Desporto para Amputados
Abdem	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais
Abradecar	Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas
ABRC	Associação Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas
Ande	Associação Nacional de Desporto de Excepcionais
CBBC	Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas
CBBD	Confederação Brasileira de Badminton
CBC	Confederação Brasileira de Ciclismo
CBCa	Confederação Brasileira de Canoagem
CBDG	Confederação Brasileira de Desportos no Gelo
CBDI	Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais
CBDN	Confederação Brasileira de Desportos na Neve
CBDV	Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais
CBH	Confederação Brasileira de Hipismo
CBR	Confederação Brasileira de Remo
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
CBTarco	Confederação Brasileira de Tiro com Arco
CBTM	Confederação Brasileira de Tênis de Mesa
CBTri	Confederação Brasileira de Triathlon
CBVA	Confederação Brasileira de Vela Adaptada
CBVD	Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes
CISS	Comité International des Sports des Sourds
COB	Comité Olímpico Brasileiro
CPB	Comité Paralímpico Brasileiro
EnANPAD	Encontro da Associação de Pós-graduação e pesquisa em Administração
EnGPR	Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
ICC	International Co-coordinating Committee Sports for the World
IFAPA	Federação Internacional de Atividade Física Adaptada
IPC	International Paralympic Committee
ISMGF	International Stoke Mandeville Games Federation
ISOD	Internacional Sports Organization for the Disabled

JP	Jogos Paralímpicos
NEORGS	Núcleo de Estudos sobre Organizações, Gestão e Sociedade
PNE	Política Nacional de Esporte
ReCaPe	Revista de Carreiras e Pessoas
SBEO	Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais
SemeAd	Seminários em Administração da Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	6
2.1 Objetivo geral.....	6
2.2 Objetivos específicos.....	6
3. JUSTIFICATIVAS	6
4. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4.1 Carreiras	9
4.1.1 Fundamentos dos estudos sobre carreiras	9
4.1.2 Modelos e tipos de carreiras	10
4.1.3 Perspectivas, o contexto e dimensões	12
4.2 Esporte e pessoas com deficiência	18
4.2.1 Pessoas com deficiência: conceitos e concepções	18
4.2.2 Esporte, trabalho e carreira	21
5. PERCURSO METODOLÓGICO.....	27
5.2 Natureza da pesquisa	27
4.2 A Entrevista narrativa como técnica de coleta de dados	28
5.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	30
5.4 Caminho Percorrido.....	31
5.5 Tratamento e análise dos dados	34
6. A CARREIRA NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE EX-ATLETAS PARALÍMPICOS	35
6.1 O Esporte paralímpico brasileiro.....	35
6.1.1 Breve contextualização histórico-social.....	36
6.1.2 Modalidades e classificação funcional no esporte paralímpico.....	41
6.2 Aspectos da dimensão objetiva da carreira: percepções dos ex-atletas.....	44
6.2.1 Investimentos financeiros: recursos como “ajuda”.....	44
6.2.2 Estrutura, treinamento e competições	47
6.2.3 Classificação funcional: o início no esporte paralímpico	48
6.3 Aspectos da dimensão subjetiva da carreira no esporte paralímpico	51
6.3.1 Motivações: para além da carreira	51
6.2.2 Interpretações e significados sobre a carreira no esporte paralímpico	55
6.4 Impactos da carreira na trajetória de vida de ex-atletas paralímpicos.....	58
6.3.1 Impactos na vida dos ex-atletas e na vida de outras pessoas.....	58

6.3.2 O tempo no esporte durante a trajetória de vida: ruptura ou continuidade?	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A	85

1. INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, buscou-se compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos brasileiros por meio de elementos de sua trajetória de vida. A principal abordagem teórica está no pressuposto de que a carreira é constituída pelas dimensões objetiva e subjetiva na qual são interligadas, e ao serem interpretadas, geram diferentes percepções a respeito da carreira.

Assume-se, assim, o esporte como possibilidade de desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, como uma atividade laboral, conforme discutido em Campo, Cappelle e Maciel (2017); no caso, para as pessoas com deficiência. Isso situa a pesquisa no âmbito dos Estudos Organizacionais, tratando de compreender como o fenômeno da carreira ocorre no grupo escolhido para esta pesquisa.

Percebe-se, dessa forma, a importância dos estudos sobre carreira para o campo buscando investigar os significados dos acontecimentos e comportamentos na esfera das práticas organizacionais, que estão em constante mudança e, portanto, cada vez mais complexas.

Com as diversas transformações ao longo do tempo nas sociedades e nas organizações, pode-se dizer que os significados sobre carreira também seguiram tal fluxo. Nesse sentido, a carreira, que normalmente relaciona-se à profissão, ao ofício ou à função, passa a englobar outros aspectos da vida não só importantes, mas indispensáveis para que se possibilite sua maior compreensão, aproximando-se da realidade mais intrincada que envolve os seres humanos.

Fatores como o aumento de níveis de instrução, a elevação da presença de mulheres no mercado de trabalho, a flexibilização dos meios de trabalho, a globalização da economia, entre outros (CHANLAT, 1995; ARAÚJO; SACHUK, 2007) contribuíram para que as questões que permeiam o indivíduo e suas relações ficassem cada vez mais complexas; sobretudo, no que diz respeito ao trabalho. Por isso, ao incluir elementos relacionados à percepção dos indivíduos, o conceito de carreira pode permitir uma observação mais ampla para as pesquisas (MOORE; GUNZ; HALL, 2007; JONAS; DUNN, 2007), o que tem sido proposto no âmbito dos estudos organizacionais e de gestão de pessoas.

O eixo temático sobre trabalho da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO) está denominado como “Trabalho: organização, processo e relações”. Em sua descrição, fica evidente os pontos principais a serem tratados dentro da temática: formas de organização do trabalho, processo e relações resultantes do “fato gerador” do trabalho, buscando estudos que sejam provenientes de diferentes áreas do saber. Nos estudos sobre

carreira, podem ser tratadas questões que envolvem trabalho e seus desdobramentos em relação aos sujeitos, organizações e contextos sociais.

Assim, possibilita-se a ampliação dos estudos sobre carreiras, buscando vincular a carreira para além de somente planos e programas de cargos e salários (CARVALHO, 2015), normalmente adotados em uma concepção tradicional de carreira (RIBEIRO, 2009). Isso porque, a carreira pode ser observada em diferentes aspectos que incluam a trajetória de vida tanto profissional como pessoal de cada um.

As transformações no contexto das sociedades refletem também na relação do indivíduo com o trabalho e, conseqüentemente, nas concepções de carreira. A concepção de carreira, segundo Ribeiro (2009), nasceu atrelada às empresas e às instituições em que normas, previsão e estabilidade eram consideradas características marcantes. Entretanto, cada vez mais, se percebe que a carreira tem novas configurações na contemporaneidade, à medida que também estão mais presentes no contexto atual a flexibilidade, a incerteza e a descontinuidade.

No que diz respeito ao esporte, há discussões que questionam sua legitimidade como meio de desenvolvimento de carreira (BROHM, 1993; ERICSSON *et al.*, 2006; SULLIVAN; BARUCH, 2009; CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2017). Tais discussões podem estar atreladas às características específicas da iniciação, do processo de desenvolvimento do atleta profissional e do encerramento relativamente precoce das competições de alto rendimento (TONI, 2003, SALMELA; MORAES, 2003; SANTOS; ALEXANDRINO, 2015; HAIACHI *et al.*, 2016). Também estão relacionadas à vinculação (ou não) do atleta as organizações esportivas, como clubes, associações, federações e confederações, questionando suas possíveis fontes de remuneração, que podem ser salários, incentivos governamentais e/ou patrocínios. Nesse sentido, o esporte profissional pode apresentar características relacionadas aos aspectos não convencionais da concepção de carreira, não deixando de conviver também com os convencionais, do ponto de vista da associação entre trabalho e estruturas organizacionais formais (BALASSIANO; VENTURA; FONTES-FILHO, 2004; BENDASSOLLI, 2009). O atleta, assim como outros profissionais, pode passar por situações de descontinuidade, insegurança, instabilidade no ambiente em que atua, como também pode viver momentos de estabilidade, continuidade e de previsibilidade.

Além disso, as escolhas que o atleta faz para desenvolver a sua carreira sofrem intervenções externas, como da família e do tipo de esporte escolhido, ou também influências mais amplas, de natureza política, sociocultural e econômica. Nesse sentido, a carreira pode ser

compreendida como um fenômeno, que envolve tanto questões do indivíduo como do contexto (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007).

No âmbito dos estudos organizacionais, observa-se desde o final da década de 70 o delineamento da abordagem sobre carreiras na contemporaneidade realizado por um grupo na *Academy of Management*, que no início dos anos 80 se tornou uma divisão completa (MOORE; GUNZ; HALL, 2007). No Brasil, tais estudos estão ganhando notoriedade no meio acadêmico brasileiro no que diz respeito à área de administração, como pode ser observado com a criação da Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe), específica sobre o campo, em 2011. E também a partir da inclusão como tema na área temática de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho em eventos reconhecidos entre os pesquisadores de Administração no Brasil, como o Encontro da Associação de Pós-graduação e pesquisa em Administração (EnANPAD), o Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de trabalho (EnGPR) e o Seminários em Administração da Universidade de São Paulo (SemeAd). Entretanto, a relação entre os temas carreira e esporte ainda não é muito explorada no âmbito da administração¹.

Foram identificados alguns estudos realizados fora do Brasil sobre carreiras², e precisamente, de pessoas com deficiência no esporte. Identificou-se que a carreira no esporte paralímpico tem sido investigada da percepção de treinadores e de atletas, mas de áreas como saúde e psicologia. Barnet *et al.* (2015) buscaram abrir linhas de investigação com relação à psicologia positiva no esporte, ao analisarem seu enfoque na atuação do técnico de esportes adaptados. Beldame, Lantz e Marcellini (2016) buscaram revelar as possíveis mudanças ou transformações no curso da vida e a identidade que pode ser gerada por esportistas, categorizados como intelectualmente deficientes, em uma carreira como "atleta esportivo" de alto nível e seu progresso. Samuel, Tenenbaum e Bar-Meher (2016) examinaram as características pessoais de atletas e técnicos, percepções e conclusões obtidas dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Fairhurst, Bloom e Harvey (2017) buscaram explorar as percepções dos treinadores paraolímpicos de suas experiências educacionais e de aprendizagem, incluindo suas oportunidades formais e informais de orientação. Já Douglas,

¹ No intuito de encontrar pesquisas que relacionassem os temas carreira e esporte, foram realizadas buscas nos sites da revista ReCaPe e nos eventos EnANPAD, EnGPR e SemeAd a partir do ano de 2009. Na revista, somente um artigo foi encontrado, publicado em 2011, no primeiro volume, número 02, mas relacionado também a outros profissionais, como os artistas, indicando possibilidades de estudos na Administração (OLIVEIRA, 2011). Nos eventos, foi encontrado somente um artigo, apresentado no EnANPAD do ano de 2016 (CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2017), na forma de um ensaio teórico que reflete sobre o esporte de alto rendimento a partir da perspectiva do trabalho, da profissão e da carreira.

² Pesquisa realizada nas bases Web of Science, Scielo e nos periódicos internacionais de referência sobre carreiras.

Falcão e Bloom (2018) tiveram como objetivo adquirir conhecimento a respeito do desenvolvimento da carreira e formas de aprendizado de técnicos Paralímpicos que competiram anteriormente como atletas Paralímpicos.

No Brasil, há o reconhecimento de três diferentes tipos de manifestações do esporte: educacional, de participação e de alto rendimento. O último relaciona-se diretamente à busca por resultados e integração de atletas, representando, dessa forma, o caráter profissional do esporte. Nesse sentido, os Jogos Paralímpicos³ apresentam-se como um dos eventos mais popularmente conhecidos do esporte profissional em que se reconhece a prática esportiva como possibilidade de desenvolvimento de carreira para pessoas com deficiência (SILVA, 2015; BARRETO, 2016; CASTRO *et al.*, 2017; TONON, 2017).

O número de atletas paralímpicos que representa o Brasil em jogos teve aumento crescente desde os anos 1992. Na ocasião, 43 atletas (33 homens e 10 mulheres) competiram pelo país em Barcelona e, nos últimos Jogos Paralímpicos, sediados no Rio de Janeiro em 2016, o número foi de 278 atletas convocados (181 homens e 97 mulheres) (CPB, 2010, 2016). O percentual de atletas paralímpicos brasileiros na competição cresceu em aproximadamente 546%, em 24 anos, enquanto o aumento da participação total de atletas paralímpicos, no mesmo período, foi de aproximadamente 43,26% (de 3021 para 4328) (CPB, 2010, 2016; IPC, 2018). Essa informação indica que a participação brasileira sobressaiu-se em relação à soma total de atletas paralímpicos entre todos os países participantes.

Dessa forma, verifica-se que o esporte profissional para pessoas com deficiência ganhou visibilidade nos últimos anos e, no Brasil, especialmente, pelo destaque de atletas que participam de competições pelo mundo, e também pelos incentivos financeiros de entidades governamentais (BEGOSSEI; MAZO, 2016). Desde 2006, passou a vigorar a Lei nº 11.438 de 2006, conhecida também como Lei de Incentivo ao Esporte, que possibilita o investimento em projetos esportivos e paradesportivos aprovados pelo Ministério do Esporte, por empresas (até 1%) e também por pessoas físicas (até 6%) de parte do valor que pagariam em Imposto de Renda (BRASIL, 2006).

A Lei 10.264/2001, também chamada de Agnelo/Piva, confere modificações importantes, para a Lei Pelé⁴, principalmente no que diz respeito ao financiamento do Esporte Olímpico e Paralímpico, com a garantia de renda permanente ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (REIS, 2014). Ainda no que se refere a tal

³ Optou-se por seguir a recomendação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para a utilização do termo “paralímpico” em substituição de “paraolímpico” como também o fizeram outros autores (BENFICA, 2012; BARRETO, 2016).

⁴ Lei nº 9.615/1998 que institui normas gerais sobre o desporto.

lei, os valores percentuais tiveram alteração a partir de 2016, baseado na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência⁵ (BRASIL, 2015). O investimento no esporte paralímpico aumentou substancialmente, uma vez que inicialmente eram repassados 15%, do total de 2% da arrecadação das Loterias Caixa, passa para 37,07% do total de 2,7% arrecadados.

Especificamente, para atletas de alto rendimento, em 2004, por meio da Lei nº 10.891, foi instituída a Bolsa-Atleta. O beneficiário assina o contrato, com validade de doze meses, e recebe uma bolsa mensal com valor atribuído conforme a categoria a que pertence. Como disposto no site do Ministério do Esporte, as categorias e seus respectivos valores são: Atletas de base (R\$ 370,00); Atleta estudantil (R\$ 370,00); Atleta Nacional (R\$ 925,00); Atleta Internacional (R\$ 1850,00) e Atleta Olímpico/Paralímpico (R\$ 3100,00) (BRASIL, 2018). Ainda que não tenha ações voltadas especificamente para o esporte para pessoas com deficiência, o Ministério do Esporte reconhece, por meio de sua política, que atletas com e sem deficiência são beneficiados (REIS, 2014).

A carreira na perspectiva do esporte apresenta-se como um tema amplo, com inúmeras possibilidades de estudo, como, por exemplo, com atletas com algum tipo de deficiência. A prática de esportes por pessoas com deficiência tem sido estudada como um meio de reabilitação, socialização e empoderamento (RIBEIRO, 2009; CARDOSO, 2011; BENFICA, 2012; PEREIRA *et al.*, 2013), e também, como uma modalidade de prática esportiva em competições locais, regionais, nacionais e internacionais (ROSADA, 2000; TEODORO, 2006; CAMONA, 2015; SILVA, 2015).

A pessoa com deficiência, dessa forma, pode encontrar no esporte não só um espaço para reabilitação, mas também uma forma de inclusão social, autonomia e independência e de superação de seus limites. Contudo, deve-se considerar a construção sócio-histórica das percepções sociais em relação às pessoas com deficiência. Para Goffman (2008), estigma é quando em determinadas circunstâncias um indivíduo pode não ser aceito socialmente, por causa de determinado atributo que é reconhecido como motivo para seu afastamento. Nesse sentido, tem-se a categorização social do indivíduo dentro da sociedade e pode ser observado no contexto histórico das sociedades, em específico, em relação às pessoas com deficiência. Entretanto, o reconhecimento social das vitórias obtidas por atletas de alto rendimento contribui tanto para identificá-los como heróis e ídolos, como também para servirem de inspiração para outras pessoas com deficiências (ROSADA, 2000; BENFICA 2012).

⁵ Lei 13.146, de 6 de junho de 2015.

As várias questões relacionadas ao esporte paralímpico permitem analisá-lo tendo por base o conceito de carreira, que compreende as dimensões objetiva e subjetiva, em que a primeira permite identificar as questões macro da sociedade e aquelas relacionadas às normas que permeiam o contexto da atividade laboral. Já a segunda dimensão relaciona-se às experiências dos atletas e à maneira como compreendem e agem diante dos acontecimentos ao longo da vida. Essa análise da carreira pelas dimensões objetiva e subjetiva engloba os níveis organizacional e individual (BENDASSOLLI, 2009; RIBEIRO, 2009).

Diante do exposto, buscou-se responder à seguinte questão: como os ex-atletas percebem sua carreira no esporte paralímpico?

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos brasileiros por meio de elementos de sua trajetória de vida.

2.2 Objetivos específicos

- 1) Contextualizar o esporte paralímpico no Brasil;
- 2) Identificar aspectos da dimensão objetiva da carreira;
- 3) Conhecer aspectos da dimensão subjetiva da carreira; e
- 4) Compreender o impacto do esporte em suas vidas e na vida de outras pessoas.

3. JUSTIFICATIVAS

A pesquisa é relevante do ponto de vista acadêmico, institucional, social e pessoal. Do ponto de vista acadêmico, na presente pesquisa, o objetivo é contribuir para o campo de estudos sobre carreiras e, conseqüentemente, para os estudos organizacionais e de gestão de pessoas. Uma das contribuições está, principalmente, na escolha metodológica. A pesquisa qualitativa representa a possibilidade de um estudo em que se busca maior aproximação do fenômeno, no caso, a carreira no esporte paralímpico, permitindo análises mais abrangentes e aprofundadas, identificando questões objetivas e subjetivas, individuais e contextuais. Nesse sentido, é possível analisar a carreira a partir de uma perspectiva micro de seus processos, por

meio de questões como motivação, desejos, intenções, valores e significados, bem como de uma perspectiva macro, como a existência de estruturas e sistemas (BENDASSOLLI, 2009). Assim, ao estudar o fenômeno, reconhece-se a relação dialética entre o social e o individual, representando um esforço de pesquisa que busca contribuir para estudos mais interdisciplinares do campo (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989; MOORE; GUNZ; HALL, 2007).

Ainda, têm crescido os estudos no campo da administração sobre pessoas com deficiência, cujas investigações tratam de diferentes questões. Essas temáticas abordadas no âmbito dos estudos organizacionais e de gestão de pessoas envolvem, principalmente, a discussão sobre inclusão/inserção nas organizações e no mundo do trabalho (MOREIRA *et al.*, 2011; FERNANDES; MOURA; RIBEIRO, 2011; ROSA *et al.*, 2013; MIRANDA; CARVALHO, 2014; REZENDE; CARVALHO-FREITAS, 2014; JÚNIOR; LIMA; LIMA, 2014; SILVA; HELAL, 2015; FERREIRA; NETO, 2016; FREITAS; SILVA; HONÓRIO, 2016; JUNIOR; NUNES, 2016; MARQUES; MOREIRA; LIMA, 2017; MATALINARES; MARQUES, 2017; SILVEIRA, 2017), sobre a diversidade nas organizações (SUZANO *et al.*, 2011; CARVALHO-FREITAS *et al.* 2012; LIMA, 2014; ALMEIDA; MOURA; SANTOS, 2015; CASTRO *et al.*, 2015; SANTOS; ALEXANDRINO, 2015), sobre significações, sentido do trabalho e identidade (LIMA, 2017; LIMA; TAVARES, 2011; MOREIRA; CAPPELLE; CARVALHO-FREITAS, 2011), sobre assédio moral, preconceito e discriminação (IGLESIAS; CARVALHO-FREITAS; SUZANO, 2013; OLETO; SILVA; PAIVA, 2016), sobre qualificação (LIMA, 2013) e sobre qualidade de vida no trabalho (GASPAR *et al.*, 2012).

Grande parte dos estudos sobre as pessoas com deficiência que está relacionada ao trabalho tem abordado a questão da diversidade, da inserção e da inclusão em organizações reconhecidas como formais e formas de trabalho em ambientes vistos como tradicionais, em que se trabalha dentro do ambiente das organizações. Paiva *et al.* (2015) verificaram que estudos que pesquisam especificamente a carreira de pessoas com deficiência são recentes no contexto brasileiro.

Nesse sentido, a presente pesquisa se faz relevante, uma vez que pesquisou um tipo de carreira desenvolvida por pessoas com deficiência pouco investigada na administração: o esporte profissional. Além disso, o estudo tem potencial para contribuir com outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a sociologia e as ciências da saúde.

Do ponto de vista institucional, com a presente pesquisa, pode-se possibilitar a reflexão para o desenvolvimento de políticas públicas que deem suporte aos atletas do esporte

paralímpico no aperfeiçoamento profissional e pessoal, bem como na gestão de carreiras no âmbito das organizações esportivas. Isso por que a pesquisa pode reforçar a importância do esporte como uma atividade laboral tanto para as pessoas com deficiência, como também para as organizações e instituições da qual fazem parte. Em relação à gestão de pessoas de entidades e organizações esportivas que têm em seu quadro atletas com deficiência, pode fornecer informações importantes que contribuam para o reconhecimento de demandas específicas desse grupo, melhorando a sua gestão da atividade profissional.

Do ponto de vista social, ao possibilitar que pessoas relatem suas experiências de vida, conseqüentemente, permite-se conhecer e compreender os elementos que envolvem sua trajetória, tanto na dimensão individual como coletiva. A dimensão individual pode revelar questões próprias dos atletas do esporte paralímpico, mas que também podem reforçar ou mesmo contrastar com questões de outros atletas. Além disso, ao narrar sua história, o indivíduo a revisita, e pode refletir sobre ela, (re)significando-a. A dimensão social, por sua vez, pode apresentar questões de interesse coletivo, como valorização de atletas com deficiência, sobretudo, brasileiros. Além disso, as trajetórias de vida dos entrevistados podem servir como inspiração para outras pessoas com deficiência.

Por fim, do ponto de vista pessoal, primeiramente, houve identificação com o tema desta pesquisa, que se origina de um projeto maior desenvolvido no Núcleo de Estudos sobre Organizações, Gestão e Sociedade (NEORGS). Além de proporcionar o desenvolvimento intelectual, pois representa a oportunidade de experimentar novas experiências que podem ser agregadas aos conhecimentos anteriores, contribuiu para o crescimento tanto pessoal como profissional. E por isso contribuirá para futuras atividades, inclusive no desenvolvimento de novas pesquisas.

A pesquisa está organizada em seis tópicos, incluindo a introdução, os objetivos, e a presente justificativa. No quarto tópico, o referencial teórico, como fundamento da pesquisa, tendo como centro a carreira que envolve pessoas com deficiência, trabalho e o esporte. Os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa serão apresentados no tópico cinco. No tópico seis, os resultados e discussões, e por fim as considerações finais.

No próximo tópico, será apresentado o arcabouço teórico usado para as discussões do *corpus* da pesquisa.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está dividido em dois subtópicos: o primeiro, intitulado “Carreiras”, está subdividido em “Fundamentos dos estudos sobre carreira”, “Modelos e tipos de carreiras” e “Perspectivas, o contexto e as dimensões”; o segundo, “Esporte e pessoas com deficiência”, também subdividido em: “Pessoas com deficiência: conceitos e concepções” e “Esporte, trabalho e carreira”.

4.1 Carreiras

É possível estudar carreiras por diferentes abordagens; por isso, conceitos são diversos. Neste tópico, busca-se rever as origens dos estudos sobre carreira, os tipos e modelos existentes, e as perspectivas para os estudos sobre o tema, situando a presente pesquisa.

4.1.1 Fundamentos dos estudos sobre carreiras

A carreira é uma palavra com origem do latim, *via carraria*, com significado de estrada rústica para carros (MARTINS, 2001) ou caminhos de carros (CUNHA, 2010). A ideia de carreira relacionada à realização pessoal, ascensão financeira e social, segundo Chanlat (1995), surge durante o século XIX e está associada com a sociedade industrial, capitalista e liberal.

Moore, Gunz e Hall (2007) apontam duas tendências que fazem parte da visão geral do campo de importante influência para área: a primeira tendência parte das disciplinas de psicologia e sociologia que, inicialmente, foram consideradas como essenciais para a base de abordagens para estudos sobre a carreira; e a segunda tendência com acréscimo de influências de áreas como economia, antropologia, história, ciência política (MOORE; GUNZ; HALL, 2007).

A visão dos pesquisadores de cada uma das áreas nos estudos sobre carreira é indicada por Khapova e Arthur (2011). Do ponto de vista econômico, os estudos da carreira têm-se ocupado com categorias relacionadas ao trabalho físico e mental na produção de bens e serviços; o capital humano, ponderando conhecimentos e habilidades do indivíduo ao produzir, e o empreendedorismo, como a competência de agregar recursos para melhor produzir ou prestar um serviço (KHAPOVA; ARTHUR, 2011).

Segundo Khapova e Arthur (2011), do ponto de vista sociológico, nos estudos sobre carreira, preocupa-se em dar significado à ação social, proporcionando entendimento das causas de determinada ação e seus resultados. Para sociólogos da Escola de Chicago, a carreira diz respeito à interpretação que cada indivíduo realiza de suas situações profissionais e das configurações institucionais de participação na carreira (BARLEY, 1989). Das contribuições da sociologia para os estudos das carreiras, Bendassolli (2009) aponta o reconhecimento da profissão como fenômeno social, individual e institucional. Como fenômeno social, a profissão retrata historicamente os processos de divisão e organização do trabalho. Da ótica individual, configura-se na realização de si e na construção da pessoa em relação ao trabalho. E da ótica institucional, relaciona-se aos meios utilizados pelos atores sociais para fazer com que o Estado legitime determinado saber e, conseqüentemente, conceda o direito de desempenhar uma profissão.

Pela visão da psicologia, a carreira é compreendida como uma sucessão de experiências de trabalho vivenciadas pela pessoa. A partir disso, dois pontos de vistas básicos se desenvolveram: um deles tem origem nas teorias de orientação vocacional, interessadas em desvendar como as diferenças pessoais indicam os efeitos do trabalho; o outro deriva de teorias humanistas que pressupõem que as necessidades individuais se antecipam ao resultado do trabalho. Uma visão psicológica atual centraliza-se na carreira proteana, que se importa com a capacidade do indivíduo de adaptar-se por meio da prática da autonomia, da autointervenção e da autodireção (KHAPOVA; ARTHUR, 2011). Bendassolli (2009), dá enfoque à natureza “interpretativa” do sujeito, que passa a ser reconhecido como capaz de se construir atribuindo e interpretando significados.

A psicologia social envolve duas áreas diferentes, possibilitando estudos mais interdisciplinares. No entanto, Khapova e Arthur (2011) indicam que as pesquisas tendem a dar mais enfoque a uma das duas áreas. O enfoque psicológico ocupa-se com a forma como o outro pode influenciar uma pessoa e o enfoque sociológico, com a relação entre o indivíduo e o grupo nas estruturas e nos processos sociais.

A partir desse último enfoque, a carreira pode ser compreendida de maneira mais ampla, uma vez que engloba tanto questões do indivíduo em relação com os grupos aos quais ele pertence, e a interface deles com as estruturas e processos sociais.

No próximo subtópico, serão apresentados alguns modelos e tipos de carreiras.

4.1.2 Modelos e tipos de carreiras

Diversas mudanças podem ser observadas nas sociedades, especialmente com a revolução industrial e, recentemente, com a revolução tecnológica no âmbito do trabalho e da carreira (AMBIEL, 2014). Os estudos relacionados à profissão e à carreira, que antes partiam de uma perspectiva previsível e estável, passaram a incorporar um aspecto de incerteza característico do contexto atual, em que os indivíduos estão mais propensos a vivenciar diferentes experiências profissionais ao longo da vida, do que se manterem por longos anos em somente uma profissão (CHANLAT, 1995; BARROS, 2010) ou organização.

Segundo Chanlat (1995), a carreira pode ser compreendida por dois grandes modelos: o tradicional e o moderno. O modelo tradicional é caracterizado pela estabilidade, sustentado por sociedades desiguais em relação ao acesso à educação, que valorizam a hierarquia no nível organizacional. O modelo moderno está relacionado com a flexibilidade no trabalho, com o estímulo ao desenvolvimento instrucional, com a instabilidade, e com a horizontalidade, caracterizado, sobretudo, pela pluralidade social e de gênero.

Novas configurações de carreira surgem como reflexos das transformações nos contextos das sociedades. Chanlat (1995) sugere a existência de quatro tipos de carreira: o burocrático, o profissional, o empreendedor e o sociopolítico. O burocrático refere-se às estruturas burocráticas organizacionais. O profissional tem fundamento no domínio de determinado saber, da profissão, o indivíduo se especializa. O empreendedor associa-se a empresas e é pautado por uma pessoa de forma independente. E, por fim, o sociopolítico que se apoia nas habilidades sociais do indivíduo e no seu poder de se relacionar.

O gerenciamento da carreira, que antes era orientado e realizado pela organização em que o indivíduo atua (BALASSIANO; VENTURA; FONTES-FILHO, 2004), passa também a ser orientado e gerido pelo próprio indivíduo (SILVA; BALASSIANO; SILVA, 2014) ou, de forma conjunta, pela organização e pelo indivíduo (DUTRA, 1992). Além dos contratos formais e de longo prazo, são adotados também pelas organizações e pelos indivíduos os contratos informais e/ou provisórios (SILVA; BALASSIANO; SILVA, 2014).

Novos modelos de carreira surgem como respostas às mudanças das últimas quatro décadas (BENDASSOLLI, 2009). As carreiras sem fronteiras são contrárias aos tipos tradicionais de carreira, uma vez que não segue somente uma única configuração. Dentro da proposta desse modelo, o indivíduo se movimenta ao longo da vida por organizações, ocupações, empregos, ou mesmo entre especialidades (ARTHUR; ROUSSEAU, 1996). Segundo Bendassolli (2009), são necessárias algumas competências para se manter nesse modelo: I) o sujeito deve entender as motivações que o levaram a se engajar profissionalmente, seus valores, necessidades e interesses; II) ter Know-how, ou seja, saber

fazer; e III) ter conhecimento de suas redes sociais, ou seja, das possibilidades de se conectar a vários tipos de relações baseadas em suas motivações.

A carreira proteana prioriza o autodirecionamento, em que o indivíduo gerencia sua carreira, demandando, assim, autonomia e flexibilidade (HALL, 2002). O termo proteana é derivada da estória do deus mitológico Proteu, em que como resposta às alterações ambientais, altera sua face. Dessa forma, a carreira proteana se constitui tanto de mudanças como de permanências, conforme as percepções do próprio indivíduo (BENDASSOLLI, 2009). Segundo Hall (1996), na carreira proteana, o objetivo de sucesso psicológico baseia-se no contrato psicológico realizado pelo próprio indivíduo com ele mesmo; por isso, o sucesso é compreendido como intrínseco, afastando-se da ideia de dedicação permanente com determinada organização.

Bendassolli (2009) propõe oito tipos emergentes de carreira, relacionando-os aos conceitos de sujeitos e de trabalho presentes em cada um. São as carreiras sem fronteiras, proteana, *craft career*, portfólio, multidirecional, transicional, narrativa e construcionista. O autor aponta o **sujeito como agente**, que age independentemente de condições limitantes, e está presente nas carreiras sem fronteiras, proteana e *craft career*, em que o trabalho tende a desassociá-lo da figura do emprego e do empregado. O **sujeito pós-moderno** caracteriza-se por ter mais de uma atividade, empresa ou ocupação, englobando as carreiras portfólio e multidirecional. Tais carreiras tem o trabalho como apoio para a construção de identidade pessoal, caracterizado também como fragmentado e flexível. O **sujeito reflexivo** tem a capacidade de contrapor informações recebidas de determinado ambiente com sua autoconsciência e está presente na carreira transicional. O trabalho é reformulado como espaço de desafios pessoais, como trabalho a respeito de si mesmo e como elemento de individualização. E o **sujeito interacional**, que constrói a si e à sua realidade a partir das interações sociais e encontra-se nas carreiras narrativa e construcionista, em que o trabalho identifica-se como uma narrativa e/ou discurso pessoal e social.

Após conhecer alguns modelos e tipos de carreiras que têm sido estudados, no último tópico, serão tratados as perspectivas, contexto e dimensões da carreira.

4.1.3 Perspectivas, o contexto e dimensões

A carreira, segundo Bendassolli (2009, p. 390), pode ser compreendida inicialmente como “resultado de um processo de construção pelo qual o indivíduo significa, interpreta e dá

coerência a suas experiências e histórias singulares de vida em relação ao trabalho (e à vida como um todo)”. Essa ideia apresenta-se como central para a presente pesquisa.

A carreira engloba elementos que estão interconectados ao que as pessoas compreendem em relação ao tempo e ao espaço social (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989; COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004). Nesse sentido, os estudos de carreira podem ser observados como propriedade e como processo. Como propriedade, para os estudos de carreira, há um recorte de tempo e espaço, em que se entendem as histórias de carreiras como um conjunto de experiências e saberes próprios do indivíduo. Já pela perspectiva do processo, a carreira é analisada como uma sequência de papéis que podem moldar ou reformular organizações, campo ou ocupações (JONAS; DUNN, 2007).

A partir da concepção de carreira como sequência em desenvolvimento de experiências de trabalho de uma pessoa no decorrer do tempo, Arthur, Hall e Lawrence (1989) entendem que o trabalho inclui as formas como se veem e se vivenciam as outras pessoas, as organizações e as sociedades. Além disso, consideram pontos centrais o tempo, como uma “perspectiva móvel” e as relações entre as pessoas e as instituições ou organizações. Nessa perspectiva, os estudos de carreiras são também os estudos da mudança individual, organizacional e social (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989).

Nesse sentido, a carreira pode ser entendida como socialmente construída (COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004; CARVALHO, 2015), como processo que perdura ao longo de toda a vida de um indivíduo, como sua própria vida. Não segue uma linha reta, pelo contrário, está exposta a vários fatores que podem influenciar nas escolhas dos indivíduos (BENDASSOLLI, 2009).

Jonas e Dunn (2007) mostram um panorama dos estudos que relacionam carreira e instituições, nos quais entende-se que as pessoas e as instituições estão conectadas por meio da carreira, utilizada como uma ponte que busca compreender como a estabilidade e a mudança podem ocorrer nas instituições. Tanto as instituições podem levar a mudanças ou mesmo à estabilidade de determinada carreira, como a carreira também pode manter a estabilidade ou de transformar uma instituição.

Segundo Hughes (1939)⁶, citado por Jonas e Dunn (2007), as instituições são constituídas por regras formais e costumes, produzidos e reproduzidos pelas pessoas. Na visão do autor, carreira e instituição têm relação extremamente próxima e se reforçam uma a outra.

⁶ HUGHES, E. C. Institutional office and the person. *The American Journal of Sociology*, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

As mudanças podem ocorrer de diferentes maneiras. Segundo Louis⁷ (1980 apud VELOSO, 2009, p. 87), transição de carreira compreende “o período durante o qual um indivíduo está mudando e redirecionando suas funções ou orientações”. Foram identificados por este autor nove tipos de transição divididas em transições entre funções e dentro da mesma função.

Veloso (2009) utiliza exemplos para apresentar cada tipo. Das *transições de funções*, foram encontradas i) transição de entrada e reentrada, que ocorre quando mães retornam ao trabalho ou quando estudantes ingressam no mercado de trabalho; ii) transição intracompanhia, entre setores da mesma organização; mudança entre os funcionários, de atividade; iii) transição intercompanhia, rotatividade de pessoal em uma organização; entre organizações, entre funções semelhantes; iv) transição interprofissão, um médico que se tornou bombeiro, um acadêmico que se tornou empresário; v) transição de saída, desemprego, aposentadoria, mulher que deixa de trabalhar para ser dona de casa. Das *transições dentro da mesma função* foram verificadas i) Ajustes intrafunção, alteração do gerente de uma organização que influencia no empenho dos funcionários do setor; ii) Ajustes extrafunção, quando um professor passa a ser também coordenador do curso em que atua, diminuindo, assim, seu tempo para outras funções na família e na sala de aula; iii) Transição de função / estágio da carreira, mudança gradativa que ocorre de funcionária que como secretária depois passa para auxiliar administrativa; progressão devido aos resultados do empenho do empregado; iv) Transição no cenário pessoal, quando indivíduos depois de certa idade contribuem no desenvolvimento da carreira de outras pessoas; quando o avanço em estágios da carreira é decorrente ao amadurecimento psicológico de uma pessoa.

Quishida e Casado (2009, p. 81) mencionaram que a transição humana, segundo Schlossberg (1981)⁸, é definida como “[...] evento ou não-evento que resulta numa mudança de concepção sobre si mesmo e o mundo, portanto requer uma mudança correspondente em seu comportamento e relacionamentos”. Em relação à carreira, esses autores indicam que a transição pode ser compreendida a partir de estágios de carreira envolvidos na transição (entrada, avanço, reavaliação e nova entrada precedida por ruptura); fases subjetivas (pré-transição, descontentamento crescente, crise, redirecionamento e reestabilização) e autoconceito profissional, que diz respeito a forma como o indivíduo julga a si mesmo como profissional (QUISHIDA; CASADO, 2009).

⁷ LOUIS, M. R. Career transitions: varieties and commonalities. *Academy of Management Review*, v. 5, n. 3, p. 329-340, 1980.

⁸ SCHLOSSBERG, N. K. A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1981.

Dessa forma, pode-se considerar que existe transições na carreira e transição de carreira. A primeira refere-se aos movimentos e mudanças que ocorrem em uma mesma profissão, ocupação, organização, no caso do esporte as dinâmicas do início e do desenvolvimento por exemplo. A segunda, quando o indivíduo busca uma nova colocação no mercado de trabalho, como por exemplo, após “aposentar-se” (ANDERSON; TONATO; TAVARES, 2019; BOEHS; SILVA, 2017), assumindo uma nova identidade profissional (VELOSO; DUTRA, 2010), no caso do esporte quanto seu encerramento.

Segundo Oltramari e Grisci (2011), as fases da transição podem ser vivenciadas por cada indivíduo de formas diferentes, uma vez que dependem das decisões individuais e, às vezes, da esfera familiar. Dessa forma, os autores ressaltam a existência de ambiguidades no processo de transição na carreira, uma vez que pode envolver satisfação profissional, e *status* e descontentamentos (OLTRAMARI; GRISCI, 2011).

Tais dinâmicas envolvem não só o indivíduo e a organização, mas também o contexto social. Hughes (1997, p. 389, tradução livre), ao compreender “carreira no sentido amplo e moderno do curso de uma pessoa ao longo da vida e, especialmente, através da parte de sua vida em que ela trabalha”, advoga que todo mundo tem uma carreira. Entretanto, a carreira tem sido vinculada à organização formal, relacionada mais a ganhos e progressões e menos ao tempo de vida dos indivíduos (HUGHES, 1997). Segundo Super (1957)⁹, citado por Ribeiro (2009), as concepções tradicionais sobre carreira, ao se relacionarem com as empresas e com as instituições, sejam elas privadas ou públicas, ao mesmo tempo, informam que as pessoas que não fazem parte desses espaços não têm carreira. Assim, a carreira construiu-se no âmbito do trabalho como uma estrutura organizacional, com legitimidade social para os indivíduos que nesse ambiente exercem atividades. Por outro lado, a não-carreira está ligada aos indivíduos que não se encontram nessa estrutura predefinida e que, por isso, não têm reconhecimento social de sua trajetória de trabalho, como as pessoas que trabalham por conta própria, ou com trajetórias inconstantes no trabalho.

Desse ponto de vista, a carreira pode ser interpretada de forma dicotômica, como se existissem carreiras que são mais aceitáveis em relação a outras. Isso pode variar dependendo de diversos fatores contextuais (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007; CARVALHO, 2015). A percepção sobre quem tem ou não carreira pode influenciar tanto o próprio indivíduo nas decisões de sua carreira, como dentro das organizações ou instituições. Assim, se os membros de determinada instituição ou organização não reconhecem que um indivíduo tem

⁹ SUPER, D. E. **The Psychology of Careers**. New York: Harper, 1957.

carreira por ele não desempenhar atividades dentro de uma organização formal, isso pode refletir, por exemplo, em como serão desenvolvidas políticas de contratação, de alocação no trabalho e programas de apoio financeiro a determinados grupos.

Segundo Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007, p. 215), “carreiras são sempre carreiras no contexto”, sendo centrais tanto os aspectos individuais como os contextuais. Esse conceito possibilita compreender que a carreira se configura a partir dos níveis individual, organizacional e institucional. Assim, assume-se que a carreira de um indivíduo se desenvolve não somente a partir de seus planejamentos e decisões, mas tem influência de diferentes fatores, como a família, a formação, a classe social, o mercado de trabalho, as relações sociais, entre outros, em um determinado espaço e tempo. Assim, entende-se contexto como um conceito amplo que inclui a sociedade e suas condições sócio-históricas, e também o meio social de vivência e de interação das pessoas como, por exemplo, o ambiente de trabalho.

Além disso, para os estudos sobre carreira, as dimensões objetiva e subjetiva são fundamentais. Segundo Hughes (1937)¹⁰, citado por Bendassolli (2009, p. 389), a dimensão objetiva é “quando se realçam estrutura social, aspectos situacionais e interacionais, e as regras da profissão em questão”, ao passo que a dimensão subjetiva está relacionada às interpretações e (re)significações que o indivíduo faz ao longo da vida de suas ações e de como ocorrem as situações.

Do ponto de vista das organizações, carreira é um dispositivo que permite a alocação de recursos, o subsídio à tomada de decisão sobre esquemas de mobilidade e o gerenciamento simbólico do nível de comprometimento de seu pessoal. Do ponto de vista do indivíduo, carreira funciona como um dispositivo para a organização da experiência subjetiva com o trabalho, como um repositório de racionalizações para ele interpretar (e justificar) os eventos que lhe ocorrem no campo profissional (por exemplo, uma demissão, uma promoção), como um apoio à tomada de decisão sobre rumos futuros a seguir ou sobre o que fazer com as oportunidades que se abrem e se fecham, e como um recurso. (BENDASSOLLI, 2009, p. 391).

Ao se reconhecer a perspectiva subjetiva da carreira, não se exclui sua perspectiva objetiva (HALL, 2002; MOORE; GUNZ; HALL, 2007); pelo contrário, uma vez que a dimensão subjetiva pode contribuir para a compreensão do que é percebido objetivamente. Além disso, apesar da possibilidade de identificar cada dimensão de forma separada, na

¹⁰ HUGHES, E. C. Institutional office and the person. *The American Journal of Sociology*, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

realidade, elas são recursivas, se inter-relacionam (HALL, 2002; KHAPOVA; ARTHUR; WILDEROM, 2007; BENDASSOLLI, 2009; CARVALHO, 2015).

Para esta pesquisa, adota-se a concepção de carreira que considera tanto a dimensão objetiva como a subjetiva como faces do mesmo processo, compreendendo o contexto como fundamental para sua compreensão. Nesse sentido, a carreira de um indivíduo possui tanto elementos externos, que envolve normas, regras, entre outros, da estrutura organizacional e social, como elementos internos, que engloba as motivações, os valores, os desejos, os significados, os sentidos, as intenções, entre outros. Tais elementos coexistem e influenciam-se mutuamente. A carreira é tratada também como um processo em contínuo desenvolvimento, que abrange as relações sociais, econômicas e culturais (COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004). Está ligada, dessa forma, a situações, eventos e atividades experimentadas no decorrer da vida pelo indivíduo no tempo e espaço (CARVALHO, 2015). A carreira pode ser considerada de maneira abrangente, reconhecendo-a na formação do indivíduo durante a vida, e em especial, no trabalho.

Na pesquisa realizada por Assunção, Carvalho-Freitas e Oliveira (2015), busca-se identificar a relação entre a satisfação das pessoas com deficiência sobre as possibilidades de carreira e desenvolvimento e os investimentos das empresas na carreira de seus funcionários. A pesquisa quantitativa com 51 pessoas com deficiência de diferentes estados brasileiros, indicou que da ótica desses trabalhadores, as políticas de desenvolvimento da carreira profissional não são transparentes e explícitas nas organizações, identificando que a gestão de carreira adotadas pelas empresas influi na satisfação desses trabalhadores diretamente em relação às possibilidades de ascensão profissional. Constataram ainda, que a insatisfação das pessoas com deficiência em relação as oportunidades de crescimento, está relacionada com as estratégias de contratação, que não levam em consideração a suas competências técnicas e funcional na atuação desses trabalhadores.

Anderson, Tonato e Tavares (2019), compreendendo que a construção da carreira no presente contexto relaciona-se a um processo constante e de sucessivas mudanças, as autoras realizaram uma pesquisa com oito entrevistados com idade acima de quarenta anos que fizeram a escolha por uma segunda carreira. Os resultados da pesquisa indicaram que o processo de transição de carreira é importante e sua ligação com escolhas assertivas, foram estimuladas por interesses profissionais e guiada por meio de autonomia, autodireção e aptidão para a aprendizagem.

Maciel, Cappelle e Campos (2015) buscaram compreender a transição de carreira de atletas de alto rendimento, principalmente no que diz respeito a finalização de sua atuação

como atleta e seus desdobramentos. Os resultados da pesquisa apontaram que, para grande parte dos atletas, a opção por uma nova carreira teve influência da prática esportiva, contribuindo no processo de mudança após a carreira de atleta.

Nesse sentido, busca-se compreender o esporte como uma possibilidade de desenvolvimento de carreira, também para atletas com deficiência do alto rendimento.

4.2 Esporte e pessoas com deficiência

Neste tópico, inicialmente serão tratadas questões sobre os conceitos de deficiência, relacionando-as com as concepções sociais dadas ao longo do tempo sobre as pessoas com deficiência. Em seguida, relacionam-se esporte, trabalho e carreira no esporte paralímpico.

4.2.1 Pessoas com deficiência: conceitos e concepções

Ao se referir sobre deficiência, Ribas (1985, p.7) descreveu:

[...] escrever sobre pessoas deficientes é muito mais difícil e complexo do que poderia parecer, pois um dos problemas mais sérios reside no fato de que qualquer noção ou definição de deficiência implica numa imagem que fazemos das pessoas deficientes.

Ao longo do tempo, percebem-se mudanças na terminologia para se referir às pessoas com deficiência. O termo “pessoa portadora de necessidades especiais”, anteriormente utilizado, não tem sido mais empregado. Conforme Cidade e Freitas (2002), diz respeito à deficiência ou ao comportamento que está fora do que é aceito socialmente e, por isso, precisa de meios especializados para superar ou diminuir as dificuldades. Assim, mencionar que a pessoa porta alguma necessidade pressupõe que a deficiência pode também ser descartada (MARQUES, 2010), tonando-se inapropriado e limitador.

Em 1999, no Simpósio da Federação Internacional de Atividade Física Adaptada (IFAPA) ocorrido em Barcelona, foi sugerido o uso do termo “pessoa com deficiência” como mais condizente para o meio esportivo (MARQUES, 2010). No Brasil, acompanhando a nomenclatura estabelecida pela ONU, passou-se a utilizar o termo a partir das recomendações

realizadas pela Secretaria dos Direitos Humanos em 2014¹¹. Assim, adotou-se nesta pesquisa a terminologia “pessoa com deficiência”.

Santos (2008) parte de duas perspectivas diferentes que permitem compreender a deficiência. Uma parte do pressuposto de que a deficiência manifesta a diversidade humana, ao que a sociedade deve se adequar, buscando incorporar as diferenças corporais. No segundo ponto de vista, a deficiência é um impedimento corporal que demanda o desenvolvimento de áreas, como a medicina, a genética para possibilitar a melhoria nas condições de vida da pessoa. Da primeira perspectiva, a compreensão de deficiência considera a sociedade como parte essencial para a inclusão dessas pessoas, colocando a deficiência como uma questão também social.

Dessa forma, os diferentes conceitos sobre deficiência implicam a maneira como as pessoas com deficiência foram consideradas na história, principalmente ocidental. Pode-se observar, ao longo da história, a exclusão de pessoas com deficiência eram abandonadas e/ou perseguidas, por serem vistas, sobretudo, como indicativo de maldição (SILVA, 2009; CORREIA, 1997; MAZZOTTA, 1986). Na era medieval, as pessoas com deficiência foram segregadas em locais como hospícios e albergues, uma vez que, em determinadas sociedades, essas pessoas eram vistas como ameaça, sendo privadas de liberdade e, muitas vezes, sem o contato de familiares (SILVA, 2009). Houve, então, a criação de instituições especiais próprias para determinadas deficiências, como para surdos, cegos e para pessoas com deficiências mentais (SILVA, 2009), no intuito, segundo Correia (1997), de separar e isolar essas pessoas do restante da sociedade.

Os pressupostos teóricos e práticos dessa institucionalização, que mantinham as pessoas com deficiência afastadas de outros grupos sociais, passam a ser questionados a partir dos anos de 1960 (SILVA, 2009). Diferentes motivações contribuíram para que a perspectiva, até então adotada para o tratamento de pessoas com deficiência, começasse a se modificar. A sociedade passa a se conscientizar, entre outros pontos, com aspectos relacionados à desumanização, à baixa qualidade e à elevada cobrança dos serviços prestados pelas instituições. Além disso, o desenvolvimento científico de algumas ciências, da ótica educacional e social, permitiu vislumbrar a integração de crianças e de jovens com deficiência (SILVA, 2009; JIMÉNEZ, 1997). A partir disso, busca-se a superação da segregação com a perspectiva de integração pela qual as pessoas com deficiência devem viver em condições semelhantes às das outras pessoas. Entretanto, segundo Silva (2009), os pressupostos das

¹¹ Recomendações nº1 de 24 de abril de 2014 da Secretaria dos Direitos Humanos. Ver em: <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/conade/atos-normativos/recomendacoes>

práticas integrativas se basearam na ideia de que era a pessoa com deficiência que deveria se adaptar aos padrões sociais.

Entre outras ações, uma Carta para os anos 80 da *Rehabilitation International*, indicada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas no ano de 1981, colaborou para a difusão de concepções e ações de inclusão social de pessoas com deficiência. O desenvolvimento da Carta, segundo Silva (2009), foi baseado na opinião pública em nível global sobre deficiência, reabilitação e prevenção. Seu conteúdo refere-se a prioridades internacionais e estabeleceu como metas a participação e a igualdade para as pessoas com deficiência do mundo inteiro, em outras palavras, o direito de compartilhar a vida no espaço social comum a todos.

Entre a exclusão e a atual busca pela inclusão, observa-se um movimento em que as reivindicações sociais refletiram nas instituições e na maneira como a sociedade passa a reconhecer as pessoas com deficiência. Contudo, visto que há uma construção social nesse processo, a exclusão e a discriminação podem ser realidades ainda experimentadas no contexto atual, quando, por exemplo, as pessoas com deficiência são estigmatizadas.

Segundo Goffman (2008), o termo estigma foi criado pelos gregos para mencionar sinais no corpo, evidenciando algo extraordinário ou mau sobre o *status* moral das pessoas que as tinham. Em seu ensaio, o autor utiliza-se do termo

[...] em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (p. 13).

Assim, o estigma está associado à construção social de determinados atributos, além de situações nas quais um indivíduo ou grupo se encontram. Independentemente do tipo de estigma, o autor defende que as características sociológicas são as mesmas, pois indicam que “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 2008, p. 14). Entretanto, o autor enfatiza que a relação entre um estigmatizado e um não estigmatizado¹², na verdade, não está relacionada exatamente a uma pessoa, mas à perspectiva pela qual essa pessoa é vista. Dessa forma, o estigmatizado pode ser reconhecido, no caso das pessoas com deficiência, como alguém que tem as capacidades limitadas. Ao fazer parte do grupo dos atletas com deficiência de alto rendimento, sua figura pode ser associada a características que vão além do

¹² Chamado pelo autor de normal, entretanto, acredita-se mais apropriado usar não-estigmatizado.

que se espera do ser humano, como se tivessem habilidades extra-humanas, e, por isso, conseguiram superar as barreiras ao longo de sua trajetória de vida.

Assim, o caso dos atletas com deficiência, o esporte de alto rendimento, ao mesmo tempo que é uma possibilidade para que esses indivíduos adquiram autonomia e independência, seja financeira, seja de mobilidade, é também, da perspectiva social, um espaço em que sua imagem tende a estar relacionadas a poderes sobrenaturais (HILGEMBERG, 2014). Assim, a imagem do atleta pode ser projetada como um modelo a ser seguido.

No próximo subtópico, serão relacionadas questões sobre o esporte, trabalho e carreira.

4.2.2 Esporte, trabalho e carreira

Do ponto de vista sociológico, Barbanti (2006, p. 57) acredita que o “esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos”. Segundo o autor, o esporte é um fenômeno cultural e social que tanto pode influenciar, como pode ser influenciado, uma vez que envolve a vida familiar, educação, política, economia, ideologia, ciência, artes e religião (TUBINO, 1987; BARBANTI, 2006).

Segundo Azevedo e Filho (2011, p. 600), o esporte “é uma prática social institucionalizada, e, além de uma arte, uma oportunidade de dedicação ocupacional e profissional”. Por isso, os autores acreditam que o esporte deve ser considerado tanto um meio para obter objetivos sociais, como também como um fim, em que o indivíduo o escolhe como opção de vida e de dedicação pessoal.

O esporte, nessas perspectivas, engloba não só questões do indivíduo que o pratica, mas também questões institucionais ou organizacionais e da sociedade. Além disso, o contexto em que o esporte está inserido pode apresentar-se como determinante para a sua prática.

Tubino (2002)¹³, citado por Azevedo e Filho (2011), descreve o esporte a partir de três dimensões sociais: o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-*performance*. Também foi possível identificar termos semelhantes em Reis (2014), ao indicar como o

¹³ TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

esporte é abordado na Política Nacional de Esporte (PNE)¹⁴, a partir de três esferas: esporte educacional, esporte de lazer e o esporte de rendimento. E também na Lei Pelé¹⁵ pois, segundo Mattar e Mattar (2013), as dimensões citadas também orientam os investimentos públicos da política pública do esporte, classificando o esporte como: esporte educacional; esporte de participação e esporte de rendimento.

A última dimensão, que se refere ao alto rendimento, segundo Reis (2014), é definida na PNE como a prática esportiva orientada para o máximo desempenho do atleta, com o objetivo de alcançar recordes em sua modalidade. Costa (2007, p. 40) define o esporte de alto rendimento como “aquele que tem o âmago de sua atividade centrada na finalidade de obter resultados, o que equivale a dizer obter resultados provenientes dos mais altos rendimentos”. Benfica (2012) relaciona alto rendimento diretamente ao caráter de competição, individual ou coletiva, e de profissionalização do atleta. Dessa forma, o esporte de alto rendimento está relacionado com a competição, com a busca de melhor desempenho e resultados, e com a profissionalização.

Entretanto, em Mattar e Mattar (2013), na legislação que trata do esporte de rendimento, o esporte é considerado como profissional e não profissional¹⁶. No primeiro, realiza-se um acordo entre atleta e entidade, por meio de contrato de trabalho, formalizando sua remuneração. O segundo caracteriza-se pela não existência de contrato de trabalho. O esporte de alto rendimento não profissional, ainda de acordo com a legislação, está relacionado ao atleta legalmente impedido de realizar a assinatura do contrato, uma vez que se enquadram nessa categoria atletas com idade inferior a 14 anos até 18 anos que podem receber incentivos materiais e patrocínios, mas não por meio de contratos (COSTA, 2007). Nesta pesquisa, caracteriza-se o esporte de alto rendimento como profissional.

O esporte para pessoas com deficiência, também denominado como esporte adaptado¹⁷, pode ser compreendido como a alteração ou criação de modalidades esportivas no intuito de atender as demandas dos envolvidos (PACIOREK, 2004). Ou que se relaciona especificamente com as pessoas com deficiência, em espaços integrados ou especiais, que no primeiro há interação com pessoas não deficiências e no segundo, destinado para esse grupo de pessoas (WINNICK, 2004). Além das modalidades “adaptadas” para essas pessoas, pode

¹⁴ Resolução nº 05/Conselho Nacional do Esporte, 14 de julho de 2005 <http://www.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/resolucoes/resolucaoN5.pdf>.

¹⁵ Artigo 3º da Lei nº 9.615/98 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm.

¹⁶ Lei nº 9.981/00 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9981.htm.

¹⁷ O termo pode ser utilizado de forma mais ampla, entretanto, na presente pesquisa seu uso refere-se ao grupo social de pessoas com deficiência.

existir também modalidades criadas exclusivamente para determinado tipo de deficiência, como é o caso do Goalball, para pessoas com deficiência visual (ARAÚJO, 1997).

Dessa forma, o esporte adaptado pode se manifestar de várias formas, como por exemplo, ligado ao alto rendimento, e com maior destaque, o esporte paralímpico (MARQUES, 2010). Nesse sentido, compreende-se também a face profissional do esporte manifestada no esporte paralímpico.

Segundo Marques e Samulski (2009), a carreira de um atleta se caracteriza a partir de fases, com o início da prática esportiva, passando pelos incentivos financeiros para competições, o que vai encaminhando o indivíduo para a prática profissional até sua aposentadoria. O desenvolvimento do atleta no esporte também tem influências dos familiares, como apontam Verardi e De Marco (2008), em que o apoio, tanto psicológico como financeiro (SALMELA; MORAES, 2003), podem ser fundamentais para a continuidade do futuro atleta.

Ao se tornar um meio de desenvolvimento profissional, o esporte vai além de sua função inicial de proporcionar qualidade de vida ao indivíduo, por meio da reabilitação, passando a ser uma atividade laboral (HAIACHI *et al.*, 2016). Segundo Melo e López (2002), além de permitir que essas pessoas conheçam seus limites e potenciais, possibilita a prevenção de doenças secundárias de sua deficiência, e viabiliza sua inclusão social. Portanto, são diversos os benefícios que o esporte pode promover na vida de uma pessoa com deficiência, como físicos, sociais, psicológicos, fisiológicos, entre outros (MARQUES; CASTRO; SILVA, 2001; BENTO, 2004; GARCIA; LEMOS, 2005; BODAS; LÁZARO; FERNANDES, 2007; PEREIRA *et al.*, 2013). E, nesse sentido, como indicam Pereira *et al.* (2013), pode se tornar um meio de transformação na vida de um indivíduo.

Assim, o paradesporto pode unir tanto a melhoria na qualidade de vida, em diversos aspectos, como pode possibilitar à pessoa com deficiência novos significados às suas ações e práticas, e em relação ao modo com que a sociedade também o reconhece.

Ao relacionar o esporte com a carreira, suas características se distinguem daquelas percebidas em modelos mais tradicionais, principalmente pela não legitimação como um trabalho, e pelo esporte de alto rendimento apresentar especificidades na trajetória de desenvolvimento profissional (SALMELA; MORAES, 2003). Além disso, ao se observar atletas sem e com deficiências, esses últimos podem apresentar diferenças na forma de iniciação e maior complexidade no desenvolvimento de sua carreira.

A entrada da pessoa com deficiência no esporte pode ocorrer pela busca inicial por reabilitação ou/e pela inclusão (CARDOSO, 2011; PEREIRA *et al.*, 2013). Segundo Cardoso

(2011), o esporte para pessoas com deficiência é um meio relevante para reabilitação, uma vez que pode potencializar tal progresso por ter como propósito a diversão e a competição. Pereira *et al.* (2013) realizaram uma pesquisa com atletas cegos egressos do Instituto Benjamin Constant que participavam de competições organizadas pela Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais. Os autores identificaram a importância do esporte para esses atletas em vários aspectos, como para o desenvolvimento psicológico, para a melhoria da mobilidade, da autoestima, e do relacionamento interpessoal, para a aceitação da deficiência, entre outros (PEREIRA *et al.*, 2013). Dessa forma, as motivações podem ser tanto pautadas no interesse do próprio indivíduo, como relacionados a aspectos externos, chamados, respectivamente, por Berleze, Vieira e Krebs (2002) de intrínseco ou extrínsecos.

Tsukamoto e Nunomura (2005) advogam que a carreira no esporte é construída, em determinadas modalidades, desde muito criança, iniciando em torno dos cinco anos de idade. Entretanto, no esporte paralímpico, Haiachi *et al.* (2016) aponta que a idade cronológica de uma pessoa não define sua entrada ou saída do esporte; inclusive, o tempo de permanência no esporte pode caracterizá-lo como uma atividade laboral.

A trilha percorrida para o desenvolvimento de carreira no esporte, segundo Wheeler *et al.* (1996)¹⁸, citado por Haiachi *et al.* (2016), indica três fases: 1ª) a pré-transição, na qual o atleta passa a se comprometer com as práticas competitivas, obtendo retornos relacionadas a competências pessoais, pode ser relacionada à mudança de uma fase mais amadora para profissional, que segundo Marques e Samulski (2009) acontece em decorrência do desempenho atingido pelo atleta. 2ª) a transição, que diz respeito, principalmente, ao início do processo de saída do meio competitivo e ao seu impacto emocional, e 3ª) a pós-transição, em que o atleta se importa com sua nova função, e novos desafios, como família, novas atuações, entre outros, muitas vezes longe do meio esportivo.

Complementando tal definição, Haiachi *et al.* (2016) descrevem a carreira do atleta paralímpico, indicando aspectos que envolve cada um dos três momentos. São eles: 1) Processo inicial para obter resultados (pré-transição), envolvendo reduzido incentivo financeiro, estrutura de treinamento limitada, menor tempo de treinamento e pressão para alcançar resultados. 2) Resultados expressivos e o ganho de suporte, incentivo financeiro, estruturada de treinamento melhorada, maior exposição na mídia, participação em várias competições. 3) Perda de rendimento, marcado pela diminuição de rendimento esportivo, baixa participação competitiva, afastamento das competições, vida pós competições. Segundo

¹⁸ WHEELER, G. D. *et al.* Retirement From Disability Sport: A Pilot Study. **Adapt Phys Act** v. 13, n. 4, p. 382-399, 1996.

esse autor, a carreira dessa perspectiva mostra-se instável, desde seu início até a sua interrupção, e é marcada sobretudo pela manutenção de bons resultados.

Entretanto, não se pode negar o aspecto restrito do esporte de alto rendimento. Não são todas as pessoas com deficiência que podem se dedicar, seja por não terem altas habilidades exigidas, seja por falta de suporte e/ou motivação (REIS, 2014; HAIACHI *et al.*, 2016). Além disso, segundo Costa e Winckler (2012), no esporte paralímpico, os atletas são submetidos a processos de classificação funcional, em que poderá ser elegível ou inelegível para determinada modalidade. O esporte de alto rendimento, dessa forma, tem caráter não acessível a todos, uma vez que, para se tornar elegível, é necessário possuir determinadas características para se encaixar em alguma classificação funcional.

O desenvolvimento do atleta no esporte paralímpico tem questões particulares e técnicas, uma vez que a prática paradportiva em competições demanda a classificação funcional dos atletas e a determinação de modalidades por deficiência (BARRETO, 2016). Segundo Teodoro (2006), a classificação possibilita o nivelamento das pessoas com deficiência em relação às suas capacidades físicas e também competitivas, a fim de reunir grupos com níveis similares de funcionalidade. A pessoa com deficiência passa por avaliações que verificam o tipo de sua deficiência, seja ela congênita, seja adquirida, mas também a potencialidade de ação do atleta (CARDOSO; GAYA, 2014). Há, dessa forma, um sistema de classificação, estabelecido de forma específica para cada modalidade. Segundo Cardoso e Gaya (2014), para competir, o atleta passa por processos de classificação continuamente e, por isso, ao ser avaliado para determinada classe, pode ser realocado ao longo do tempo. Nesse sentido, antes mesmo de competir, o atleta concorre a uma categoria, além de outras disputas que todo atleta enfrenta, como de índices e vagas (TONON, 2017).

O esporte para pessoas com deficiência tem representado um caminho para o desenvolvimento pessoal e profissional, que apresenta peculiaridades que influenciam na compreensão da carreira do atleta paralímpico brasileiro, ainda pouco explorado pela comunidade científica (HAIACHI *et al.*, 2016). Tal compreensão é possível ao se identificar e refletir a respeito de elementos que constituem a estrutura da carreira, como os regulamentos, as leis, os recursos, as políticas e as práticas da gestão de pessoas (dimensão objetiva) que representam o contexto, assim como os sentidos, os valores, as crenças, as motivações e as interpretações dos atletas paralímpicos (dimensão subjetiva) sobre seu meio e suas relações. Isso por que tais dinâmicas dizem respeito à vida dessas pessoas, assim como ao trabalho.

Dessa forma, propõe-se apreender sobre as dinâmicas nas quais atletas paralímpicos estão envolvidos, a partir da abordagem de carreira, especialmente em suas dimensões

objetiva e subjetiva, considerando centrais tanto o contexto, como as questões do indivíduo no tempo e espaço.

Figura 1 – Síntese Teórica



Fonte: Da autora (2019).

Conforme indicado na figura com a síntese teórica, as carreiras podem ser observadas a partir do contexto e dos diferentes níveis, organizacional e individual. Tanto os aspectos da dimensão objetiva (regulamentos, leis) como os aspectos da dimensão subjetiva (motivações, interpretações) compõem esse fenômeno. Analisar a carreira de atletas paralímpicos por meio dessa abordagem, pressupõe também compreender o contexto social que envolve os atletas com deficiência, como o esporte paralímpico se organiza, suas relações familiares e interpessoais, e como os atletas interpretam o mundo. A carreira, nesse sentido, está relacionada com a trajetória de vida dos atletas paralímpicos, uma vez que não se limita somente ao momento que atuam profissionalmente e à maneira pela qual as entidades esportivas se organizam. A carreira é construída ao longo de toda a existência desses atletas.

Após expor os fundamentos teóricos que norteiam esta pesquisa, na seção a seguir, tem-se a descrição do percurso metodológico adotado.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste tópico, teve-se o intuito de detalhar o caminho realizado metodologicamente no levantamento e tratamento dos dados de pesquisa, com a finalidade de investigar a carreira no esporte paralímpico.

5.1 Natureza da pesquisa

A natureza da presente pesquisa é qualitativa. Pesquisas desse gênero partem do pressuposto da compreensão da realidade dos seres humanos experimentada na sociedade. Para Minayo (2011), compreender é central nas pesquisas qualitativas, em que o contexto da realidade do sujeito deve ser apreendido por meio de questões particulares desse sujeito, experiências dentro de determinados grupos e da comunidade pertencente. Busca-se, dessa forma, entender a influência recíproca dos sujeitos sociais na construção de sua realidade.

Como objetiva-se nesta pesquisa compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos brasileiros, por meio de sua trajetória de vida, essa abordagem apresenta-se como adequada, pois cumpre com o propósito de pesquisas qualitativas. Possibilita, dessa maneira, captar com base nas intensões e motivações dos sujeitos que estão em determinado contexto na qual se situa o fenômeno investigado.

Na pesquisa qualitativa, não há preocupação com números, medidas ou expressões quantitativas, expressando uma visão mais subjetiva dos atores envolvidos (TRIVIÑOS, 1987). Ainda segundo esse autor, nessa abordagem, parte-se para a análise dos resultados de forma indutiva, ou seja, não há hipóteses para se verificar empiricamente. Logo, os significados e a interpretação são frutos da percepção do fenômeno estudado dentro de um contexto.

Nesse sentido, as pesquisas qualitativas não podem ser generalizáveis, pois buscam respostas para certos contextos em um espaço e tempo e/ou histórico-social, tratando, assim, os fenômenos de uma maneira diferente, mas com rigor científico (MINAYO, 2011).

Para o desenvolvimento de pesquisa qualitativa, uma das técnicas que se apresenta como apropriada é a entrevista, que, ao dar enfoque à fala dos atores sociais, possibilita compreender a realidade humana por meio de discursos, e, assim, apresenta-se como

adequada para pesquisas nas quais se objetiva entender como o mundo é percebido pelas pessoas (FRASER; GONDIM, 2004). Assim, a percepção dos sujeitos é nuclear para a compreensão da sua trajetória de vida e dos aspectos que a permeiam, principalmente no que diz respeito ao fenômeno em questão. Nesse sentido, ao se utilizar a técnica da entrevista narrativa, a ideia básica de Schütze¹⁹ (1977, citado por JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011) é reconstruir situações sociais a partir da percepção dos entrevistados.

5.2 A Entrevista Narrativa como Técnica de Coleta de Dados

Optou-se pela entrevista narrativa como técnica de coleta de dados, nesta pesquisa, uma vez que se buscou compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos por meio de elementos de sua trajetória de vida. Essa técnica se alinha ao método qualitativo, atendendo, assim, à natureza dessa pesquisa, uma vez que a própria carreira não é tratada pelos indivíduos como fatos separados. Segundo Cohen, Duberley e Mallon (2004),

Em suas histórias, os indivíduos não apresentam suas carreiras como uma série de eventos desconectados. Em vez disso, eles falam sobre estágios e episódios que, observados através das lentes de sua realidade atual, são interpretados como um todo perfeito (COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004, p. 411, tradução livre).

A experiência humana, normalmente, é transmitida por meio de uma narrativa; há uma necessidade em contar, uma vez que contar histórias não demanda esforço humano, mas uma aptidão global (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011). Jovchelovitch e Bauer (2011, p. 91) acreditam que as pessoas, a partir da narrativa, recordam fatos passados, colocam em sequência suas experiências, acham explicações para tal, e “jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. Além disso, ao contar histórias, comunidades, grupos sociais e subculturas utilizam palavras e sentidos próprios à sua experiência e à sua maneira de vida.

No processo de relatos, os indivíduos são conscientes de que fazem escolhas a respeito de qual versão relatar, e, nesse sentido, Cohen, Duberley e Mallon (2004) reconhecem na formação da narrativa de carreira um processo social permeado de normas e com compreensões culturais.

¹⁹ SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2011), a compreensão dos acontecimentos pode tanto ser de maneira geral ou indexada, ou seja, em que a menção é realizada a acontecimentos que são concretos de um tempo e um lugar. Pela narração, reconstróem-se ações e contextos da maneira mais apropriada, uma vez que são apontados o lugar, o tempo, a motivação e as direções do sistema simbólico do sujeito (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011).

O uso da entrevista narrativa tem como finalidade não só a reconstrução da história de vida do entrevistado (informante), mas também a compreensão dos contextos em que foram construídas tais biografias, além dos aspectos que geram mudanças e motivam as ações dos sujeitos (CRESWELL, 2014).

Assim, o entrevistado, ao narrar sua história de vida, revela aspectos subjetivos que possibilitam captar as influências de sua experiência de vida e também de seus valores nas escolhas realizadas ao longo de sua carreira (MACCALI, *et al.*, 2014).

Considera-se que as narrativas são interpretações do mundo e, por isso, sua confirmação não está em discussão, uma vez que exteriorizam a verdade de uma perspectiva em certo espaço, tempo e contexto sócio-histórico (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011).

A entrevista narrativa busca criar um ambiente propício ao informante, encorajando-o e estimulando-o a contar a história sobre determinado momento de sua vida e do contexto social. Assim, a proposta de Schütze (1977), segundo Jovchelovitch e Bauer (2011), de sistematização da técnica, visa, basicamente, a reconstituir ocorrências sociais segundo a perspectiva dos informantes. Assim, a ideia sistemática desse autor é a de conceber narrativas com fins de pesquisa social. Ao observar a trajetória de vida, a narrativa possibilita apreender como, no âmbito do trabalho, os sujeitos se organizam (DEL CORSO; REHFUSS, 2011). Assim, a ideia sistemática desse autor é a de conceber narrativas com fins de pesquisa social.

Nesse sentido, a linguagem é central e, por isso, para compreender como os indivíduos entendem a carreira, faz-se necessário saber como as pessoas se expressam sobre suas carreiras (COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004).

Ao narrar sua trajetória de vida, o indivíduo pode compartilhar a história de certa comunidade na qual está inserido ou da organização em que atua. Por isso, a história envolve a vida comunitária de uma organização, comunidade ou um grupo (DENZIN, 1988²⁰, citado por CRAIDE, 2011). Os atletas podem, dessa forma, ao relatarem sua história, mencionar as relações familiares, de trabalho, entre outras, possibilitando a apreensão sobre como aconteceram tais dinâmicas.

²⁰ DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. v. 17. Newbury Park: SAGE, 1988.

Com a realização das entrevistas, foi possível abordar questões específicas sobre a percepção dos sujeitos entrevistados em relação à sua carreira no esporte paralímpico, a partir de elementos de sua trajetória de vida. No próximo subtópico, os sujeitos que participaram desta pesquisa serão caracterizados e, no tópico 5.4, serão detalhados todos os momentos do caminho percorrido para a coleta de dados.

5.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa foram:

- atletas com algum tipo de deficiência congênita (física e visual), do esporte individual, que competiram em pelo menos uma edição dos Jogos Paralímpicos e que não atuam mais como esportistas de alto rendimento; ou
- atletas que não participaram dos Jogos Paralímpicos nos últimos quatro anos, que estão passando por um momento de transição de carreira.

Optou-se pelo esporte individual, pois esse possibilitaria o acesso a mais opções de atletas em relação ao esporte coletivo. Foi identificado pelo site do CPB que o esporte paralímpico tem mais modalidades individuais do que coletivas. Outro recorte estabelecido foi do tipo de deficiência, na qual foi determinado o congênito. A deficiência congênita caracteriza-se como aquela em que ocorre com o indivíduo na concepção ou que se manifesta mais tarde (BELFORT; BRAGA; FREIRE, 2006). Que se diferencia das pessoas que adquirem uma deficiência devido a acidentes, doenças que deixaram sequelas, entre outros (CASTRO *et al.*, 2008). Segundo Oliveira (2000), a pessoa com deficiência adquirida pode reconhecer a situação que a fez “adquirir” a deficiência como uma data marcante, lindando de formas diferentes, dependendo da sua história de vida. Além disso, os impactos sentidos por essas pessoas podem influenciar diferentes aspectos da sua vida, principalmente se exigir mudanças em seu cotidiano, ocupações, entre outros (BRITO, 2009).

Como a pesquisa diz respeito a um determinado grupo, ainda que as trajetórias se diferenciem, ao fazer a opção por um dos grupos, pode-se também identificar maiores relações entre as pessoas desse mesmo grupo. E isso faz diferença quando se opta por uma perspectiva de carreira como uma construção social.

Nesse sentido, levou-se em consideração o relato das pessoas com deficiência congênita desde a sua infância e suas perspectivas em relação à deficiência. E, por fim,

buscou-se entrevistar mulheres e homens, a fim de equilibrar a análise, uma vez que as demandas são diferenciadas de acordo com o sexo/gênero para se obter maior abrangência da realidade dos sujeitos estudados. Principalmente no esporte, em que esse fator pode trazer diferenças importantes relacionadas à maternidade/paternidade, por exemplo, devido ao uso do corpo para a prática.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos incluídos na pesquisa²¹

Número de sujeitos	Seis sujeitos	
	Três mulheres	Três homens
Modalidades em que competiram nos JP	Atletismo, judô e natação	Natação
Tipo de deficiência congênita	Visual	Física
Idade	Entre 37 e 53	Entre 38 e 41
Estado Civil	Duas solteiras e uma casada	Um amasiado e dois casados
Número de filhos(as)	Uma tem um filho(a) Uma tem dois filhos(as)	Dois tem um filho(a) Um tem dois filhos(as)
Escolaridade	Todas com Superior Completo	Dois tem Superior Completo Um tem Ensino Médio Completo
	Um dos sujeitos está cursando o segundo curso superior	
Formação superior	Dois em Educação Física e o restante em outras áreas do conhecimento.	
Ano da primeira competição nos JP	Dois sujeitos em 1996, três sujeitos em 2000 e um em 2004	
Ano da última competição nos JP	Quatro sujeitos em 2008 e dois sujeitos em 2012	
Número total de JP que competiram	Três sujeitos em 3 jogos e três sujeitos em 4 jogos	
Tempo total que competiram nos JP	Três sujeitos durante 8 anos e três sujeitos durante 12 anos	

Fonte: Da autora.

Atualmente, dois participantes ainda são atletas, mas não participam mais de edições dos Jogos Paralímpicos, um deles é concursado público há mais de 30 anos. Os outros já não atuam mais como atletas, dois também são concursados públicos, em que um deles é professor na modalidade em que atuava anteriormente, um trabalha em banco e o outro é autônomo e sócio de uma empresa do setor de esporte.

5.4 Caminho Percorrido

²¹ Não foi construído um perfil para cada entrevistado para evitar a possibilidade de sua identificação.

Inicialmente, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da universidade²² e todos os respondentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para garantir o sigilo de informações de identificação e a condução ética da coleta e análise. Em seguida, realizou-se o mapeamento de atletas paralímpicos que já tinham parado de competir nos Jogos Paralímpicos, por meio de buscas no site do Comitê Paralímpico Internacional (*International Paralympic Committee - IPC*) na seção de “Resultados, Rankings e Records”. A partir da ferramenta de busca, foi possível identificar todos os atletas que competiram em cada uma das edições dos Jogos Paralímpicos e também por meio de indicações de pessoas do meio esportivo.

Depois, os dados dos ex-atletas foram catalogados, permitindo identificar se os atletas atendiam aos critérios estabelecidos, como já mencionado anteriormente. A partir disso, buscou-se contatar os ex-atletas. Foram contatados três dos sujeitos, um em uma rede social, outro por meio de contato telefônico fornecido em um site que promove a imagem do ex-atleta e o terceiro, também pelo telefone encontrado na internet.

Ao participar do Congresso Internacional Paradesportivo no Centro de Treinamento Paralímpico na cidade de São Paulo, buscou-se tanto conhecer o campo de pesquisa e o ambiente do esporte paralímpico, quanto conseguir contatos que possibilitassem a comunicação com os sujeitos da pesquisa. Nessa ocasião, não foi obtido nenhum retorno que permitisse alcançar os sujeitos de pesquisa; entretanto, foi feito um caderno de campo para captar informações.

Outra estratégia foi traçada a fim de obter contatos de mais sujeitos para a pesquisa. Foi realizado um mapeamento das associações, confederações, federações e clubes das quais os ex-atletas fizeram parte. Praticamente todos os contatos, inicialmente, ocorreram por telefone e, posteriormente, com o envio de e-mail para a pessoa responsável por fornecer tal informação. Somente as entidades nas quais o telefone não foi encontrado ou, ao ligar, não atenderam, que foi enviado primeiramente um e-mail. Quatro entidades retornaram e forneceram, de alguma forma, o contato. Desses contatos obtidos, foi possível comunicar com mais dois sujeitos.

Conforme as informações foram sendo obtidos, entrava-se em contato com os sujeitos. Nos primeiros contatos realizados com os sujeitos, a pesquisa foi apresentada, sendo enviados o convite formal e o termo de livre consentimento e esclarecidas as dúvidas. Depois de tudo

²² N° do processo no Comitê de Ética: CAAE 98362818.7.0000.5148.

elucidado, foi agendada a primeira entrevista. Duas pessoas foram entrevistadas presencialmente, duas por telefone e duas por Skype.

Foram realizadas duas entrevistas com cada um dos sujeitos da pesquisa, com exceção de um deles. Para a primeira entrevista, foi utilizado um roteiro semiestruturado comum para todos. A análise inicial da primeira entrevista ajudou a conhecer melhor a história dos entrevistados, para, a partir dessa primeira compreensão, retornar ao campo realizando uma segunda entrevista na qual foram explorados aspectos relacionados ao tema da pesquisa com mais detalhes. Na segunda entrevista, aprofundaram-se principalmente assuntos sobre as relações e percepções dos sujeitos em momentos específicos de suas trajetórias, como na infância, durante e após o esporte.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados com base, inicialmente, em um mapeamento realizado com informações sobre possíveis sujeitos para a pesquisa. Em alguns casos, optou-se por solicitar indicações de novos entrevistados para os sujeitos que já haviam respondido à pesquisa pelo sistema de rede. Esse sistema de rede é definido por Bott (1976, p. 299) como “todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato”. Ressalta-se que a estratégia de coleta de dados de entrevista narrativa não apresenta a preocupação com a quantidade de sujeitos utilizada, mas, sim, com o aprofundamento e a qualidade de dados obtidos (LAVILLE; DIONE, 1999; ATKINSON, 2001), tanto que foi necessário realizar mais de uma entrevista com os sujeitos. O número de sujeitos foi definido com base no critério de saturação de dados, suspendendo a inclusão de novos sujeitos à medida que os dados passam a se repetir ou apresentam redundância (FALQUETO; HOFFAMANN; FARIAS, 2018).

As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente, formando, assim, o *corpus* de análise da pesquisa. Além disso, pesquisaram-se documentos relacionados ao esporte paralímpico, bem como reportagens de mídia, leis e decretos, consultados a fim de completar o *corpus* e as análises, principalmente no que se refere à contextualização do esporte paralímpico.

Depois de transcrever as entrevistas, a partir da primeira análise de parte do *corpus* da pesquisa foi construído o roteiro para a segunda entrevista que foi adaptado de acordo com a narrativa de cada entrevistado, baseado nos temas pertinentes à pesquisa. Um dos entrevistados não respondeu mais aos contatos e não enviou o termo de livre consentimento, o que impossibilitou que fosse realizada a segunda entrevista e impediu o uso de sua entrevista na pesquisa.

Agendou-se a segunda entrevista com os sujeitos da pesquisa. Foram realizadas uma por telefone, três por Skype. Um dos sujeitos não pôde agendar a entrevista e, por isso, foram enviadas as perguntas que seriam realizadas, e foram respondidas por escrito. Posteriormente, todas as entrevistas também foram transcritas.

Foi solicitado aos sujeitos da pesquisa a indicação de mais um ex-atleta. O primeiro ex-atleta indicado inicialmente respondeu aos primeiros contatos, mas depois não retornou mais. Com o segundo indicado, a entrevista foi realizada via Skype, e depois transcrita e incluída ao *corpus*. Assim, a coleta de dados foi feita com 7 sujeitos entre novembro de 2018 e março de 2019. Dessas, somente as entrevistas realizadas com 6 sujeitos fizeram parte do *corpus*. A duração das 11 entrevistas foi entre 10 minutos e 1 hora e 40 minutos.

Com o *corpus* da pesquisa organizado, foi iniciado o processo de análise, que será apresentado em seguida.

5.5 Tratamento e análise dos dados

Foi realizada a análise das trajetórias de vida dos entrevistados por meio da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1979, p. 42), a análise de conteúdo é,

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Tal análise apresenta-se pertinente, uma vez que permite apreender com profundidade as relações e dinâmicas sociais e organizacionais de determinados espaços de maneira apropriada à pesquisa, pois combina rigor e fecundidade, presentes, respectivamente, na objetividade e na subjetividade (BARDIN, 1979). É propícia à medida que revela mensagens que podem não ser identificadas em uma leitura eventual. Assim, a análise de conteúdo pretende “ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica em relação à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação” (MINAYO, 2000, p. 203). Possibilita, dessa forma, entender as relações existentes nos fragmentos discursivos e no contexto sociohistórico e organizacional.

Entre as técnicas que podem ser empregadas para a análise de conteúdo, optou-se pela análise temática, conhecida também como categorial. Nessa técnica, o texto pode ser fracionado em várias categorias e agrupado em partes semelhantes (MINAYO, 2000). Por

meio de tal tratamento, buscou-se encontrar núcleos de sentidos que se comunicam, importando-se com a repetição desses núcleos, em que os dados podem ser repartidos e contrapostos em suas divergências e afinidades (BARDIN, 1979). Possibilitou, desse modo, entender a construção de sentidos que os indivíduos transmitem por meio de seus relatos.

Optou-se pela técnica de análise de dados temática de grade mista. Dessa forma, foram definidas previamente categorias baseadas nos objetivos propostos na pesquisa, e possibilitando que, no decorrer da análise, surgissem novas categorias (VERGARA, 2005).

Quadro 2 – Categorias analisadas

Categorias	Subcategorias
Aspectos da dimensão objetiva	Investimentos financeiros: recursos como “ajuda”.
	Estrutura, Treinamento e Competições
	Classificação funcional: o início no esporte paralímpico.
Aspectos da dimensão subjetiva	Motivações: para além de uma carreira
	Interpretações e significados sobre a carreira no esporte paralímpico.
Impactos do esporte em suas vidas e na vida de outras pessoas	Impactos na vida dos ex-atletas e na vida de outras pessoas.
	O tempo no esporte na trajetória de vida: uma ruptura ou continuidade.

Fonte: Da autora.

Com a exposição dos procedimentos metodológicos, serão apresentados, no próximo tópico, os resultados e discussões.

6. A CARREIRA NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE EX-ATLETAS PARALÍMPICOS

Neste tópico, são apresentados os resultados e as discussões da presente pesquisa. Para tanto, a organização foi baseada nas categorias analisadas, como exposto anteriormente no quadro 2. Além das categorias temáticas analisadas, inicialmente, buscou-se conhecer o esporte paralímpico brasileiro.

6.1 O Esporte Paralímpico Brasileiro

Como o contexto é indispensável na compreensão das carreiras, no primeiro tópico, serão abordadas questões sobre o esporte paralímpico que buscam o entendimento de sua constituição como possibilidade de carreira. Serão tratadas nos seguintes subtópicos: “Breve contextualização histórico-social” e “Modalidades Paralímpicas e Classificação Funcional no Esporte Paralímpico”.

6.1.1 Breve contextualização histórico-social

O esporte para pessoas com deficiência, também denominado como esporte adaptado, tem seus primeiros indícios como uma ferramenta de reabilitação, principalmente, física e social, de soldados que voltavam com sequelas da 2ª guerra mundial na década de 1940 (PARSONS; WINCKLER, 2012). Entretanto, têm-se registros da prática do esporte desde 1871 nos Estados Unidos em uma escola para pessoas surdas que possibilitou, pela primeira vez, o beisebol (WINNICK, 2004). Há também informações sobre o desenvolvimento do esporte, mas de forma pontual em outras partes do mundo (REIS, 2014).

A primeira competição realizada aconteceu em 1924, em Paris, com a participação de 145 atletas de nove países da Europa, denominado Jogos do Silêncio ou *Deaflympics* (SENATORE, 2006; WINNICK, 2004), que, nesse período, já contavam com uma federação, na época Comitê Internacional de Esportes do Silêncio, e mais tarde, Comitê Internacional de Esporte pra Surdos (CISS) (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Na Inglaterra, o neurocirurgião alemão Ludwing Guttman inicia, no ano de 1944, o trabalho com o esporte como parte do processo de reabilitação de pacientes com sequelas da guerra, de lesão medular e outras lesões similares. O esporte servia como uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida e também o estado psicológico dessas pessoas, servindo de motivação para que se integrassem ao ambiente fora do hospital (PARSONS; WINCKLER, 2012; BAILEY, 2008). Araújo (1997) afirma que por meio do esporte, era possível constituir ou mesmo reconstituir novos horizontes e, conseqüentemente, maiores oportunidades de convívio dessas pessoas.

Nesse contexto, havia preocupação por parte dos governos envolvidos e dos grupos científicos, estes últimos percebendo a necessidade de desenvolver estudos sobre a expectativa e qualidade de vida, e os primeiros para dar retorno à sociedade, buscando reduzir os impactos causados pela guerra (ARAÚJO, 1997).

Os resultados foram tão positivos que Guttman organizou, em 1948, no mesmo dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, os primeiros Jogos de Stoke Mandeville. Dois anos antes, em 1946, nos EUA, em competições entre hospitais e associações de veteranos de guerra, iniciava o movimento do basquete em cadeiras de rodas (ARAÚJO, 1997; PARSONS; WINCKLER, 2012).

Ex-soldados holandeses juntaram-se aos ingleses em 1952, para também participar dos Jogos de Stoke Mandeville, e fundaram a Federação de Jogos de Stoke Mandeville (*International Stoke Mandeville Games Federation – ISMGF*), iniciando o movimento esportivo conhecido atualmente como esporte paralímpico (SENATORE, 2006). E em 1960, os jogos ocorreram em Roma depois dos Jogos Olímpicos, utilizando inclusive o mesmo espaço físico. Esse evento, posteriormente, foi considerado a primeira edição de Jogos Paralímpicos de verão, nome definido oficialmente somente em 1988, no evento realizado em Seul, Coreia do Sul, (BAILEY, 2008).

A participação nos jogos era exclusiva para atletas com lesões medulares até a edição do ano de 1976, em Toronto, no Canadá, com a inclusão de cegos e amputados, e em 1980, de paralisados cerebrais em Arnhem, na Holanda. Também, em 1976, foram realizados os primeiros Jogos Paralímpicos de inverno em Ornskoldsvik, na Suécia, mesmo ano dos jogos de verão (SENATORE, 2006). No âmbito organizacional, a criação da *International Sports Organization for the Disabled (ISOD)*, incluindo assim, os tipos de deficiência citados acima, representou um grande avanço para o esporte paralímpico internacional (REIS, 2014). É criado, em 1982, o Comitê Coordenador Internacional de Organizações Esportivas para Deficientes (ICC), cujo objetivo era, em nível mundial, organizar o esporte paralímpico, englobando quaisquer modalidades de quaisquer deficiências (REIS, 2014). Após três anos, o ICC passa a ser IPC, Comitê Paralímpico Internacional, em que tal modificação representa, segundo Araújo (1997), uma mudança de filosofia, por meio da qual busca-se igualar ao movimento Olímpico Internacional.

A expressão Paralímpico deriva da junção do prefixo grego “para”, que significa paralelo, ao lado, com o termo olímpico, referenciando, assim, a realização paralela dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (SENATORE, 2006; PARSONS; WINCKLER, 2012). Há controvérsias sobre o uso inicial, como a união das palavras paraplégicos e olímpicos.

No Brasil, a introdução do esporte adaptado pode ser associada às iniciativas de duas pessoas com deficiência física adquirida, que buscaram nos Estados Unidos terapias que contribuíssem com suas reabilitações no ano de 1950. As experiências de Robson Sampaio de Almeida e de Sérgio Seraphin Del Grande com o basquetebol em cadeira de rodas refletiram

de forma benéfica em suas dimensões física, social e psicológica. Eles idealizaram e criaram clubes por meio dos quais pudessem desenvolver o esporte adaptado no país (PARSONS; WINCKLER, 2012). Dessa forma, a prática do esporte adaptado de alto rendimento ou esporte paralímpico no Brasil tem suas origens influenciadas, principalmente, pelo modelo norte-americano.

Tal movimento ganha força, passando a receber mais atenção e incentivos para se organizar. Isso porque crescia o número de atletas em competições regionais e, também, nacionais, além da adesão de mais países a cada jogos mundiais. Em 1969, é formada a primeira seleção que participa, em Buenos Aires, de sua primeira competição internacional, nos II Jogos Pan-americanos, e nos Jogos de Heidelberg, primeira participação paralímpica, três anos depois (ARAÚJO, 1997; PARSONS; WINCKLER, 2012).

Segundo Parsons e Winckler (2012), ao representar o Brasil nos Jogos Pan-americanos para Pessoas com Deficiência Física no México, em 1975, foi exigida pela ISMGF a formação de um órgão para representar em âmbito nacional o esporte praticado pelas pessoas com deficiência. Assim, no mesmo ano, foi criada a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais (Ande), atualmente, Associação Nacional de Desporto de Deficiente, responsável pelas modalidades praticadas por pessoas com deficiência cerebral (REIS, 2014).

Na década de 1980, a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e a Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar) foram criadas, com o objetivo de trabalhar com o esporte paralímpico, assim como, em 1990, a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais (Abdem) e a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (REIS, 2014).

Essas entidades se organizavam de forma segregada e o Brasil ainda não tinha um órgão que pudesse responder diretamente ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC). Por isso, em 1995, é criado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (PARSONS; WINCKLER, 2012), importante acontecimento para o esporte paralímpico. O CPB não administra todas as modalidades paralímpicas brasileiras; por isso, há entidades nacionais de administração do esporte paralímpico por área de deficiência, como filiadas²³ e parceiras (PARSONS; WINCKLER, 2012). Atualmente, o CPB tem nove entidades filiadas e outras nove parceiras (ou reconhecidas) (CPB, 2019c). São as entidades filiadas: 1) Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais – CBDI (antiga Abdem); 2) Associação Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas – ABRC; 3) Associação Nacional de Desporto para Deficientes –

²³ As entidades filiadas se diferenciam das parceiras, pois a primeira tem direito a voto nas assembleias gerais (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Ande; 4) Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas – CBBC; 5) Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais – CBDV; 6) Confederação Brasileira de Tênis – CBT; 7) Confederação Brasileira de Tênis de Mesa – CBTM; 8) Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes – CBVD; e 9) Confederação Brasileira de Tiro com Arco – CBTArc. As entidades parceiras são: 1) Confederação Brasileira de Badminton – CBBD; 2) Confederação Brasileira de Canoagem – CBCa; 3) Confederação Brasileira de Vela Adaptada – CBVA; 4) Confederação Brasileira de Ciclismo – CBC; 5) Confederação Brasileira de Desportos na Neve – CBDN; 6) Confederação Brasileira de Hipismo – CBH; 7) Confederação Brasileira de Remo – CBR; 8) Confederação Brasileira de Triathlon – CBTri; e 9) Confederação Brasileira de Desportos no Gelo – CBDG.

Dessa forma, tanto o CPB, quanto as entidades ao comitê relacionados, são subordinadas às normas, regras e regulamentos e também ao Estatuto do IPC. Cada entidade é responsável por determinada modalidade, que serão apresentadas a seguir, em que será dada ênfase às modalidades dos entrevistados desta pesquisa.

Depois de exposta a contextualização do esporte paralímpico, cabe realizar algumas considerações e análises, buscando estabelecer relações do contexto e de alguns aspectos objetivos da carreira.

A origem do esporte para pessoas com deficiência e, conseqüentemente, da carreira no esporte paralímpico, tem como base a resolução ou minimização da questão social da época. A reabilitação e a ressocialização de pessoas com deficiência como núcleo do desenvolvimento do esporte competitivo e, conhecido também como de alto rendimento, para esse grupo, representou e ainda representa uma transformação, além do próprio indivíduo, social, política e econômica. A inclusão das pessoas com deficiência na sociedade reflete tanto em como o indivíduo se percebe, como na sua interação interpessoal, e possibilita que o outro também repense a pessoa com deficiência, mas, agora, como um atleta. O próprio desenvolvimento do esporte paralímpico, tendo como modelo o esporte olímpico, ajuda a reforçar a ideia de inclusão, como mencionado por Guttman, citado por Parsons e Winckler (2012, p. 3) “com esses jogos, as ‘pessoas deficientes’ estavam tendo o seu equivalente aos Jogos Olímpicos”.

A criação de confederações, comitês e instituições esportivas como responsáveis pela organização, estruturação das modalidades e das competições refletem a busca pela profissionalização dessa classe. No Brasil, isso pode ser observado com a criação do CPB, em 1995, como uma entidade-matriz do segmento esportivo paralímpico, composto por: pessoas jurídicas, as entidades nacionais, as estaduais e ligas regionais e municipais de administração

do desporto e de prática desportivas – clubes; e pessoas físicas, atletas, técnicos e dirigentes (CPB, 1995). Seu Estatuto Social, na seção 1, art. 3º, indica seu propósito:

O CPB tem por finalidade representar, dirigir e coordenar na área de sua atuação definidas por este Estatuto, por seus Regulamentos Específicos, pelo Estatuto do Comitê Paraolímpico Internacional (*Internacional Paralympic Committee* – “IPC”) e pelas normas, regulamentos e regras internacionais e pela legislação brasileira aplicável, o segmento esportivo paraolímpico brasileiro, tanto em nível nacional, quanto internacional, zelando pelo fomento do paraolimpismo no Brasil, pelo respeito ao lema, hino e símbolos paraolímpicos, bem como promovendo a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais (CPB, 1995).

Dessa forma, no âmbito organizacional, percebe-se que entidades se movimentam na tentativa de colocar o esporte paralímpico como parte importante também para o contexto social, ao incluir questões comuns ao coletivo, como, por exemplo, a cidadania, os direitos humanos e a democracia.

Nesse sentido, juntamente com o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, observa-se a criação de leis que tanto passam a beneficiar o esporte, como as pessoas com deficiência. Assim, as leis que estruturam e organizam investimentos financeiros para o esporte, no decorrer do tempo, modificaram-se, buscando garantir como permanente a aplicação de recursos financeiros²⁴. Tempos depois, a instituição da lei de inclusão da pessoa com deficiência ampliou o alcance social beneficiando diferentes demandas das pessoas com deficiência²⁵, refletiu também o ajuste positivo dos recursos direcionados ao esporte paralímpico (REIS, 2014).

A partir disso, pode-se perceber que carreira no esporte paralímpico envolve dimensões da vida da pessoa com deficiência como um todo. A partir da compreensão sócio-histórica do desenvolvimento do esporte paralímpico, foi possível conhecer aspectos que envolvem a constituição da carreira no esporte paralímpico, evidenciando componentes contextuais e a dimensão objetiva.

Além disso, cabe também indicar algumas especificidades do esporte paralímpico, que dizem respeito às modalidades paralímpicas e à classificação funcional.

²⁴ Ver em Lei 9. 615/1998 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm; Lei 10.264/2001 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm; Lei 10.891/2004 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13756.htm; Lei 11. 438/2006 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm.

²⁵ Ver em Lei 13.146/2015 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.

6.1.2 Modalidades e classificação funcional no esporte paralímpico

As modalidades esportivas pertencentes ao esporte paralímpico fazem parte dos Jogos Paralímpico de Verão e de Inverno. São administradas pelo CPB direta ou indiretamente, por meio das associações nacionais e confederações, e possuem suas próprias regras e normas. Das modalidades administradas diretamente, têm-se: o Atletismo, Esgrima em cadeira de rodas, Goalball, Halterofilismo, Natação, Rúgbi em cadeira de rodas e Tiro esportivo. São modalidades administradas indiretamente: Basquetebol em cadeira de rodas, Bocha, Canoagem, Ciclismo, Esportes de Inverno, Futebol de 5, Futebol de 7, Hipismo, Judô, Parabadminton, Remo, Tênis de mesa, Tênis em cadeira de rodas, Tiro com arco, Vela, Voleibol sentado (CPB, 2019)²⁶. A cada nova edição dos Jogos Paralímpicos as modalidades participantes são avaliadas, para a possível exclusão de algumas e a inclusão de outras.

Atletismo, judô e natação são as modalidades dos atletas paralímpicos entrevistados; por isso, neste momento, será dado enfoque a cada uma dessas modalidades.

O atletismo paralímpico caracteriza-se como uma modalidade multideficiência (WINCKLER, 2012), uma vez que engloba atletas com deficiência física, intelectual e visual. Essa modalidade é administrada pelo próprio CPB. As provas são de arremessos e lançamentos, corridas e saltos, tanto entre mulheres, como entre homens. Tal modalidade caracteriza-se pela diversidade das classes, ou seja, grupos divididos conforme o tipo de deficiência e a classificação funcional. O atletismo, segundo Winckler (2012), caracteriza-se por uma modalidade de baixo custo e de fácil acesso, o que pode retratar o avanço no número de praticantes no país.

A natação paralímpica, assim como o atletismo, também é administrada pelo CPB e engloba diferentes tipos de deficiência, como a físico-motor, a intelectual e a visual (ABRANTES, 2012). Assim como na natação olímpica, na natação paralímpica também são disputados diferentes estilos de nado, indicando também seu caráter plural. Um diferencial dessa modalidade em relação a outras modalidades paralímpicas, segundo Abrantes (2012), é que o atleta utiliza somente seu corpo, não utilizado próteses, cadeiras ou outros elementos no trajeto da prova.

O judô paralímpico contempla um tipo de deficiência. Dessa forma, seus competidores são atletas com deficiência visual. As categorias são divididas por sexo e por peso, além do

²⁶ Por decisão do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) as modalidades Futebol de 7 e Vela não farão parte das edições dos Jogos Paralímpicos de 2020 e 2024. Ver em: <https://www.paralympic.org/news/ipc-announces-final-tokyo-2020-paralympic-sports-programme>; <https://www.paralympic.org/news/paris-2024-ipc-announces-sports-programme>.

grau da deficiência visual do atleta (CPB, 2019a). Diferentemente do atletismo e da natação, o judô paralímpico tem como responsável por essa modalidade no país a Confederação Brasileira de Desportos Deficientes Visuais (CBDV) (CPB, 2019a). Além disso, no judô paralímpico, atletas com diferentes graus de deficiência podem competir entre eles. Isso se deve ao processo de classificação utilizado pela modalidade, que será abordado mais adiante.

Para que um atleta com deficiência possa fazer parte de uma dessas modalidades, eles precisam passar por um processo de classificação. A classificação é utilizada no esporte convencional, buscando alinhar condições físicas e/ou biológicas dos atletas, e pode ser observada nas divisões de categorias por idade e por sexo (BENFICA, 2012) ou por peso (PACIOREK, 2004; ROJO, 2017). No esporte paralímpico, a classificação esportiva, chamada de classificação funcional, objetiva o nivelamento da capacidade física e competitiva dos atletas, reunindo tipos de deficiências similares; entretanto, distinguindo suas especificidades (CASTRO, 2005; TEODORO, 2006). O sistema de classificação já passou por modificação; antes, as avaliações eram baseadas em uma análise clínica denominada classificação médica e, atualmente, valoriza-se o que é chamada de “potencialidades funcionais” do atleta (ROJO, 2017). Tais procedimentos visam ao máximo de precisão e exatidão da classificação do atleta, uma vez que pode refletir diretamente no seu desenvolvimento no esporte.

Nesse sentido, para o esporte paralímpico, a classificação funcional, além de importante, é essencial. Ao utilizar um sistema de classificação, busca-se garantir que os direitos e condições de disputa nas modalidades sejam de igualdade para os atletas, diminuindo, assim, possíveis injustiças (CARDOSO; GAYA, 2014). Com isso, legitima-se a participação de atletas com deficiência, uma vez que não depende somente do tipo e nem do nível da deficiência.

Contudo, segundo Parsons e Winckler (2012), o esporte paralímpico representa também um ambiente restrito, uma vez que só é possível praticar as modalidades contempladas por esse esporte pelo processo de classificação que torna a prática das modalidades elegíveis ou inelegíveis para os atletas. Ou seja, para que um atleta com deficiência consiga se desenvolver profissionalmente no alto rendimento, é necessário atender aos requisitos, primeiro da prática de uma das modalidades que existem no esporte paralímpico e, em seguida, ser considerado apto (elegível) na modalidade praticada.

Cardoso e Gaya (2014) indicam alguns dos objetivos da classificação funcional no esporte paralímpico, entre eles, fomentar a igualdade na competição, estimular a participação, incentivar que mais classes se envolvam e auxiliar a diferenciar e estimular níveis mais altos

de desempenho. Tal mecanismo precisa assegurar que os aspectos determinantes para obter resultados positivos não sejam o grau ou o tipo de deficiência e, sim, o nível de treinamento, talento, condições físicas, motivação e habilidade do atleta (MARQUES, 2010). Portanto, em cada uma das modalidades, há um sistema específico de classificação de deficiência, que, na sequência, será apresentada a base do processo de classificação do atletismo, judô e natação.

Os atletas considerados aptos a competir (elegíveis) pelo atletismo paralímpico são aqueles com deficiência física, intelectual ou visual. As provas são divididas em campo, pista e rua. Cada tipo de prova é subdividido em classes, que são baseadas no tipo de deficiência do atleta. O atletismo tem um total de 47 grupos de classes, que variam entre os números 11 e 58; “quanto menor (a classe ou seu número), maior a incapacidade gerada pela deficiência” (WINCKLER, 2012, p. 66). Os atletas com deficiência visual podem ter um atleta-guia ou apoio, conforme sua classe. O guia do atleta deve se manter ao lado do atleta e usar algo que os conecte, como uma corda, por exemplo (WINCKLER, 2012). Por ser um espaço de demandas técnicas e especificidades, segundo Winckler (2012), a modalidade merece atenção dos envolvidos na compreensão do processo de classificação, uma vez que a falta de informação pode gerar frustrações e dúvidas.

Os atletas com deficiência física, mental e visual fazem parte dos grupos que podem competir pela natação paralímpica, e os grupos são divididos a partir desses tipos de deficiência. Ou seja, a classificação nessa modalidade se divide em três grandes grupos, que passam por diferentes tipos de classificação (ABRANTES, 2012). Segundo Abrantes (2012), atletas com deficiência física passam pela classificação funcional; aqueles com deficiência visual, pela classificação oftalmológica; e atletas com deficiência intelectual, por critérios de elegibilidade. Assim como o atletismo paralímpico, a natação abrange diferentes tipos de deficiência, o que torna as classificações na modalidade complexas.

Já o judô paralímpico diferencia-se em vários aspectos das outras modalidades citadas anteriormente. Primeiramente, envolve competições entre atletas com deficiência visual, divididos em três grupos: B1, que se refere aos cegos totais ou com pouquíssima percepção de luz; B2 e B3 aqueles que têm baixa visão, no primeiro, com a percepção de vultos, e no segundo, os atletas veem imagens (CERQUEIRA; GOMES; ALMEIDA, 2012; CPB, 2019a). O segundo ponto diz respeito ao sistema de classificação utilizado, que, segundo Cerqueira *et al.* (2012), é a classificação médica, distinguindo-se, assim, da maioria das modalidades. Outra questão apontada por esses autores está relacionada às disputas, que podem acontecer entre os grupos, ou seja, atletas com graus diferentes de deficiência podem competir entre si. Há, contudo, divisão por categorias por peso e por sexo (CERQUEIRA; GOMES;

ALMEIDA, 2012). Por ser uma modalidade da área das artes marciais, parecem ser mais visíveis na prática do judô questões de filosofia de vida, como observado no texto de Cerqueira, Gomes e Almeida (2012), mas que tem buscado o reconhecimento como uma Luta Esportiva moderna e de ferramenta pedagógica.

Neste subtópico, foram apresentados os conceitos, objetivos e impactos da classificação no esporte paralímpico, para os atletas. Essas noções auxiliam na compreensão de uma questão fundamental para o esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência, que pode refletir no desenvolvimento do atleta paralímpico. Isso, porque, para entrar no esporte paralímpico, é obrigatório passar pelo processo de classificação funcional, independentemente da modalidade do atleta. Além do caráter excludente já apontado, pode-se evidenciar que em uma estrutura administrativa e organizacional, a classificação pode ser identificada como uma das regras específicas da carreira paralímpica.

A partir do que foi explicitado em relação ao contexto de origem do esporte paralímpico e suas peculiaridades, na próxima categoria, tais questões poderão ser compreendidas da ótica dos sujeitos desta pesquisa.

6.2 Aspectos da Dimensão objetiva da carreira: percepções dos ex-atletas

Nos estudos sobre carreira, Hughes (1937, citado por BENDASSOLLI, 2009), defende a importância de se identificarem as dimensões objetivas e subjetivas. Para o autor, ambas as dimensões estão presentes e são inter-relacionadas e não excludentes.

Na dimensão objetiva da carreira dos entrevistados paralímpicos, foram encontradas as subcategorias: “Investimentos financeiros: recursos como “ajuda”; “Estrutura, Treinamento e Competições” e “Classificação Funcional: o início no esporte paralímpico”.

6.2.1 Investimentos financeiros: recursos como “ajuda”

Nessa subcategoria, os sujeitos relataram muita dificuldade para permanecerem competindo, sobretudo no início da prática esportiva. Alguns mencionaram a falta de recursos financeiros fixos, principalmente para locomoção para treinos e competições, ressaltando, inclusive, que a maioria dos recursos eram de curto prazo e/ou esporádicos. Um deles menciona a importância do apoio financeiro da família. Todas essas questões podem ser observadas nos trechos de entrevistas a seguir.

[...] então assim eu acho que era a condição financeira, apesar que eu ainda acredito que o atletismo é o esporte mais barato que tem, porque precisa só de que? De ter tênis e correr. Correr é uma coisa inata do ser humano né? Mas eu acho que era mais a condição financeira mesmo de de que era difícil (Entrevistada 3).

Em 2004, a partir de 2004 com o governo Lula, que começou a ter o ministério do esporte, essas coisas, aí eles fizeram o bolsa atleta né? Eu acho que foi a partir de 2005 que eu já comecei a receber porque eu fui contemplada. Aí sim começou a virar profissional né, receber bem. Não que o CBDV não desse bolsa, mas não é tão grande quanto a que o Ministério do Esporte dava ao atleta (Entrevistada 5).

[...] minha família ajuda, tenho ajuda da família. Minha irmã mesmo, ela me ajuda, me dá uma ajuda de custo. Ela me dá o valor que eu tô precisando, pras passagens, enfim... irmãtrocínio. Porque patrocínio mesmo nunca tive não. Só a bolsa atleta (Entrevistado 6).

Para Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), há muitas intervenções externas no desenvolvimento da carreira do atleta. Assim, como mencionado pelos sujeitos acima, a família, o tipo de esporte escolhido e até mesmo intervenções mais amplas, como políticas socioculturais e econômicas, vão auxiliar ou dificultar o exercício da prática desportiva profissional. A entrevistada 5, inclusive, faz menção à bolsa-atleta, que foi criada como política de apoio ao esporte e, conseqüentemente, ao esporte paralímpico, que se refere à Lei 10.891/2004, que institui a bolsa. O fortalecimento e a consolidação das paralimpíadas também foi um aspecto objetivo do contexto que potencializou a carreira dos atletas entrevistados.

Percebe-se que há um movimento nos níveis individual, social e organizacional. Em outras palavras, os recursos financeiros vêm a partir dos resultados positivos (SALMELA, 1996; ERICSSON *et al.*, 2006) que o atleta começa a alcançar, vêm de seu relacionamento com familiares e potenciais patrocinadores e, em um nível mais amplo, de uma política nacional de apoio mediante as bolsas.

É possível assinalar aqui, a relação entre a implementação das primeiras leis, entre 1998 e 2006; e as participações em edições dos Jogos Paralímpicos dos sujeitos desta pesquisa, entre 1996 e 2012. Indicando assim, que o contexto de entrada e mesmo de permanência desses sujeitos como atletas paralímpicos, foi acompanhado de um momento favorável, em que o esporte paralímpico no país começa a ter visibilidade e também investimentos.

Apesar disso, o contexto social dos atletas pode ter determinado a sua permanência no esporte. Se por um lado, proporcionou uma renda que “ajudasse” manter o atleta nos treinos e competições, por outro lado, não foi suficiente para alguns, que não criaram expectativas de

retorno financeiro. Nesse sentido, como aponta Bendassolli (2009), da perspectiva do sujeito, a carreira pode ser compreendida como possibilidade de se desenvolver por meio de promoções, no caso, com seus bons resultados em competições, obtendo bolsa e patrocínios. Ou não, uma vez que o sujeito pode deixar o esporte para buscar outros meios de conseguir recursos, influenciando, assim, as suas escolhas profissionais.

O entrevistado 2, quando iniciou no esporte profissionalmente, já tinha formação superior e a exercia de forma autônoma; por isso, não colocou no esporte expectativas de retorno financeiro. Sua condição social influenciou a decisão de se manter no esporte por não ser sua principal fonte de renda. Por outro lado, com alguns colegas do atleta, a realidade foi diferente, visto que precisaram buscar fora do esporte meios para obter renda. Já a entrevistada 4 relata que somente depois de o esporte possibilitar renda, com bolsa e patrocínio, ela conseguiu visualizar o esporte como um caminho para se desenvolver profissionalmente e, conseqüentemente, comprometer-se com o esporte.

Tanto é que tinha muitos colegas aqui em São Paulo que visualizando isso, foram pro mercado de trabalho e desistiram, vamo dizer assim. Não de ser esportista, mas de querer viver disso. [...] Eu vi isso acontecer com muitos atletas e eu só consegui manter porque eu era autônomo [...] (Entrevistado 2).

Sim, eu não sabia até quando né, porque sem patrocínio a gente não tinha uma perspectiva, mas é... como surgiu a bolsa das medalhas que me sustentou nesses quatro anos e aí eu consegui patrocínio, e aí sim eu pude realmente me dedicar ao esporte né (Entrevistado 4).

Além disso, alguns atletas comparam os investimentos de quando entraram para o esporte paralímpico e atualmente, indicando que o esporte paralímpico tem conseguido ao longo do tempo maiores investimentos, como também consequência dos bons resultados nas competições. Assim, não somente quem apresenta bons resultados em competições internacionais, mas também quem demonstra potencial no esporte pode ser financiado para se manter no esporte, o que não ocorria antes, como apontado pelos atletas 2 e 5.

É impressionante, hoje que o esporte está por cima, eles querem né, vamo dizer assim, colocar a bandeira do esporte paraolímpico. Mas na época, quantas brigas eu já tive com os dirigentes, do centro olímpico, das próprias... as instituições do governo, ligada ao esporte, a Secretaria do Esporte né. A gente não tinha apoio, era impressionante como era difícil conseguir, sabe? (Entrevistado 2).

Quando resolveu dá... quando o Ministério do Esporte deu a bolsa para todos assim, reconheceu todos com igualdade né? Porque, o paraolímpico não era

como o olímpico, é... agora tá bem. Graças à Deus eu fico muito feliz quando eu vejo meus colegas sendo patrocinados por empresas privadas. Na minha época os que eram mais patrocinados era o pessoal que era campeão, hoje eu vejo que eles estão investindo em não só no campeão, mas no noutro pessoal, vê potencial eles estão investindo. Que é o que acontece com o olímpico (Entrevistada 5).

As questões relacionadas ao financeiro a partir da ótica dos entrevistados apresentaram-se como dificuldade, não só no início, mas também para o próprio desenvolvimento no esporte como atividade laboral. Contudo, o rendimento financeiro conquistado não é reconhecido por todos como uma fonte de autonomia para o atleta, mas como uma “ajuda”, um auxílio para conseguir se manter no esporte. Além disso, o financeiro não foi para todos a principal motivação para se desenvolver profissionalmente.

Na próxima subcategoria, serão apresentadas questões vinculadas à dimensão objetiva e que dizem respeito à estrutura, treinamento e às competições, na ótica dos sujeitos da pesquisa.

6.2.2 Estrutura, Treinamento e Competições

Na subcategoria Estrutura, Treinamento e Competições, os sujeitos relataram várias dificuldades, principalmente em relação à falta de profissionais com qualificação específica e locais de treinamento adequados. Em relação à aprendizagem, a partir de alguns relatos dos entrevistados, demonstra-se que eles tiveram que lidar com a falta de profissionais capacitados, de diferentes maneiras, dependendo do tipo de deficiência, como relatado nas experiências a seguir.

[...] em questão do esporte foi bem tranquilo pra mim né, os professores, acho que o mais difícil mesmo acho que foi no aprendizado. Que o deficiente visual por ele não tem a visão você tem que ter um professor para cada aluno se não tem jeito né (Entrevistado 4).

[...] o treinador chegou: - Oh tu pode até fazer natação não tem problema, mas eu tô meio receoso como é que eu vou fazer contigo. E eu disse pra ele: - Olha, faz igual qualquer outro aluno, e a gente vai indo vai adaptando, o que eu não conseguir eu falo. Eu até me lembro assim, eu só peço uma coisa pro senhor, se eu tiver morrendo afogado me tire d'água (Entrevistado 1).

Ao visualizar as questões situacionais e interacionais que a carreira apresenta (BENDASSOLLI, 2009), é possível observar pelos relatos que o acesso à aprendizagem ou

treinamento pode ser um limitador para o indivíduo. Assim, o desenvolvimento da carreira do atleta é evidenciado pela (in)disponibilidade de locais de treinamento.

No horário ocioso deles que não faziam nada que a gente conseguia treinar, não tinham boa vontade. Acho que essa é uma grande dificuldade que a gente sentiu na época. Hoje não, hoje tem o centro paraolímpico, é outra coisa. Mas foi a custas de nossos resultados né? (risos) A gente... a gente fez sem nada disso, entendeu? Foi outros tempos (Entrevistado 2).

E outra coisa, essa questão da do distanciamento né, na época só só quando fui morar em (nome da cidade) que eu fiquei com uma qualidade de vida boa, que eu morava perto da pista e que eu tinha eu acesso ao treinador da seleção. Mas quando eu treinava na minha cidade, nossa, o Rio era muito ruim, o Rio é como São Paulo, tudo longe, então desgastava demais para você treinar, era uma coisa muito sacrificante para você treinar (Entrevistada 3).

As questões apontadas pelos entrevistados indicam os obstáculos enfrentados na época em que eram esportistas, e mostram as dificuldades relacionadas ao desenvolvimento na carreira. Entretanto, muitas dessas questões são vistas por eles como não mais existentes atualmente, visto que o esporte paralímpico tem ganhado visibilidade e, conseqüentemente, recursos que possibilitaram a oferta de melhores condições para os atletas.

Na próxima subcategoria, a classificação funcional é discutida, uma vez que, para a carreira no esporte paralímpico, essa se apresenta tanto como importante, como definidora do caminho a ser percorrido.

6.2.3 Classificação funcional: o início no esporte paralímpico

A classificação funcional relaciona-se à carreira paralímpica como uma regra básica para se inserir no ambiente, no caso, dos atletas com deficiência do esporte de alto rendimento. Dessa forma, é possível observar a carreira a partir de sua dimensão objetiva (BENDASSOLLI, 2009). Entretanto, o processo de avaliação que define a classificação dos atletas, em cada modalidade, apesar de ter seus próprios critérios, de modo geral, não está isento da subjetividade. Isso pode ser observado em algumas narrativas dos entrevistados, os quais apresentam suas experiências e a maneira como a compreendem.

A minha, a minha como é cego total mesmo, então, é... por mais que eu fizesse outra avaliação ia dar na mesma né. Tudo bem que hoje mudou a regra, hoje... você tem que, não é permanente. [...] agora você tem que fazer de quatro em quatro anos né. Mas assim, na minha percepção, pra mim, se eu fizesse outra eu não ia mudar, ia ficar da mesma forma (Entrevistada 4).

A margem de subjetividade da avaliação pode ser menos aparente para o atleta, conforme o tipo de deficiência e/ou da modalidade esportiva, como é o caso da Entrevistada 4. Por outro lado, em outros tipos de deficiência, e dependendo também da modalidade, a avaliação é mais complexa, permitindo que se tenha uma avaliação que apresente mais o caráter subjetivo do que objetivo da classificação. Isso pode ser observado no relato do processo de classificação do entrevistado 6.

[...] a minha classificação, eles chamam de classificação funcional. Eu...no começo logo quando me classifiquei nos anos 80, final dos anos 80, na natação eu era S8. Aí mais uns dois anos para frente em 92, 91 eu passei para S6 e mais em seguida em 97 eu viajei para Londres um evento internacional [...] aí lá eu fui classificado internacionalmente baixei para S5. Aí até hoje estou com esse S5 (Entrevistado 6).

Para a carreira, a classificação determina o início do atleta no esporte paralímpico e, conseqüentemente, entendendo a partir de onde espera-se obter determinado desempenho. Ao ser avaliado e classificado, a pessoa é direcionada a uma determinada classe, juntamente com outras, que não necessariamente tem o mesmo tipo de deficiência que ela, mas que, parte-se do princípio de que todas que estão ali podem chegar a determinada “*performance*”. Nesse sentido, em nível organizacional, existe uma expectativa dos resultados que um atleta pode alcançar. Assim, a classificação também se relaciona com os rumos e decisões tomados na carreira²⁷, que segundo Mayrhofer, Meyer e Steyrer, (2007), podem tanto ser das pessoas, com suas escolhas individuais e coletivas, mas também como resultado de contextos nos quais ela é definida.

Agora, uma coisa em relação a categoria, eu sempre falo, você subir ou baixar categoria não mudou nada da sua deficiência, o desempenho foi o mesmo com certeza. As pessoas ficavam abatidas porque subiam ou desciam de categoria (Entrevistado 2).

²⁷ Recentemente, o sistema de classificação funcional teve suas normas alteradas pelo IPC. André Brasil, atleta paralímpico brasileiro de destaque na natação, depois de ser reavaliado, passou a ser inelegível nos estilos de sua especialidade. Em outras palavras, o atleta que dedicou parte da vida ao esporte, corre o risco de ter sua carreira interrompida precocemente, já que diante da nova classificação, ele não mais possui os melhores índices para poder competir. Em entrevista dada a uma rede de televisão, o atleta questiona seu lugar: “Se eu não sou olímpico e nem paralímpico, o que eu sou?” questionando sua própria identidade. Tal situação indica como a classificação funcional pode influenciar na carreira do atleta, mas também em sua identidade. Ver em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2019/04/27/andre-brasil-se-nao-sou-olimpico-nem-paralimpico-o-que-eu-sou/> e <https://sportv.globo.com/site/blogs/blog-do-coach/post/2019/04/25/tentando-entender-o-processo-de-classificacao-do-esporte-paralimpico.ghtml>

Ao refletir sobre as mudanças na classificação funcional, o atleta menciona tanto a deficiência, como o desempenho, como algo que não necessariamente se modificou, indicando que entre esse grupo há expectativas quanto à avaliação. Essa perspectiva apresentada pelo entrevistado pode mostrar uma forma de aceitar a mudança, sem que isso afete seu psicológico em relação à sua capacidade/habilidade. Pode-se, dessa forma, compreender também esse processo como uma transição dentro da carreira, na qual a pessoa é redirecionada a uma nova orientação (LOUIS, 1980 citado por VELOSO, 2009), nesse caso, a uma nova classe de competição. Tal mudança pode gerar nas pessoas instabilidade emocional/psicológica, uma vez que a incerteza de bons resultados passa a permear a sua vida. Esse aspecto pode tanto ser um elemento resultante da cobrança da própria pessoa, como da organização, e da carreira em si, uma vez que o nível competitivo exigido desses atletas é o máximo do seu rendimento.

De forma contrária, a permanência em uma mesma classe não gera esse tipo de reflexão realizada acima pelo entrevistado 2. Entretanto, pode provocar dúvidas quanto à classificação também nesses atletas e como pode ser observado no relato abaixo, foi utilizado um modo informal para confirmar à classificação da atleta.

Eu não poderia ser T11 porque eu não teria condições de ser T11 e também não poderia ser T13, porque não teria condição pra ser 13. (O treinador) brincava que eu saía na raia um chegava na oito. Ele fez um teste uma vez aqui em (nome da cidade) comigo desse negócio do movimento né, quando era corrida em movimento, e ele falou que era nítido como eu ia sem rumo pra lá (Entrevistada 3).

Ao identificar a classificação funcional como uma dimensão objetiva da carreira, compreendendo a percepção dos sujeitos da pesquisa, foi possível conhecer alguns elementos que ali se apresentam e como podem influenciar na carreira dos sujeitos. As regras e normas de classificação diferenciam-se em cada modalidade esportiva, bem como, cada tipo de deficiência é avaliada nesse espaço. Assim, as percepções podem variar conforme o contexto na qual cada indivíduo está inserido, ainda que pertençam a um mesmo grupo, no caso, de atletas paralímpicos.

Após conhecer alguns aspectos objetivos a partir da percepção dos sujeitos dessa pesquisa, as próximas categorias tratam, principalmente, da dimensão subjetiva da carreira. Contudo, questões relativas a dimensões objetivas podem aparecer, uma vez que elas estão inter-relacionadas.

6.3 Aspectos da Dimensão Subjetiva da Carreira no Esporte Paralímpico

Nesta categoria, serão apresentadas as análises realizadas sobre questões que envolvem principalmente aspectos da dimensão subjetiva da carreira dos atletas paralímpicos. O tópico está dividido em: “Motivações: para além de uma carreira” e “Interpretações e significados sobre a carreira no esporte paralímpico”.

6.3.1 Motivações: para além da carreira

Segundo Bendassolli (2009), a carreira também pode ser analisada de sua dimensão subjetiva, por meio das motivações dos indivíduos, observando, assim, a carreira da perspectiva micro de seus processos. Identificar as motivações dos sujeitos dessa pesquisa possibilita a compreensão das decisões tomadas e suas ações ao longo da trajetória de vida.

No geral, as motivações relacionadas à iniciação dos entrevistados no esporte não apresentam um padrão. Isso, porque não há uma associação clara à busca por reabilitação ou inclusão, como verificado em algumas pesquisas (CARDOSO, 2011; PEREIRA *et al.*, 2013). Segundo Berleze, Vieira e Krebs (2002), os motivos podem ser tanto intrínsecos como extrínsecos, em que o primeiro se baseia no interesse do indivíduo e o segundo, em fatores externos.

Foi através de amigos, foi o (nome do amigo), ele já fazia esporte desde pequeninho né. Daí foi isso, mais pelos amigos, por convite mesmo. Incentivado por conta de amigos (Entrevistado 6).

Na narrativa do entrevistado 6, a oportunidade de iniciar a prática do esporte surgiu por meio de convite de amigos, das suas relações sociais. A interação social pode ser considerada um dos aspectos que mais têm colaborado para a prática de esportes (WEINBERG; GOULD, 2008).

Verificou-se também que as motivações relatadas não necessariamente se pautaram na intenção de se desenvolver no esporte profissionalmente, mas, sim, pelos benefícios físicos, sociais, psicológicos, fisiológicos oferecidos pelo esporte (MARQUES; CASTRO; SILVA, 2001; BENTO, 2004; GARCIA; LEMOS, 2005; BODAS; LÁZARO; FERNANDES, 2007; PEREIRA *et al.*, 2013).

Ah saúde né...na verdade minha mãe queria que a gente aprendesse a nadar, porque uma vez a minha irmã caiu num rio e não sabia nadar. E aí minha mãe incentivou né, a gente a aprender a nadar e a gente acabou gostado, eu acabei gostando e acabei seguindo em frente (Entrevistada 4).

A entrevistada relata o incentivo familiar para iniciar no esporte como resultado de um acontecimento específico. Contudo, a sua continuidade ocorre por vontade própria, assim como de seus irmãos. Para Schmidt e Wrisberg (2001), o interesse da pessoa determina sua permanência quando considera a atividade positiva para sua vida, e no presente caso, da entrevistada pela modalidade.

Pode acontecer de as ações de um indivíduo serem motivadas por razões externas, como forma de compensação ou por obrigação. Por outro lado, segundo Cratty (1984), a estrutura psicológica e as necessidades pessoais de realização, socialização e de reconhecimento também podem exercer influências nas atitudes e escolhas de um indivíduo. A possibilidade de superação, o desenvolvimento tanto pessoal e na modalidade escolhida, demonstram os desejos, as intenções e sentimentos dos sujeitos da pesquisa.

Por que eu sempre gostei de tá ativa, eu sempre quis é é.. fazer tudo. Eu sempre quis conhecer, sempre quis experimentar as coisas. Então eu era uma criança muito muito ativa muito curiosa. Eu pensava assim comigo: - Tô no colégio interno, tô aqui a semana toda. Eu preciso me ocupar, eu tenho que ter estímulo (Entrevistada 3).

A aprendizagem também foi citada pelas atletas 3 e 4; entretanto, uma situação específica fez com que a entrevistada 4 se iniciasse no esporte. Isso demonstra que situações podem influenciar a escolha, no caso, estimulado pela família. Já a entrevistada 3, sentiu-se motivada a partir das oportunidades de ter contato com diferentes tipos de conhecimentos oferecidos pela escola.

Os primeiros contatos com a modalidade escolhida pelo entrevistado 1, que se iniciou no esporte buscando lazer, foi também a oportunidade de superar suas limitações diante de sua deficiência (PEREIRA *et al*, 2013). O fato de estar em um ambiente de pessoas que não tinha deficiência pode ter contribuído para os olhares das outras pessoas. A necessidade de exposição do corpo para a prática do esporte fazia com que a sua deficiência ficasse também à mostra, colocando o entrevistado em uma nova situação, percebida como desafiadora por ele.

E foi bom, porque foi uma das coisas que me motivou assim, que fez com que eu enfrentasse assim, que não é fácil é, ir pra uma piscina, ter que tirar toda a prótese. Na época da adolescência, pré-adolescência, eu tava com 12

pra 13 anos. E todo mundo, todo mundo já te olha com a prótese, sem a prótese aí que olha mais (Entrevistado 1).

A entrada no esporte paralímpico foi motivada, na maioria dos relatos, por oportunidades que foram surgindo, principalmente por indicação de pessoas conhecidas dos entrevistados, que tinham acesso ao meio esportivo para pessoas com deficiência. Além dos planos e decisões individuais, para Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), o ambiente social também exerce uma função relevante, uma vez que proporciona ao indivíduo uma visão de fora sobre si e de seus empenhos, exercendo na carreira fortes influências.

Na verdade, até os meus 12 anos eu não sabia que existia competição para deficientes, aí um amigo meu, [...] aqui (da minha cidade), falou pra minha mãe: - Ah, vai ter uma competição brasileiro de deficientes visuais, você não quer levar a sua filha? Aí minha mãe falou: - Ah, vamos né. Aí que eu conheci realmente o esporte paralímpico. Na verdade, nem foi o paralímpico, foi o esporte para deficientes visuais. E aí conforme, eu fui começando a participar de competições que eu fui conhecendo o esporte paralímpico né (Entrevistada 4).

Nossa... e... muito emocionante fala isso né, porque o (professor), nossa... figuraça, o (nome) filho dele é um querido, não tem nem palavras assim para falar desses queridos todos que me construíram, que fizeram a minha construção no esporte. Graças a eles que eu fui para seleção e comecei a minha trajetória em 199... 1994, que foi minha primeira participação na seleção do atletismo (Entrevistada 3).

A imagem que o espaço social possui em relação aos indivíduos colabora para as responsabilidades que podem lhes ser atribuídas, assim como propostas de desenvolvimento conquistadas e como são avaliados (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). Nesse sentido, os indivíduos experimentam orientações na carreira que tanto podem decorrer de entidades (representados, por exemplo, por treinadores/técnicos) de que fazem parte, ou de fora dela (amigos, familiares). Muitos deles não conheciam o esporte paralímpico, e aqueles que participavam de competições, eram com pessoas sem deficiência; entretanto, identifica-se que nesse espaço não conseguiam atingir seu potencial ao máximo, como identificado no relato abaixo. Antes de chegar ao esporte paralímpico, a atleta competia com pessoas sem deficiência. Se, por um lado, a experiência pode representar uma oportunidade de inclusão para um atleta com deficiência, por outro, o mesmo ambiente pode limitar seu desempenho, impedindo que avance na carreira. Tal avanço pode ser compreendido por meio da conquista de campeonatos em diferentes níveis (municipal, regional, estadual, nacional, internacional).

E as conquistas no judô eu fui classificada até o regional, interestadual, só não chegava... quando chegava no Paulista eu perdia, eu nunca ganhei um paulista né? (Entrevistada 5).

As motivações durante o desenvolvimento no esporte paralímpico identifica-se com questões que envolvem o desempenho individual e da equipe, a família, a imagem do atleta e a possibilidade de conhecer outras culturas.

A motivação no desenvolvimento profissional pode determinar a permanência ou não do indivíduo (HAIACHI *et al.*, 2016), no presente caso, dos atletas no esporte paralímpico.

Claro que a gente não faz para querer provar nada pra ninguém, mas é uma grande motivação assim, para mostrar para a sociedade de que apesar de toda a dificuldade, a gente tá na luta sim (Entrevistado 1).

Uma das motivações relatadas pelo entrevistado 1 foi mostrar a superação de uma pessoa com deficiência, depois de presenciar um pai que levou seus filhos em uma competição. Ainda que não fosse seu intuito, ele percebeu naquele momento que poderia fazer diferença perante a sociedade. A carreira, nesse sentido, pode representar uma ferramenta de mudança de perspectiva social sobre as pessoas com deficiência, à medida que a imagem dos indivíduos é revisitada. Segundo Goffman (2008), estigma relaciona-se a determinadas circunstâncias da pessoa que se localiza inabilitado para ser aceito socialmente de maneira plena, por possuir um atributo que se coloca como central e resulta no distanciamento dos que estão nesse local. Dessa forma, a situação em que a pessoa se encontra a caracteriza como desviante em relação às normas determinadas socialmente. Contudo, no caso de um atleta com deficiência, essa interação pode ocorrer de maneira diferente. Ao ser reconhecido como exemplo de superação, sua imagem passa por um ajustamento, e por isso, torna-se um modelo a ser seguido. A mudança da percepção social em relação às pessoas com deficiência pode ser compreendida como a extensão do próprio movimento paralímpico em si, que reflete uma luta.

Pra gente, no meu caso, que tinha dificuldade desenvolver o nado pela própria deficiência, vê a performance crescer cada vez mais, vai além da medalha. Vai muito além da medalha. Então o grande motivador meu, sempre foi isso (Entrevistado 2).

E a minha motivação era meu filho, que eu precisava disso e... eu queria conquistar por causa dele, por causa da minha família também, mas ele era... assim, depois que tive meu filho, ele que foi meu maior minha maior motivação (Entrevistada 5).

O desenvolvimento físico e profissional pode ser observado no relato do entrevistado 2, que enfatiza a superação como seu grande motivo para permanecer como atleta paralímpico. Ao relacionar com a carreira, a motivação está interligada a aspectos pessoais, mas que podem ser observados a partir do reconhecimento dos seus resultados positivos, representada, por exemplo, na medalha. Diferentemente, a entrevistada 5 atribui ao filho sua motivação. A atleta não é só apenas atleta, tornou-se atleta e mãe. A identidade se altera com a inclusão de um novo papel, afetando a sua percepção sobre suas ações e decisões na carreira (BENDASSOLLI, 2009). O papel de mãe, no caso do esporte, é extremamente influenciador de mudanças, visto que um atleta depende totalmente do corpo para competir, assim como a maternidade é gerada a partir do corpo da mulher.

Dessa forma, entender as motivações que envolvem a carreira do atleta permitiu o conhecimento dos caminhos escolhidos por eles, bem como as relações, influências e sentimentos envolvidos nesse processo. Na próxima subcategoria, serão apresentadas as percepções dos ex-atletas em relação à carreira no esporte paralímpicos.

6.3.2 Interpretações e significados sobre a carreira no esporte paralímpico

As interpretações que o indivíduo faz no decorrer de sua vida sobre suas ações e de como elas ocorrem, segundo Hughes (1937, citado por BENDASSOLLI, 2009), permitem identificar a dimensão subjetiva da carreira. Compreendendo que a carreira envolve questões que vão além do período de atuação como atletas paralímpicos, foi possível identificar nas narrativas que a percepção sobre a prática do esporte envolve tanto o desenvolvimento pessoal, profissional dos indivíduos, como social.

Alguns dos entrevistados usam metáforas, como citado nos trechos abaixo, para expressar sua percepção sobre sua carreira. O entrevistado 1, ao mencionar que o esporte é como “um espelho da vida”, compara com a própria vida em si. Isso pode mostrar que a vivência nesse ambiente retrata como a carreira é compreendida nesta pesquisa, como a trajetória de vida em si de uma pessoa (BENDASSOLLI, 2009). Ao mesmo tempo, é um espaço em que o atleta atua para dar sentido ao que faz (objetivos, metas, disciplinas, dedicação). As dinâmicas que ocorrem na vivência da carreira no esporte são percebidas pelo indivíduo no próprio cotidiano, ou seja, na vida.

Eu acredito que o esporte é meio que um **espelho da vida** assim. É uma... ah, uh... mostra como que é a vida assim, dia a dia tem que ter um objetivo, metas, tem que ter disciplina, respeitar os companheiros, adversários, e principalmente tem que trabalhar muito (Entrevistado 1, grifo nosso).

Então, isso é uma coisa muito gratificante, essa própria superação, é uma evolução como um... como ser humano. O esporte é uma **ferramenta fabulosa** (Entrevistado 2, grifo nosso).

Ferramenta²⁸ significa instrumento que possibilita a realização de certos tipos de tarefas. O entrevistado 2, ao mencionar o esporte como ferramenta, informa que, por meio dele, é possível o aperfeiçoamento pessoal, que envolve a superação da deficiência e das dificuldades da vida, contribuindo para a evolução como um todo.

As relações entre os atletas foram relatadas pelos entrevistados como relações muito próximas na época em que competiam; chegaram a comparar a uma família. Tal interrelação foi identificada por eles como sempre positiva, de cooperação para a trajetória dos entrevistados na carreira esportiva. Assim, o entendimento da carreira no esporte também demonstra que a convivência com colegas no local onde se exerce suas atividades laborais contribuem para o desenvolvimento da carreira (CARDOSO, 2016).

Ah, como uma família, como uma família, como uma um momento de integração, de realização, de estar junto com as pessoas, de trocar, de conhecer gente, de consolidar a convivência humana (Entrevistada 3).

A carreira no esporte também pode ser compreendida em relação à interpretação e avaliação que o indivíduo tem sobre si mesmo (HALL, 1996). Nesse sentido, como a carreira, a identidade também passa por transformações e mudanças ao longo do tempo (CIAMPA, 2001), que também estão relacionadas ao contexto.

A entrevistada 5 narra sobre suas primeiras experiências no ambiente do esporte paralímpico, indicando dificuldade de aceitação. Entretanto, a interação, tanto com sua modalidade como com outros atletas, fez com que a entrevistada repensasse sobre si. Essa reflexão partiu principalmente do contato com outras pessoas com as quais ela passou a se identificar. Ciampa (2001) indica que a identidade de uma pessoa está relacionada a como a pessoa se vê e como os outros também a percebem. Antes, a entrevistada era a atleta, a partir da reflexão do espaço em que passa a atuar, ela se reconhece como uma atleta paralímpica.

²⁸ Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1994).

Essa foi a minha grande dificuldade da aceitação, assim, não achava que eu teria que estar ali. Mas conforme o tempo que eu fui conhecendo as pessoas quando eu fui viajar e conheci o esporte lá fora, eu via que tudo, que realmente tinha as três categorias e que os B1's também ganhavam dos B3's né? Que tudo dependia de treino (Entrevistada 5).

Assim como a entrevistada 5, os outros entrevistados também perceberam no esporte a transformação em si mesmos. Lidar com a própria deficiência, reconhecer suas limitações e também suas potencialidades foram possibilitados pelo desenvolvimento em si na carreira no esporte, visto como realização do indivíduo e de sua constituição no trabalho (BENDASSOLLI, 2009) de mudança pessoal (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989).

Mudou pra melhor claro, mudou em mim de me conhecer melhor, o próprio corpo, as minhas limitações né (Entrevistado 6).

Por meio da narrativa dos entrevistados, também foi possível identificar a percepção em relação à identificação do esporte como uma possibilidade de desenvolvimento profissional. As conquistas de boas colocações nos campeonatos possibilitaram a entrada na seleção paralímpica, e foi um dos principais fatores para tal percepção. Nesse sentido, o reconhecimento do próprio indivíduo, como social e profissional, é evidenciado nesses aspectos, além de disciplina, que está diretamente relacionada à profissão (DIMANDE, 2010; RÚBIO, 2002). Além disso, o esporte como desenvolvimento profissional, também foi mencionado como um ambiente que “abre portas”, relacionado principalmente a questões que não envolvem necessariamente a renda, como relatado pelo entrevistado 6.

Quando eu fui pra minha primeira paralimpíada né, que aí eu comecei a ter consciência do meu potencial. Então foi a partir daí que eu comecei a ter consciência de que eu poderia treinar mesmo pra competir profissionalmente (Entrevistada 4).

O esporte ele abre portas pra muitas coisas né? Ele me deu muitas possibilidades, hoje eu sou funcionário público, tenho uma vida boa, simples, mas boa... me deu trabalho, me deu outras coisas, conhecimento de... conhecer pessoas diferentes, países diferentes... o esporte me deu tudo isso que eu falei pra você (Entrevistado 6).

Os significados atribuídos pelos entrevistados demonstram como a carreira é percebida, suas relações e interações e também sua possibilidade de constante desenvolvimento permeado por diferentes aspectos (COHEN; DUBERLEY; MALLON, 2004). Entretanto, como poderá ser visto na próxima categoria analisada, o esporte como

carreira também tem suas peculiaridades, sobretudo no que diz respeito ao tempo de atuação e de possibilidades para quando se encerra como atleta paralímpico.

Na próxima categoria, serão abordadas os impactos da carreira no esporte para sua vida e para vida de outras pessoas, percebidos pelos sujeitos dessa pesquisa.

6.4 Impactos da carreira na trajetória de vida de ex-atletas paralímpicos

Nesta categoria, foram identificados os impactos que a carreira no esporte paralímpico provocou em sua trajetória de vida, compreendendo também os efeitos na vida de outras pessoas. Além disso, a questão temporal de atuação no esporte também é tratada. Tais questões serão abordadas a partir das subcategorias: “Na vida dos atletas e na vida de outras pessoas” e “O tempo no esporte na trajetória de vida: uma ruptura ou continuidade”.

6.4.1 Impactos na vida dos ex-atletas e na vida de outras pessoas

O esporte como meio de desenvolvimento profissional para os entrevistados implicou o impacto em diferentes dimensões na vida desses sujeitos, mas também a vida de outras pessoas. Se carreiras são sempre carreiras em determinado contexto (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007), seus desdobramentos também podem ser identificados a partir de como os sujeitos ali envolvidos compreendem suas configurações a nível individual. Ao perceber as consequências da trajetória no esporte paralímpico e, conseqüentemente, da sua carreira, os sujeitos se recordam e reavaliam tais impactos.

Nos relatos, os entrevistados falam sobre os diferentes impactos que o esporte trouxe para a vida deles, para a vida de pessoas próximas aos entrevistados e também dos impactos na percepção do outro em relação aos entrevistados.

Em relação aos impactos na vida dos entrevistados, a carreira no esporte repercutiu diretamente e substancialmente no cotidiano desses sujeitos, pois eles, além de conciliar a rotina de treinos com a dos estudos, relatam como a carreira demanda dedicação e renúncias.

Eu acho que o mais difícil mesmo era a gente se dedicar, porque a gente tem que se abdicar de muita coisa pra gente poder treinar, às vezes seus amigos, principalmente na adolescência, fala: - Ah vamo pruma festa? E a gente fala não, tem que treinar. Poucas férias né? Então eu acho que o mais difícil mesmo era essa questão mesmo de conciliar né, um objetivo que você queira chegar, e você tem que se abdicar de muita coisa para você conquistar aquilo né. (Entrevistada 4)

Porque eu era uma pessoa... como eu era uma atleta bem focada, o meu mundo se resumia a treinar ir pra casa e... treinar. E viajar para competição. Então eu não tinha... meu mundo, meu círculo social, minha vida social era no esporte. Então as pessoas que eu convivia eram de lá (Entrevistada 3).

O meio no qual um atleta paralímpico convive, quando se está ativo, é basicamente o ambiente de treinamento. Aspectos objetivos da carreira, que seriam a obtenção de resultados (que pode ser ganhar uma luta ou chegar nos primeiros lugares) é vista pelos atletas como um processo que demanda bastante esforço e renúncias para que seja realizado, sendo percebida como um “mundo” deles, onde ocorre também as relações sociais, como observado nos relatos das entrevistadas 3 e 4.

Além disso, há expectativas sobre a função exercida pelo sujeito, ou seja, esperam-se do atleta (treinadores, associações ou confederações, CPB, familiares, amigos) que consigam alcançar determinados resultados (COSTA, 2007). Nesse sentido, existe expectativas da organização (chegar a determinado ranking, conseguir vaga para campeonatos) quanto advindas do próprio sujeito e também dos outros.

Ainda sobre os impactos do esporte na vida dos atletas, outra questão foi evidenciada, que diz respeito à autonomia financeira. A carreira também pode ser compreendida pelas promoções obtidas de seus esforços (BENDASSOLLI, 2009). Ao analisar a carreira no esporte, não é possível identificar uma estrutura organizacional predefinida (CHANLAT, 1995) em que, à medida que o indivíduo desempenha bem seu trabalho, ele pode subir na hierarquia. Dessa forma, para o atleta, isso pode ser observado à medida que ele conquista bons resultados nas competições, chegando ao máximo do alto rendimento, que é o caso dos entrevistados dessa pesquisa em suas modalidades. Aqui, as competições, o processo para conseguir vaga, podem ser equiparadas aos meios de se progredir na carreira (CHANLAT, 1995). Analisando de forma concreta os resultados obtidos do desempenho, para além da participação nesse grupo (considerado o topo), identificou-se nas narrativas, da maioria dos entrevistados, que a carreira no esporte, não necessariamente possibilitou autonomia financeira para eles. Para alguns, entretanto, significou tudo.

Não posso dizer e assim, se eu tivesse pensado dessa maneira quando eu encerrasse a minha carreira... ia acabar um dia. Entendeu? Eu não posso dizer que me sustentou e nem que sustentaria. (Entrevistado 2)

[...] hoje, o que eu tenho hoje é por conta do esporte. A casa que e tenho, foi porque eu juntei dinheiro do esporte, tudo que eu tenho, a estrutura que eu dou pros meus filhos, é por causa do esporte. Porque eu guardei dinheiro. Porque eu sabia que isso daqui, que o esporte não ia ser pra sempre né.

Porque começou a ter um monte de lesão, um monte de lesão e quando gente é atleta, não pode pensar que isso é pra sempre (Entrevistada 5).

Dessa forma, a carreira é também, como apontado por Super (1967), citado por Rivas (2003), uma oportunidade, por meio da qual o indivíduo pode se desenvolver, mediante experiências com base no meio social, que possibilita oportunidades relacionadas à educação, trabalho e também socioeconômicos, em que o indivíduo se dedica para sua realização tanto material quanto humana.

[...] eu ainda sou uma pessoa tímida, mas na época eu era muito assim, eu era de entrar no lugar calado e sair mudo. E hoje, hoje fez assim, de tá sendo exposto o tempo todo, em competições, na mídia, fez com que eu perdesse essa minha timidez, diminuiu, não perdesse (risos) (Entrevistado 1).

[...] fui desenvolvendo, bem devagarzinho, no começo muito difícil, porque assim, meus movimentos eram muito limitados, mas à medida que eu ia melhorando o desempenho na natação, o meu corpo melhorava, o meu corpo melhorava, melhorava a natação (Entrevistado 2).

Nas narrativas, os entrevistados relembram e analisam características em que eles consideram ter aperfeiçoado com o tempo, a partir de sua trajetória de vida no esporte. Além disso, a possibilidade de desenvolverem suas relações interpessoais, conhecer novas culturas, entre outros impactos, foram indicados como importantes pelos entrevistados.

Além desses impactos, a carreira no esporte também implicou consequências para a atuação atual dos entrevistados ou para o desenvolvimento intelectual, por meio dos estudos. A atuação como atleta pode exercer um caráter de ponte para outros domínios.

É o impacto, como eu já disse o negócio da faculdade, por exemplo, às vezes eu não teria tido os 100% só pelo fato de ser atleta e ser medalhista né? (Entrevistada 5).

Ainda que na percepção dos entrevistados houve mais impactos positivos, a carreira no esporte também trouxe impacto negativo, como observado na narrativa da entrevistada a seguir:

Mas esses 15 anos pra trás aí que eu fiquei sem nada, são 15 anos perdido. Eu não tenho... não posso contabilizar eles para uma futura aposentadoria. E agora eu não sei como é que tá a legislação, eu não sei como eles estão trabalhando, isso é uma coisa também que o pessoal precisa pensar né? Precisa lutar e pensar (Entrevistada 3).

Mas como eu já tinha consciência disso, eu falei: - Não, eu quero ter uma aposentadoria mais pra frente, eu quero ter uma vida tranquila, então pra mim foi mais fácil. E como eu já tava me preparando pra isso né, então pra me adaptar foi mais fácil (Entrevistada 4).

Na época em que a entrevistada 3 iniciou sua vida esportiva, a estrutura organizativa da atividade laboral no esporte ainda não dispunha de mecanismos equivalentes àqueles previstos em lei, como aquelas determinadas pela Consolidação das Leis do Trabalho, que gerou essa situação para alguns dos entrevistados. Com mudanças na lei passaram a permitir a partir de 2018 a filiação ao Regime Geral de Previdência Social, de modo segurado facultativo²⁹. Contudo, ainda não há uma obrigatoriedade por parte das organizações esportivas que assegure aos atletas os benefícios da Previdência Social, como a aposentadoria. Nesse sentido, como foi observado na narrativa da entrevistada 4, a incerteza quanto ao futuro impactou na decisão em optar por uma carreira com características de estabilidade (CHANLAT, 1995).

Nesse sentido, no que diz respeito à gestão de pessoas das entidades esportistas, tal questão pode se apresentar como um desafio, ao mesmo tempo que uma oportunidade. Atualmente, o CPB conta com um programa que inicialmente chamava-se “Transição de Carreira”, transformado para “Atleta cidadão”.

O objetivo central do Programa é criar as condições mais adequadas para que o atleta, foco do Programa, possa desenvolver suas potencialidades, não só no campo técnico esportivo, bem como, o empoderamento de sua cidadania. O Programa oferece orientação para a vida do dia-a-dia, formação educacional através de bolsas de estudos, qualificação técnica para o mercado de trabalho e formação profissional, assim como, o devido acompanhamento em todas essas etapas (CPB, 2019b).

A ideia central é oferecer aos atletas paralímpicos a possibilidade de realizar curso superior, especialização e capacitação, tanto depois que encerrarem a carreira no esporte, ou mesmo durante, preparando-o para tal momento. A organização, nesse caso, busca participar das decisões que serão tomadas pelo indivíduo em relação à gestão de sua carreira, possibilitando, assim, uma ação conjunta de gerenciamento (DUTRA, 1992).

Também foram observados nas narrativas os impactos produzidos pela atuação como atletas paralímpicos para a vida de outras pessoas.

²⁹ Ver Lei n. 10.891, de 9 de julho de 2004.

[...] o impacto nas vidas das pessoas, é o que eu falei pra você (nomes de atletas com deficiência do estado do entrevistado) essas pessoas tiveram parte na vida das pessoas, no sentido de influenciar, de viver, que a vida não é... não é porque você tem uma deficiência que você tem que baixar a cabeça e viver se amargurando. Não é. E outra coisa que eu tenho que dizer é que nem todo deficiente é atleta, porque as coisas não é assim também. Não é porque é deficiente é atleta, tem que ter um pouco de dom pra isso (Entrevistado 6).

O entrevistado traz em sua narrativa a importância da figura de um atleta com deficiência para as pessoas com deficiência, mas ponderando a relação entre ter uma deficiência e ter que ser um atleta. Nesse sentido, Hardin e Hardin (2004)³⁰, citado por Hilgemberg (2014, p. 51), apontam uma problemática que envolve a representação social de um atleta como um herói, “primeiro, a deficiência não é socialmente construída, mas é equivalente a uma limitação que pode e deve ser superada pela dedicação dos indivíduos; e, segundo, por padrão, todas as pessoas com deficiência que não atingem esse tipo de *performance* são consideradas preguiçosas e sem autodisciplina”. Ao mesmo tempo que pode contribuir para influenciar positivamente na vida de outras pessoas, sobretudo daquelas com algum tipo de deficiência, pode também ser motivo de cobrança por ajustamento social de todos que se enquadram a esse grupo.

Depois de identificadas os impactos percebidos pelos entrevistados, bem como seus desdobramentos, na próxima subcategoria será abordado o tempo do esporte na trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa.

6.4.2 O tempo no esporte durante a trajetória de vida: ruptura ou continuidade?

A carreira no esporte pode ser compreendida também por suas mudanças e transições ao longo da vida de um atleta (HAIACHI *et al.*, 2016). Do início no esporte até sua inserção no esporte paralímpico, a busca por bons resultados para competir mundialmente, entre outros, demonstra que a carreira no esporte paralímpico pode apresentar características de instabilidade (BALASSIANO; VENTURA; FONTES FILHO, 2004; BENDASSOLLI, 2009). Além disso, como no esporte de alto rendimento o “instrumento de trabalho” do atleta é o seu corpo, o tempo em que vão conseguir permanecer com bom desempenho pode se apresentar como incerto. Essa incerteza foi identificada nas narrativas dos entrevistados, que contaram

³⁰ HARDIN, M.; HARDIN, B. The Supercrip in sport media: wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. *Sociology of Sport Online-SOSOL*, v. 7, n. 1, 2004.

sobre as ações que, durante a atuação como esportistas, foram pensadas e realizadas, a fim de buscar possibilidades de caminhos para depois do esporte.

Porque eu sempre acreditava assim, que a gente tinha que ter uma formação sim, porque essa vida de atleta **ela tem um prazo de validade**. Ela acaba, um dia ela acaba (Entrevistada 3, grifo nosso).

Me formei em (curso), passei em um concurso, fiz isso para garantir um futuro, pois no Brasil não há aposentadoria para atletas. Comecei a trabalhar na época para não perder a oportunidade de ser concursada (Entrevistada 5).

Olha era muito arriscado você deixar... treinar, treinar pra depois não ter... quando parar um dia e não ter nada certo né. Aí eu fui trabalhar, porque se não desse certo na piscina eu tinha trabalho, que hoje eu tenho. Daí eu fazia as duas coisas porque não era que nem oferta de futebol que ganha milhões e milhões [...] O dinheiro era uma mixaria, o que eu conquistei foi porque eu fui organizado e tenho algumas coisas. Mas alguns atletas têm nada realmente (Entrevistado 6).

As narrativas dos entrevistados demonstram a preocupação e, ao mesmo tempo, a instabilidade da carreira no esporte paralímpico, levando-os a buscar qualificação durante a atuação como atletas. Essa instabilidade pode ser associada à falta de estrutura adequada que possibilite ao indivíduo se dedicar somente a carreira (VELOSO; DUTRA, 2010), ou ter que se planejar financeiramente. Na narrativa da entrevistada 3, pode ser observado quando se refere à vida “com prazo de validade”. Com exceção de um dos entrevistados, que já tinha curso superior quando iniciou no esporte de alto rendimento, e o que não tem curso superior, todos os outros iniciaram formação acadêmica em paralelo com a carreira, e alguns ainda começaram a trabalhar em outra área, como mencionado pela entrevistada 5.

A descontinuidade ou a “aposentadoria” do esporte paralímpico também foi narrada pelos entrevistados. Diferentes razões foram mencionadas, a maioria relacionada ao desgaste do corpo em consequência dos esforços do esporte de alto rendimento. O entrevistado 2 faz uma ressalva interessante, quando se refere à continuidade de uma carreira, fora do esporte paralímpico. Ao deixar de competir, o entrevistado percebe o processo como oportunidade de dar sequência às outras atividades laborais que levava paralelamente ao esporte, não reconhecendo a circunstância como um tipo transição (VELOSO, 2009), mas que sua vivência profissional relaciona-se a mais de uma ocupação, não permanecendo somente em uma ao longa da vida (CHANLAT, 1995; BARROS, 2010).

Ah, porque... porque eu tava velho mesmo. Apesar de que na última competição eu já estava com 41 anos quase, e eu consegui melhor

performance então... foi bem legal... [...] eu sabia que já tinha dado tudo ali já, já tinha dado tudo que tinha que dá, a partir daí seria muito difícil manter o mesmo nível. Então resolvi parar por causa disso e porque tinha ainda uma carreira a seguir profissionalmente, tanto aqui, como no (outro local de trabalho) [...] eu não tive uma troca de carreira. (Entrevistado 2).

Por outro lado, a trajetória de um dos entrevistados apresenta uma fase negativa da carreira no esporte no que diz respeito ao modo como foi “encerrada”. Segundo Veloso (2009), o retorno de uma mãe ao trabalho pode ser compreendido como um tipo de transição, mas que, no caso da entrevistada 3, não aconteceu. A decisão, nesse caso, foi entendida pela entrevistada como externa, que envolveu representantes ligados à organização responsável pela sua modalidade. Nesse sentido, a continuidade na carreira pode depender de fatores extrínsecos, ou seja, que vão além do indivíduo.

E a minha intenção não era parar a minha carreira, não era encerrar minha carreira, eu não encerrei minha carreira. Eu não cheguei pro (treinador) e (guia), que na época era meu guia, e falei: - Olha não quero mais correr depois da minha filha não. Eu não disse nunca isso. Você não vai ter essa gravação, nem você vai ter as pessoas dizendo isso, que eu falei que eu queria acabar minha carreira. Eles simplesmente não me deram opção de voltar (Entrevista 3).

Nessa situação, a presença de familiares pode exercer fortes influências, e no caso da entrevistada 3, também contribuiu para que não fosse possível retornar aos treinos, pois não moravam na mesma cidade. Já a entrevistada 5 pôde contar com a família para voltar aos treinos, como relatado abaixo.

Quando eu tive meu filho, que eu tive (nome do filho) em 2006 né? Aí logo eu tive que voltar a competir, então eles ajudavam a cuidar do meu filho, e... quando a gente tem filho se o filho não tá bem, como que a gente vai ficar bem né? Então meu pai e mãe me ajudaram com tudo isso aí. Meu marido também né (Entrevistada 5).

A maternidade pode ser uma questão importante quanto às decisões na carreira de uma mulher. Essa questão pode ser ainda mais expressiva quando a mulher em questão é atleta de alto rendimento, que precisa retornar para treinamento o quanto antes, dependendo da modalidade em que atua. Tal situação está relacionada à complexidade das dinâmicas relacionadas ao trabalho e, conseqüentemente, às carreiras contemporâneas (CHANLAT, 1995). Isso porque apesar de os entrevistados homens também terem filhos, a paternidade não foi mencionada por eles como uma questão que afetou em algum momento a atuação profissional deles no esporte.

Também foi relatado pelos entrevistados o processo de parar de competir, que pode ser interpretado como um processo de transição de carreira (ANDERSON; TONATO; TAVARES, 2019; BOEHS; SILVA, 2017; VELOSO, 2009; VELOSO; DUTRA, 2010).

Foi bom até, porque mesmo eu planejando tudo, eu tinha um pavor assim de pensar na ideia de parar. E a equipe me ajudou muito com conversas, de que não é nenhum “bicho de sete cabeças” assim. É uma fase na vida que é necessária. E hoje eu tô muito muito muito muito mais tranquilo mesmo em questão de ter que parar (Entrevista 1).

O entrevistado 1 expressa seu sentimento quando pensava no processo de transição, demonstrando medo com a possibilidade de mudança, que pode estar relacionado à insegurança e ansiedade que partem de expectativas futuras (DUARTE; MELO-SILVA, 2009). O apoio psicológico, para o entrevistado, foi essencial para que pudesse compreender tal fase. A entrevistada 4 conta sobre como planejou previamente parar de competir, em paralelo ao esporte de alto rendimento. Na narrativa, quando a atleta diz que, em algum momento, teria que “enfrentar o mercado de trabalho”, é como se ela não se percebesse nesse ambiente, estando no esporte. Essa percepção pode estar relacionada ao trabalho como um lugar fixo de atuação em uma organização, com características do modelo tradicional (CHANLAT, 1995). E também relacionada ao contexto do indivíduo, que, no caso da entrevistada, o tipo de sua deficiência pode direcioná-la para uma área específica de trabalho.

É... eu já que meio que me preparei antes, vamo dizer assim, pra esse momento né. Tanto é que eu estudei, eu me formei em 2002, então, até então eu levava o esporte e os estudos. Depois que eu me formei, que eu realmente me dediquei só ao esporte. Mas pra mim, o estudo sempre foi importante porque eu sabia que um dia eu ia parar e um dia eu ia ter que **enfrentar o mercado de trabalho** né? [...] na verdade eu parei de nadar e falei assim: - Eu não quero trabalhar em telemarketing, em telemarketing eu não quero. Porque a maioria das coisas que colocavam deficiente visual é telemarketing (Entrevistada 4, grifo nosso).

As percepções dos entrevistados em relação ao tempo de atuação no esporte paralímpico indicam duas questões: que a carreira gera inseguranças e incerteza, e ao mesmo tempo, suscita nos entrevistados a busca por algo permanente e estável. A gestão da carreira, nesse sentido, depende principalmente das decisões da própria pessoa (SILVA; BALASSIANO; SILVA, 2014), que precisa se organizar e buscar alternativas para se desenvolver, sobretudo profissionalmente.

O desenvolvimento da carreira do atleta paralímpico pôde ser observado a partir da compreensão dos contextos envolvidos, que dizem respeito não só às questões ligadas às organizações em que o sujeito atua (dimensão objetiva), mas também em como esse sujeito compreende seu processo de desenvolvimento e as decisões tomadas por eles. Dessa forma, foi possível identificar como a carreira está intimamente atrelada à trajetória de vida desses sujeitos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, objetivou-se compreender a carreira de ex-atletas paralímpicos brasileiros, por meio de elementos de sua trajetória de vida. Optou-se pela entrevista narrativa como técnica de coleta de dados; tratados e analisados por meio da análise de conteúdo temática.

Ao conhecer aspectos da dimensão objetiva da carreira no esporte paralímpico, apreendeu-se que não há uma estrutura predeterminada descrita formalmente para se desenvolver como atleta paralímpico. Entretanto, há uma expectativa quanto aos resultados do desempenho dos atletas, em que o máximo deve ser atingido (para participação em competições mundiais e boas colocações nessas competições). Por outro lado, ainda que os atletas tenham a percepção da necessidade dos esforços e dedicação demandados pela carreira no esporte, reconhecem como importante a imagem que passam como exemplo de superação para as outras pessoas.

A Classificação Funcional no esporte paralímpico, para a carreira, pode ser observada como um instrumento de seleção com regras e normas (e, por isso, um aspecto objetivo da carreira) específicas em cada modalidade e para cada tipo de deficiência. Suas implicações podem afetar diretamente o desenvolvimento de um atleta. A percepção dos entrevistados está diretamente relacionada ao processo que cada um experimentou, que envolve tanto a modalidade, quanto o tipo de deficiência. Para aqueles entrevistados que tiveram a classificação modificada ao longo do tempo, o caráter subjetivo da avaliação foi mais evidenciado, quando comparado com entrevistados que não tiveram alteração em suas classificações. No primeiro caso, o processo de classificação pode ser, para a carreira, fonte de insegurança advinda das mudanças ou transições, exigindo do indivíduo constante adaptações, lidando, dessa forma, com a instabilidade na carreira.

As motivações para que os entrevistados iniciassem a prática no esporte são variadas e diretamente relacionadas a influências tanto interna (do próprio indivíduo: pela realização,

aprendizagem e superação), como externa (das relações sociais, familiares). Não tiveram, no geral, relação direta com a reabilitação e a inclusão e, conseqüentemente, com a deficiência. Entretanto, os entrevistados reconheceram os diversos aspectos positivos.

Os entrevistados, em geral, tiveram seus primeiros contatos com o esporte paralímpico por meio de indicação, em que o indivíduo é reconhecido pelo potencial para se desenvolver como atleta de alto rendimento. Para a carreira, pode-se identificar que a percepção do talento da pessoa pode vir por orientações externas, transformando-se em oportunidades para o crescimento na carreira, no caso, competir em níveis nacional e internacional. Por outro lado, identificou-se também que o contexto (competições com pessoas sem deficiência) de atuação do indivíduo pode limitar tal ascensão para o atleta com deficiência, quando não há espaço para que suas habilidades sejam expandidas.

A permanência na carreira foi associada pelos entrevistados a várias questões relacionadas com o desenvolvimento dos atletas. Nesse sentido, a carreira é compreendida como um ambiente possível para que o indivíduo se desenvolva como um trabalho e, conseqüentemente, percebendo as realizações para si. Além disso, o reconhecimento social da pessoa com deficiência, quanto à sua imagem de superação, pode possibilitar uma mudança de percepção social em relação a essas pessoas.

As interpretações e significados atribuídos à prática do esporte, pelos entrevistados, estão relacionados com a possibilidade de desenvolvimento em diferentes dimensões, como pessoal e também social, em que se pode promover mudanças também nesses níveis. A maior visibilidade dada ao esporte paralímpico no país, na última década, foi em decorrência de vários fatores relacionados ao contexto, à organização e ao indivíduo: investimentos públicos e privados, resultados expressivos em competições internacionais, planejamento de metas e objetivos da organização esportiva. Dessa forma, há interligação entre as dimensões objetiva e subjetiva.

Além disso, a percepção dos entrevistados quanto aos relacionamentos estabelecidos com outros atletas ao longo de suas trajetórias demonstra a convivência em ambientes que possibilitaram o desenvolvimento interpessoal. Para a carreira, tais relações podem contribuir para o desenvolvimento profissional indivíduo.

Foi observado também nas narrativas que, ao se desenvolverem no esporte paralímpico, os entrevistados também tiveram momentos de autoavaliação, em que sua identidade pode ser revisada, a partir da inserção em um novo contexto. Nesse caso, a aceitação da deficiência foi desencadeada pelo acesso em ambientes com grupos de pessoas

que os indivíduos se identificaram, em outras palavras, ao participarem de competições com atletas com deficiência.

O esporte como possibilidade de desenvolvimento profissional, da percepção dos entrevistados, ocorreu, no geral, quando obtiveram resultados para participar de competições internacionais, ou pela convocação para seleção. Isso demonstra que a possibilidade de carreira foi percebida a partir da inserção nos altos níveis de competição, ou seja, com a progressão do indivíduo, ainda que não significasse, inicialmente, retornos financeiros.

São muitos os impactos do esporte percebido pelos entrevistados, principalmente em relação ao desenvolvimento pessoal, ainda que de maneiras diferentes. Entretanto, para se atingir resultados a nível do esporte de alto rendimento, os entrevistados relatam as consequências para o cotidiano, permeado por renúncias e conciliações. Nesse sentido, a carreira demanda dos indivíduos que sejam multifuncionais.

A carreira não foi, para todos os entrevistados, um meio de obtenção de autonomia financeira. Contudo, os resultados concretizados por meio da conquista, por exemplo, de medalhas, são percebidos por alguns como uma realização material e por outros mais como uma realização humana.

Além de impactos positivos, na trajetória de vida de alguns dos entrevistados, a carreira foi percebida em seu aspecto negativo, relacionado ao tempo de dedicação que, em contrapartida, não possibilitou a segurança de futuros benefícios advindos da aposentadoria. Essa questão indica que a instabilidade da carreira pode gerar no indivíduo o desejo da estabilidade. No que diz respeito a ações para minimizar tal problemática, existe hoje um projeto do Comitê Paralímpico Brasileiro que auxilia os atletas tanto durante a carreira, estimulando a busca por qualificação, como para os atletas que estão em processo de encerramento e aqueles que já não competem mais.

Foi identificada também a questão do tempo de atuação no esporte paralímpico. A carreira, assim, é percebida pelos entrevistados como instável, uma vez que em suas narrativas a busca por qualificação e/ou por outra atividade laboral, durante a atuação como esportistas, foi revelada. A falta de estrutura do esporte que não proporcionou suporte necessário influenciou a busca por outro tipo de atividade que garantisse certa segurança e estabilidade.

Entre as razões para que os entrevistados deixassem de competir, a principal está relacionada ao desgaste físico, decorrente, sobretudo, dos treinamentos intensos, característico do alto rendimento e/ou por não conseguir alcançar mais o mesmo desempenho. A saída pode

significar a continuidade de outras atividades/funções/ocupações que já eram exercidas ou início de nova atividade laboral.

Pode ocorrer uma interrupção, inicialmente momentânea, no caso das mulheres, para gerar um filho. O retorno pode depender de questões externas à mulher, que sem apoio da família, amigos e da organização esportiva, pode não conseguir voltar. Além disso, o corpo de um atleta é seu instrumento de trabalho. Assim, para a mulher, a gestação pode ser considerada como um “desgaste” interno que também pode refletir no seu retorno, uma vez que, para se obter um desempenho em nível de alto rendimento, ela precisa o quanto antes voltar aos treinamentos e recuperar a forma física. E aí, entra a influência dos aspectos externos à atleta, no que se refere aos cuidados com o bebê, tradicionalmente atribuídos à mãe e que podem dificultar ainda mais o seu retorno às competições.

O processo de encerramento da vida como atleta, que também pode ser chamado de transição de carreira, pode ser um momento em que sentimentos de excessivo medo são gerados, demandando auxílio psicológico para que o indivíduo passe por essa experiência de forma positiva. Organizações que têm programas voltados para o acompanhamento, nesses casos, apresenta-se como uma estratégia de gestão de pessoas que pode contribuir tanto para o indivíduo como para a própria organização.

Ainda que o intuito desta pesquisa não fosse traçar um perfil para a carreira do atleta paralímpico, foram identificadas algumas pistas que podem indicar uma orientação. Desse modo, a carreira proteana está relacionada à “versatilidade, contínua adaptação e resiliência” (BENSASSOLLI, 2009, p. 392). Pode-se dizer que, com base nas narrativas da trajetória de vida dos entrevistados desta pesquisa, a carreira de atletas paralímpicos se aproxima dessa concepção. Questões sobre aprendizagem, realizações que vão além do trabalho e a expansão da identidade (BALASSIANO; VENTURA; FONTES FILHO, 2004) também foram observadas. Além disso, também foi possível identificar que a trajetória de vida desses ex-atletas também é permeada pela movimentação dos sujeitos para outras ocupações ou empregos fora do esporte paralímpico, como ocorre nas carreiras sem fronteiras. O caráter, muitas vezes, instável da carreira, suscitou nos sujeitos da pesquisa o desejo de estabilidade e segurança, característico dos modelos tradicionais. Dessa forma, a carreira no esporte paralímpico brasileiro, da perspectiva dos sujeitos dessa pesquisa, não segue necessariamente um único tipo de carreira.

As questões apontadas na pesquisa, permitem refletir que o contexto social e econômico influencia nas mudanças da realidade da carreira paralímpica. Tanto em relação à sua visibilidade social, como no apoio para os atletas que estão atuando, se comparado com os

ex-atletas, repercutindo nas suas percepções e relações. Entretanto, apesar do crescimento do esporte paralímpico no país e da possibilidade de desenvolvimento de uma carreira para os atletas, os desafios continuam para os indivíduos e para as organizações. Um desses desafios relaciona-se à classificação funcional, quesito particular dessa carreira, que pode refletir no tempo e desenvolvimento de atuação, mas também na percepção do próprio atleta em relação a si mesmo. Outro desafio se relaciona à mulher e seu corpo, no caso da maternidade. Uma demanda diferenciada que pode refletir diretamente na carreira no esporte, uma vez que envolve não só o retorno aos treinos, mas um novo papel para a atleta.

A presente pesquisa contribui com os estudos da área de Organizações, Gestão e Sociedade, buscando ampliar a compreensão sobre a gestão de carreiras no contexto social e, conseqüentemente, as dinâmicas e relações mais amplas que as envolvem. A característica interdisciplinar da abordagem dos estudos sobre carreiras utilizada viabilizou o amadurecimento profissional da pesquisadora. Sobretudo na área acadêmica, a partir dos conhecimentos teóricos, práticos e científicos adquiridos ao longo do mestrado e consolidados com a realização desta pesquisa.

Assim, respondendo à questão norteadora da pesquisa: como os ex-atletas percebem sua carreira no esporte paralímpico? A percepção dos entrevistados desta pesquisa indica que a carreira no esporte possibilita o desenvolvimento profissional, mas, sobretudo pessoal, físico, cultural, interpessoal, proporcionando a reflexão sobre si mesmos, como pessoas com deficiência e sobre o seu lugar no mundo, suas relações sociais, familiares e no trabalho. Além disso, a partir da atuação dos atletas, permite-se que outras pessoas também reflitam e reavaliem suas percepções e expectativas a respeito delas. Contudo, a carreira no esporte pode ser também fonte de insegurança, uma vez que tanto o tempo como atleta, quanto o retorno financeiro no Brasil são marcados pela incerteza, vivenciando, assim, um conjunto de contradições.

Uma das limitações desta pesquisa, está na impossibilidade de realização de todas as entrevistas de forma presencial. O contato realizado a distância pode restringir a interação com os sujeitos e interferir na coleta de dados. A dificuldade de acesso aos sujeitos para a pesquisa também foi um fator dificultador, que demandou maior tempo com a busca e agendamento de entrevistas. Tal fato pode ser associado tanto ao recorte estabelecido, considerando que o esporte paralímpico é recente no país e, por isso, a quantidade de sujeitos é limitada; como também pela não vinculação da imagem do atleta à pesquisa, conforme as exigências éticas da ciência, o que pode ter desmotivado a participação de alguns na pesquisa.

Como sugestões de pesquisas futuras, a investigação da carreira de atletas ou ex-atletas paralímpicos com deficiência adquirida apresenta-se como potencial, pois permitiria compreender tanto suas peculiaridades como suas aproximações com a presente pesquisa. Outras possibilidades de agenda de pesquisa seriam: a escolha por atletas ou ex-atletas paralímpicos de esportes coletivos também pode contribuir com os estudos sobre carreiras, uma vez que possibilitaria conhecer também essa realidade; o aprofundamento nas questões que envolvem papéis e a identidade de atletas paralímpicos; pesquisas que também abordem as questões das mulheres com e sem deficiência no esporte; e a discussão em relação a uma nova categoria denominada “trans”, o que também seria relevante nos estudos sobre carreira no âmbito dos Estudos Organizacionais, buscando compreender tanto a questão da identidade, como o comportamento das organizações frente a esse novo desafio.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, G. M. 2012. Natação. MELLO, T. M; WINCKLER, C. (Eds.) **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.
- ALMEIDA, D. M.; MOURA, G. L.; SANTOS, R. de C. T. Formas como os Profissionais Que Atuam ou Possam a Vir Atuar Veem as Possibilidades de Trabalho de Pessoas com Deficiência (PcDs). In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 5, 2015, Salvador. **Anais...** Salvador/BA: ANPAD, 2015.
- AMBIEL, R. A. M. Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, 2014.
- ANDERSON, M. M. de M.; TONATO, R. M.; TAVARES, L. M. Transição de carreira: mudança profissional a partir dos 40 anos. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**, v. 9, n. 1, 2019.
- ARAÚJO, P. F. de. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os Sentidos do Trabalho e suas Implicações na Formação dos Indivíduos Inseridos nas Organizações Contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, 2007.
- ARTHUR, M.B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. Generating new directions in career theory: the case for a transdisciplinary approach. In: ARTHUR, M.B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. (Ed.) **Handbook of career theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 7-25.
- ARTHUR, M.B.; ROUSSEAU, D.M. The boundaryless career as a new employment principle. In: ARTHUR, M.B.; ROUSSEAU, D.M. **The boundaryless career: a new employment principle for a new organizational era**. New York: Oxford University Press, 1996. p.3-20.
- ASSUNÇÃO, R. V.; CARVALHO-FREITAS, M. N. de; OLIVEIRA, M. S. de. Satisfação no trabalho e oportunidades de desenvolvimento da carreira entre profissionais com deficiência. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 15, n. 4, p. 340-351, 2015.
- ATKINSON, Robert. The Life story interview. In: GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. **Handbook of interview research: context & method**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2001.
- AZEVEDO, M. A. O.; FILHO, A. G. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 3, 2011.
- BAILEY, S. **Athlete first: a history of the paralympic movement**. West Sussex: John Wiley, 2008.

BALASSIANO, M.; VENTURA, E. C. F.; FONTES FILHO, J. R. Carreiras E Cidades: Existiria Um Melhor Lugar Para Se Fazer Carreira? **Revista de Administração Contemporânea**, 8(3), p. 99-116, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v8n3/v8n3a06>. Acesso em 03 jun. 2018.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006.

BARDIN, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARLEY, S. R. Careers, Identities and Institutions: the legacy of the Chicago School of Sociology. In: **Handbook of career theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 41-65.

BARNET, S.; BERNAL, J. S.; MARTÍNEZ-FERRER, J. O.; BALIC, M. G. Engagement y trayectoria profesional en técnicos de deporte adaptado. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 1, p. 245-253, 2015.

BARRETO, M. A. **Esporte paralímpico brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992)** 115p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BARROS, A. F. Desafios da psicologia vocacional: Modelos e intervenções na era da incerteza. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 165-175, 2010.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2989-2997, 2016.

BELDAME, Y.; LANTZ, E.; MARCELLINI, A. Expériences et effets biographiques du sport adapté de haut niveau. Étude de trajectoires sportives et professionnelles d'athlètes catégorisés comme ayant une déficience intellectuelle. **Alter, European Journal of Disability Research**, v. 10, n. 3, p. 248-262, 2016.

BELFORT, P.; BRAGA A.; FREIRE, N. S. Malformação arteriovenosa uterina após doença trofoblástica gestacional. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, São Paulo, v. 28, n. 2, p.112-121, fev. 2006.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, out./dez. 2009.

BENFICA, D. T. **Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência**. 2012. 115p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

BENTO, J. **Desporto: Discurso e Substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.

BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças para a prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.13, n. 1, p. 99-107, 2002.

BODAS, A., LÁZARO, J., FERNANDES, H. Perfil psicológico de prestação dos atletas paralímpicos Atenas. **Motricidade**, 3(3), p. 33-43, 2007.

BOEHS, S. de T. M.; SILVA, N. Papel de trabalho, carreira, satisfação de vida e ajuste na aposentadoria. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 2, p. 141-153, 2017.

BOTT, E. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRASIL. Lei n. 11.438, de 29 de dezembro de 2006. **Incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo**. Brasília/DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111438.htm>. Acesso em 01 de jun. 2018.

_____. Lei n. 13.146, de 6 julho de 2015. **Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência)**. Brasília/DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm>. Acesso em 05 de set. 2018.

_____. Ministério Do Esporte. **Informações sobre o bolsa atleta**. 2018. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BRITO, D. C. S. de. A orientação profissional como instrumento reabilitador de pacientes portadores de doenças crônicas e deficiências adquiridas. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 106-119, 2009.

BROHM, J. M. 20 tesis sobre el deporte. In: GONZÁLEZ, J. I. B. **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993. p. 47-55.

CAMONA, E. K. **Atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos jogos paralímpicos: cenários e memórias**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, 2011.

CARDOSO, V. D. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, 2016.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. Cesar. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Conexões**, v. 12, n. 2, p. 132-146, 2014.

CARVALHO, F. A. P. **Carreira e aprendizagem: um estudo com gestores públicos federais egressos da Escola Nacional de Administração Pública**. Tese (Doutorado em Administração) UFMG, Belo Horizonte, 2015. p. 30-45/p. 63-66.

CARVALHO-FREITAS, M. N.; SOUTO, J. F.; SIMAS, A. L. B.; COSTA, N. B.; SANTOS, L. M. M. Trabalhar com Pessoas com Deficiência: futuros profissionais têm essa disposição? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

CASTRO, E. M. de; FIGUEIREDO, G. A.; IASI, T. C. P.; BAGATINI, L. Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 17, n. 02, 2017.

CASTRO, F. de C.; RODRIGUES, M. R. Diversidade e Pessoas com Deficiência: a Percepção de PcDs sobre as Práticas de Recursos Humanos Adotadas em uma Organização Financeira. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 39, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte/MG: ANPAD, 2015.

CASTRO, M. de. *Atividade Física Adaptada*. Ribeiro Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CASTRO, S. S. de.; CESAR, C. L. G.; CARANDINA, L.; BARROS, M. B. A.; ALVES, M. C. G. P.; GOLDBAUM, M. Deficiência visual, auditiva e física: prevalência e fatores associados em estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 1773-1782, 2008.

CERQUEIRA D.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. de. Judô. In: MELLO, M. T. de.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.6, p.67- 75, 1995.

CIAMPA, A. da. C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. de. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

COHEN, L; DUBERLEY, J; MALLON, M. Social constructionism in the study of career: Accessing the parts that other approaches cannot reach. **Journal of Vocational Behavior**, v.64, n.3, p.407-422, 2004.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). **Convocação de atletas paralímpicos para os jogos no Rio de Janeiro em 2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.cpb.org.br/noticias/-/asset_publisher/IU3LNvrdeyoz/content/comite-paralimpico-brasileiro-convoca-278-atletas-para-os-jogos-paralimpicos-rio-2016?inheritRedirect=false. Acesso em: 13 jul. 2018

_____. **Estatuto**. Brasília/DF, 1995. Disponível em:
<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Novo_EstatutoCPB_122017/3e5ccd10-b388-4ede-b424-944be3a6710c>. Acesso em 23 de out. 2018.

_____. **Modalidades Paralímpicas**. 2019. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/web/guest/modalidades>>. Acesso em 21 fev. 2019.

_____. **Modalidade Paralímpica Judô**. 2019a. Disponível em:
<http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset_publisher/4O6JOgZOHDhG/content/id/22756>. Acesso em: 21 fev. 2019.

_____. **O programa CPB Atleta Cidadão**. 2019b. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/web/guest/apresentacao1>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

_____. **Planejamento Estratégico do Esporte Paraolímpico do Brasil: 2010-2016**. São Paulo, 2010. Disponível em:
<<http://gestaorecursos.cpb.org.br/documentos/planejamento/Planejamento-Estrategico-2010-2016.pdf>>. Acesso em: 30 de jun. 2018.

_____. **Relação de entidades filiadas e parceiras do Comitê Paralímpico Brasileiro**. São Paulo, 2019c. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/web/guest/confederacoes>. Acesso em: 21 fev. 2019.

CORREIA, L.M. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares**. Porto: Porto Editora, 1997.

COSTA, A. M. da; WINCKLER, C. A Educação Física e o esporte paralímpico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 01-31, fev. 2007.

CRAIDE, A. A Adoção da História de Vida em Pesquisas sobre a Interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 3, 2011, João Pessoa/PB. **Anais...** João Pessoa/PB: ANPAD, 2011.

CRATTY, B. J. **Psicologia no esporte**. Prentice-hall do Brasil, 1984.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010. 744p.

DEL CORSO, J.; REHFUSS, M. C.. The role of narrative in career construction theory. **Journal of Vocational Behaviour**. Volume 79, 2011, pp. 334-339.

DIMANDE, A. L. **Os conceitos de trabalho, profissão e ocupação**. São Luís: Instituto Superior Dom Bosco, 2010. 6 p. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/37782989/OS-CONCEITOSDETRABALHO-PROFISSAO-EOCUPACAO>>. Acesso em: 10 fev. 2019

DOUGLAS, S.; FALCÃO, W. R.; BLOOM, G. A. Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches With a Disability. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 35, n. 1, p. 93-110, 2018.

DUARTE, C. V; MELO-SILVA, L. L. Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. **Revisão Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 45-54, 2009.

DUTRA, J. S. Carreiras paralelas: uma proposta de revisão da administração de carreiras. **Revista de Administração**, v. 27, n. 4, 1992.

ERICSSON, K. A.; CHARNESSE, N.; FELTOVICH, P. J.; HOFFMAN, R. R. (Eds.). **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. New York: Cambridge University Press, 2006. 901p.

FAIRHURST, K. E.; BLOOM, G. A.; HARVEY, W. J. The learning and mentoring experiences of Paralympic coaches. *Disability and health journal*, v. 10, n. 2, p. 240-246, 2017.

FALQUETO, J. M. Z.; HOFFMANN, V. E.; FARIAS, J. S. Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: Relato de uma Experiência de Aplicação em Estudo na Área de Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 1, n. 3, p. 40-53, 2018.

FERNANDES, A. L.; MOURA, A. S. D.; RIBEIRO, L. P. O processo de recrutamento e seleção do profissional portador de deficiência nas organizações: inclusão ou integração. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 3, 2011, João Pessoa/PB. **Anais...** Brasília/DF: ANPAD, 2011.

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. São Paulo: Nova fronteira, 1994.

FERREIRA, S. A.; NETO, L. M. da S. O Cenário da Inclusão de Pessoas com Deficiência em Organizações Públicas: o Caso do Tribunal Regional Eleitoral do Tocantins. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 9, 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte/MG: ANPAD, 2016.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, Aug. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2018.

FREITAS, C. M. de L.; SILVA, W. A. C.; HONÓRIO, L. C. A Responsabilidade Social e a Inserção de Pessoas com Deficiência em uma Instituição de Ensino Superior de Belo Horizonte - MG. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 40, 2016, Costa do Sauípe. **Anais...** Costa do Sauípe/BA: ANPAD, 2016.

GARCIA, R., LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de Desporto**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.

GASPAR, M. A.; KUBO, E. K. de M.; LEANDRO, D. de P.; SANTOS, K. da S.; NAGAI, L. H. Qualidade de Vida no Trabalho para Pessoas com Deficiências: um Estudo Empírico. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 7, 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba/PR: ANPAD, 2012.

GOFFMAN, E. (1981). **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. (Traduzido por Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes). 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAIACHI, M. C; CARDOSO, V. D; FILHO, A. R. R; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2999-3006, 2016.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002. 345p.

HALL, D. T., et al. **The career is dead, long live the career: a relational approach to careers**. San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1996.

HILGEMBERG, T. F. Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 30, p. 48-58, 2014.

HUGHES, E. C. Careers. **Qualitative Sociology**, Vol. 20, No. 3, 1997.

IGLESIAS, V. D. O.; CARVALHO-FREITAS, M. N.; SUZANO, J. de C. C. Estereótipos e Preconceito em Relação às Pessoas com Deficiência: a perspectiva dos gestores. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 37, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC). **Informações os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms4/hira/web/competition/rio-2016>>. Acesso em 6 mai. 2019.

JIMÉNEZ, R. B. **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dinalivro, 1997.

JONAS, C.; DUNN, M. B. Careers and institutions: the centrality of careers to organizations studies. In: GUNZ, H.; PEIRPEL, M. **Handbook of career studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007. p. 437-450.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JÚNIOR, H. G. V.; LIMA, D. A.; LIMA, T. C. B. A Socialização Organizacional de Pessoas com Deficiência Física. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 8, 2014, Gramado. **Anais...** Gramado/RS: ANPAD, 2014.

JUNIOR, O. F. B.; NUNES, S. C. Emprego Apoiado: Alternativa para a Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 40, 2016, Costa do Sauípe. **Anais...** Costa do Sauípe/BA: ANPAD, 2016.

KHAPOVA, S. N.; ARTHUR, M. B. Interdisciplinary Approaches to Contemporary Career studies. **Human Relations**, v.64, n.1, p. 3-17, 2011.

KHAPOVA, S.N.; ARTHUR, M.B.; WILDEROM, C.P.M. The subjective career in the knowledge economy. In: GUNZ, H.; PEIRPEL, M. **Handbook of career studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007. p.114-130.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, M. P. Significações do Trabalho e suas Repercussões para a Identidade de Pessoas com Deficiência Intelectual. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 41, 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2017.

_____. Qualificação Profissional de Trabalhadores com Deficiência: interfaces entre Educação Profissional e Educação Especial. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 8, 2014, Gramado. **Anais...** Gramado/RS: ANPAD, 2014.

_____. Recrutamento Online de Pessoas com Deficiência. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 4, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília/DF: ANPAD, 2013.

LIMA, M. P.; TAVARES, N. V. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

MACCALI, N.; MINGHINI, L., WALGER, de S. C.; ROGLIO de D. K. O método história de vida: desvendando a subjetividade do indivíduo no estudo das organizações. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 439-468, 2014.

MACIEL, L. H. R.; CAPPELLE, M. C. A.; CAMPOS, R. C. Continuando a jornada: explorando a recolocação profissional de ex-atletas de alto rendimento. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 14, n. 2, p. 78-91, 2015.

- MARQUES, D. S.; MOREIRA, T. P.; LIMA, T. C. B. Um Olhar sobre a Experiência de Inclusão de Pessoas com Deficiência que Trabalham em uma Universidade Pública. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 41, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo/SP: ANPAD, 2017.
- MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.
- MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. 2010. Tese de doutorado - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- MARQUES, U., CASTRO, J. A. M., SILVA, M. A. Atividade física adaptada: Uma visão crítica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 1, 73-79, 2001.
- MARTINS, H. T. **Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual e resultados de pesquisa**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- MATALINARES, M. S. de O.; MARQUES, A. L. A Gestão da Diversidade no Contexto do Setor Postal Brasileiro: Análise do Papel do Gestor na Inclusão da Pessoa com Deficiência na ECT. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 41, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo/SP: ANPAD, 2017.
- MATTAR, F. N.; MATTAR, M. (Orgs.). **Gestão de Negócios Esportivos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MAYRHOFER, W; MEYER, M. STEYRER, J. Contextual issues in the study of careers. In: GUNZ, G; PEIRPEL, M. (Ed.). **Handbook of career studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007. p. 215-240.
- MAZZOTTA, M. **Educação Escolar Comum ou Especial?** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1986.
- MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. **O Esporte Adaptado**. *Revista Digital*, v.8, n.51, Buenos Aires, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269 p.
- MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. 17(3):621-626. 2011
- MIRANDA, A. V.; CARVALHO, J. L. F. Pessoas com Deficiências, Inclusão Profissão e Ações Afirmativas: um Estudo no Setor de Óleo e Gás do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO

NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ: ANPAD, 2014.

MOORE, C; GUNZ, H.; HALL, D. T. Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In: GUNZ, H.; PEIRPEL, M. **Handbook of career studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007. P. 13-38.

MOREIRA, L. B.; CAPPELLE, M. C. A.; CARVALHO-FREITAS, M. N. A dinâmica identitária de pessoas com deficiência: um estudo no Brasil e nos Estados Unidos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

MOREIRA, L. B.; CAPPELLE, M. C. A.; MIRANDA, A. R. A.; ONUMA, F. M. S. Socialização organizacional de pessoas com deficiência: um estudo no Brasil e nos Estados Unidos. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 3, 2011, João Pessoa/PB. **Anais...** Brasília/DF: ANPAD, 2011.

OLETO, A. de F.; SILVA, A. G. C.; PAIVA, K. C. M. Assédio Moral e Pessoas com Deficiência: um Estudo de Processos do Tribunal Superior do Trabalho ou Encontros entre a Diversidade e o Abuso. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 40, 2016, Costa do Sauípe. **Anais...** Costa do Sauípe/BA: ANPAD, 2016.

OLIVEIRA, L. B. de. Carreiras “Exóticas”: o que Administradores Podem Aprender com as Vivências de Artistas, Atletas e Outros Profissionais. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**. ISSN 2237-1427, v. 1, n. 2, 2011.

OLIVEIRA, R. A. Elementos psicoterapêuticos na reabilitação dos sujeitos com incapacidades físicas adquiridas. **Análise psicológica**, v. 18, n. 4, p. 437-453, 2000.

OLTRAMARI, A. P.; GRISCI, C. L. I.; WEBER, L. Carreira e relações familiares: dilemas de executivos bancários. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 11, n. 1, p. 100-133, 2011.

PACIOREK, M. J. Esportes adaptados In: WINNICK, J. P. (ed.). **Educação física e esportes adaptados**. 3 ed, Barueri: Manole, 2004, p. 37-51.

PAIVA, L. E. B.; LIMA, T. C. B.; FILHO, J. C. L. da S.; PITOMBEIRA, S. S. R.; SILVA, J. F. B. A. Percepção de Sucesso na Carreira de Pessoas com Deficiência: Um Estudo em Organizações Cearenses. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 5, 2015, Salvador. **Anais...** Salvador/BA: ANPAD, 2015.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T. de.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PEREIRA, R.; OSBORNE, R.; PEREIRA, A.; CABRAL, S. I. A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: Um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant - Brasil. **Motricidade**. Vila Real, v. 9, n. 2, p. 95-106, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2013000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 jun. 2018.

QUISHIDA, A.; CASADO, T. Adaptação à transição de carreira na meia-idade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 2, 2009.

REIS, R. **Políticas Públicas para o Esporte Paralímpico Brasileiro**. 2014. 114p. Dissertação (Mestrado em educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

REZENDE, M. G.; CARVALHO-FREITAS, M. N. Inclusão de Pessoas com Deficiência no Trabalho: Como os Profissionais de Recursos Humanos Lidam com Essa Realidade? In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 8, 2014, Gramado. **Anais... Gramado/RS: ANPAD**, 2014.

RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, M. A. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2009.

RIVAS, F. **Asesoramiento Vocacional: Teoría, práctica e instrumentación**. Barcelona. Ariel Psicología, 2003.

ROJO, L. F. A classificação funcional no processo de construção de identidades entre atletas de esportes adaptados. **Teoria e Cultura**, v. 11, n. 3, 2017.

ROSA, M. E. A.; SANTOS, J. V. P.; SOUZA, A. A. A.; SANTOS, T. L. B.; PRADO, A. S. Empresa Inclusiva? Uma Análise Comparativa dos Discursos de Dirigentes e Trabalhadores com Deficiência de uma Empresa Cooperativa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 37, 2013, Rio de Janeiro. **Anais... Rio de Janeiro: ANPAD**, 2013.

ROSADA, S. de C. **Sucesso de Pessoas Portadoras de Deficiência Através da Prática Esportiva: Um Estudo de Caso**. 2000. 133 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RÚBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, n. 6, v. 119, p. 95-97, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2019

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural contexts. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 275-293.

SAMUEL, R. D.; TENENBAUM, G.; BAR-MECHER, H. G. The Olympic Games as a career change-event: Israeli athletes' and coaches' perceptions of London 2012. **Psychology of sport and exercise**, v. 24, p. 38-47, 2016.

SANTOS, A. L. P.; ALEXANDRINO, R. R. Desenvolvimento da Carreira do Atleta: Análise das Fases e Transições. **Revista da Faculdade de Educação Física**, Unicamp, v. 13, n. 2, p. 185-205, 2015.

SANTOS, W. R. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 501-519, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2018.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora—uma abordagem baseada na situação**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A.J.M.; SOUZA SOBRINHO, P.A.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico**: manual de orientação para professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. Disponível em: <http://www.informacao.srv.br/cpb/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SILVA, A. G. C.; HELAL, D. H. Políticas e Práticas de Gestão de Pessoas e a Inclusão de Pessoas com Deficiência nas Organizações de João Pessoa - PB. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 5, 2015, Salvador. **Anais...** Salvador/BA: ANPAD, 2015.

SILVA, H. I. P. B. **Andebol para Atletas com Deficiência Intelectual: a perspectiva de atletas, treinadores e psicólogos sobre o processo de classificação desportiva**. 2015. 235 f. Dissertação (Mestrado em Atividade Física Adaptada) – Faculdade de Desporto de Porto, Porto, 2015.

SILVA, J. R.; BALASSIANO, M.; SILVA, A. R. L. Burocrata proteano: articulações de carreira em torno e além do setor público. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, 2014.

SILVA, R. de F. da. **A atividade motora adaptada: o conhecimento produzido nos programas stricto-sensu em Educação Física no Brasil (2009)**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVEIRA, C. R. S. **Percepções de pessoas com deficiência sobre seu trabalho e sua inserção em organizações públicas: um estudo em um município do Sul de Minas**. 2017. 65 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, MG, 2017.

SULLIVAN, S. E.; BARUCH, Y. Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration. **Journal of Management, Stillwater**, v. 35, n. 6, p. 1542-1571, 2009.

SUZANO, J. de C. C.; CARVALHO-FREITAS, M. N. BRIGHENTI, C. R. G.; KEMP, V. H. Formas de Ver as Pessoas com Deficiência e Avaliação do Desempenho no Trabalho, por Tipo de Deficiência: a Percepção dos Gestores. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, n. 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

TEODORO, C. M. **Esporte Adaptado de Alto Rendimento Praticado por pessoas com deficiência: Relatos de Atletas paraolímpicos**. 2006. 134 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

TONI, M. de. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 246-286, 2003.

TONON, L. M. M. A influência da elegibilidade na carreira do atleta paraolímpico. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 1, p. 79-89, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, p. 159-176, 2005.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

VELOSO, E. F. R. **Carreiras sem fronteiras na gestão pessoal da transição profissional**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, 2009. 523p.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S. Evolução do conceito de carreira e sua aplicação para a organização e para as pessoas. In: DUTRA, J. S. (Org.) **Gestão de Carreiras na Empresa Contemporânea**, São Paulo: Atlas, p. 3-39, 2010.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais professores e técnicos. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 102-123, dez. 2008

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 624 p.

WINCKLER, C. 2012. Atletismo. In: MELLO, T. M; WINCKLER, C. (Eds.) **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

WINNICK, J. P. Introdução à educação física e esportes adaptados. In: WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri: Manole, 2004. p.3-19.

APÊNDICE A

Roteiro semiestruturado

Nome Completo.

Idade.

Escolaridade.

Modalidade(s) em que já competiu.

Classificação Funcional.

Descrição do tipo de deficiência.

1. Relação entre a infância e o esporte. Tinha ídolo(s) do esporte?
2. Havia pessoas da família que foram ou ainda são esportistas. Houve influência dessas pessoas?
3. Conte como foi seu início no esporte.
4. Quais os motivos que te levaram a praticar atividade física? Qual(is) esporte(s) praticou?
5. O que você esperava do esporte quando iniciou?
6. Quais dificuldades enfrentadas? E quais realizações desse período?
7. Conte sobre sua entrada no esporte paralímpico.
8. Qual era sua percepção em relação ao esporte naquela época? E em relação ao comitê paralímpico?
9. Você teve incentivos financeiros (bolsa, patrocínio, contratos) e apoio da família?
10. Fale sobre os principais obstáculos e as principais motivações.
11. Como você avalia a(s) classificação(s) pela(s) qual(is) passou?
12. Quando e como você percebeu que o esporte poderia ser uma possibilidade de desenvolvimento profissional?
13. Tempo de atividade como atleta paralímpico. Fale mais sobre isso.
14. O esporte proporcionou autonomia financeira?
15. Sua percepção em relação a você mesmo(a), mudou? (antes e depois de ser atleta)
16. Como você avalia os impactos do esporte para sua vida? Fale um pouco sobre esses impactos.
17. E para a vida de outras pessoas?
18. Por que você parou de competir? Você planejou?
19. Conte sobre o que você faz hoje. Teve influências de sua carreira no esporte?
20. Mais alguma coisa a acrescentar?